



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACED  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

**GARDÊNIA DE O. CARDOSO DOURADO**

**AS DIFERENÇAS NA QUALIDADE DE ENSINO E  
APRENDIZAGEM ENTRE OS TURNOS MATUTINO E VESPERTINO  
NO COLÉGIO MUNICIPAL EUFRÁSIO VILELA DOURADO – IBITITÁ-  
BA**

Salvador  
2015

# AS DIFERENÇAS NA QUALIDADE DE ENSINO E APRENDIZAGEM ENTRE OS TURNOS MATUTINOS E VESPERTINOS



**No Colégio Municipal Eufrásio Vilela  
Dourado – Ibititá-Ba**

**GARDÊNIA DE O. CARDOSO DOURADO**

**AS DIFERENÇAS NA QUALIDADE DE ENSINO E  
APRENDIZAGEM ENTRE OS TURNOS MATUTINO E VESPERTINO  
NO COLÉGIO MUNICIPAL EUFRÁSIO VILELA DOURADO – IBITITÁ-  
BA**

Projeto de Intervenção apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

SALVADOR  
2015

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Dourado, Gardênia de O. Cardoso.

As diferenças na qualidade de ensino e aprendizagem entre os turnos matutino e vespertino no Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado – Ibititá BA / Gardênia de O. Cardoso Dourado. - 2015.

110 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Santos de Assis.

Projeto de intervenção (Mestrado Profissional em Educação, Currículo Linguagens e Inovações Pedagógicas) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2015.

1. Fracasso escolar. 2. Discriminação na educação. 3. Distúrbios da aprendizagem. 4. Igualdade na educação. I. Assis, Alessandra Santos de. II. Universidade Federal da Bahia. Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas. III. Título.

CDD 371.285 - 23. ed.

# **GARDÊNIA DE O. CARDOSO DOURADO**

## **AS DIFERENÇAS NA QUALIDADE DE ENSINO E APRENDIZAGEM ENTRE OS TURNOS MATUTINO E VESPERTINO NO COLÉGIO MUNICIPAL EUFRÁSIO VILELA DOURADO – IBITITÁ-BA**

Projeto de Intervenção apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada por:

---

Dr<sup>a</sup> Alessandra Santos de Assis- Orientadora  
Universidade Federal da Bahia

---

Dr<sup>a</sup> Celma Borges Gomes - Parecerista  
Universidade Federal da Bahia

---

Dr<sup>a</sup> Giovana Cristina Zen- Parecerista  
Universidade Federal da Bahia

---

Dr<sup>a</sup> Maria Inez Carvalho - Parecerista  
Universidade Federal da Bahia

Salvador, 19 de Outubro de 2015

## **Dedicatória**

A todos os professores que lutam para combater a  
exclusão e a seletividade no cotidiano escolar.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, em quem depusitei toda confiança, quem me fortaleceu nos momentos mais difíceis dessa caminhada. Quem iluminou e ilumina os caminhos trilhados dando gratuitamente força e sabedoria para vencer os obstáculos.

A meu esposo, por compreender os momentos de dedicação nos estudos. A minha filha Ana Clara, por tudo que fez por mim nessa caminhada, Luana e Pedro pela força e solidariedade.

A minha irmã Cleone, pela confiança e otimismo. A Elizângela por aliviar as tensões aos domingos.

A minha sobrinha Isabel, por seu ilimitado interesse pelo projeto, dando sempre ideias e palpites.

A querida orientadora Alessandra Assis, pelo companheirismo, atenção, colaboração, sempre presente, mesmo estando tão distante geograficamente.

Aos Colegas Danilo, Claudeci e Jaciel, pela força e incentivo.

## ***Mudar.***

*“Mude, mas comece devagar, porque a direção é mais importante que a velocidade”.*

*“Veja o mundo de outras perspectivas. Abra e feche as gavetas e portas com a mão esquerda.*

*Não faça do hábito um estilo de vida.*

*Ame a novidade...*

*Tente o novo todo dia. O novo lado, o novo método, o novo sabor, Tente.*

*Busque novos amigos. Tente novos amores. Faça novas relações. Ame muito, cada vez mais, de modos diferentes. Experimente coisas novas. Troque novamente.*

*Mude de novo. Experimente outra vez. Você certamente conhecerá coisas melhores e coisas piores do que as já conhecidas, mas não é isso o que importa.*

*O mais importante é a mudança, o movimento, o dinamismo, a energia.*

*Só o que está morto não muda!”*

***(Clarice Lispector - Una propuesta de Vida Creativa)***



**DOURADO**, Gardênia de O. Cardoso. **As diferenças na qualidade de ensino e aprendizagem entre os turnos matutino e vespertino no Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado – Ibititá BA** / Gardênia de O. Cardoso Dourado. - 2015

## **RESUMO**

O presente Projeto de Intervenção apresentado como resultado final do curso de Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia é um trabalho de natureza crítica-reflexiva-propositiva que teve como ponto de partida a investigação educacional, visando à identificação, ao estudo de problemas e a recomendação de ações que colaborem com a mudança da realidade observada. O contexto investigativo é o Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado, situado na zona urbana do Município de Ibititá-Ba, que oferece Ensino Fundamental, dada a situação de exclusão, descaso e discriminação que marcam, em especial, os alunos do turno vespertino de modo distinto dos alunos do turno matutino. Os objetivos do Projeto são apresentar recomendações direcionadas para a melhoria de qualidade de ensino no turno vespertino e matutino, tendo como ponto de partida estudar as causas das diferenciações nas condições de estudo e de rendimento dos alunos entre os dois turnos. Para a construção da proposta, foi realizado um levantamento de estudos sobre as diferenças na qualidade do ensino e aprendizagem entre os turnos matutino e vespertino. Buscou-se aporte teórico em autores como Perrenoud, (2001); Freire, (2014); Gadotti, (2013); Bordieu Apud: João E Silva, (2014); Nogueira, (1998); Viana (2013); Tardif (2002). Foram coletados dados entre professores e estudantes, através de entrevistas, grupo focal e observação. Um dos resultados mais relevantes desse processo foi a identificação de fatores internos e externos à escola como possíveis responsáveis pelas diferenças de qualidade entre os turnos matutino e vespertino. Como conclusão, o presente trabalho aponta para a necessidade de um conjunto de ações articuladas, abordando as dimensões: estrutural e sociopedagógica, que ocorrerão simultaneamente. Com a Intervenção Estrutural não será dado a apenas alguns alunos o direito de escolher o turno para estudar. A Intervenção sociopedagógica, será proposto aos professores um trabalho mais coletivo, participativo e motivador, pelo qual serão criadas mais oportunidades de interação e (re) conhecimento de culturas entre escola, famílias e comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** 1. Fracasso escolar. 2. Discriminação na educação. 3. Distúrbios da aprendizagem. 4. Igualdade na educação.

**GOLDEN** , Gardenia O. Cardoso. **Differences in the quality of teaching and learning between the morning and afternoon shifts at the Municipal College Eufrásio Vilela Gold - Ibititá BA / Gardenia O. Cardoso Gold . - 2015**

### **ABSTRACT**

This Intervention Project presented as final result of the course Professional Master's in Education, Curriculum, Pedagogical Languages and Innovation, School of Federal University of Bahia Education, is a work of critical-reflective-propositional nature which had as its starting point the educational research in order to identify, study problems and recommending actions to collaborate with the change of observed reality. The research context is the Municipal College Eufrásio Vilela Gold, located in the urban area of the municipality of Ibititá-Ba, which provides primary education, given the exclusion, neglect and discrimination that mark, in particular students of evening shift differently students of the morning shift. The project objectives are to make recommendations directed to the improvement of educational quality in the morning and afternoon shift, taking as a starting point to study the causes of differences in the conditions and student performance between the two rounds. For the construction of the proposal, a survey was conducted studies on the differences in the quality of teaching and learning between the morning and afternoon shifts. He attempted to theoretical support in authors like Perrenoud (2001); Freire (2014); Gadotti, (2013); Bordieu Apud: John E Silva (2014); Nogueira, (1998); Viana (2013); Tardif (2002). Data were collected between teachers and students, through interviews, focus groups and observation. One of the most important results of this process was the identification of internal and external factors to the school as possible responsible for the differences in quality between the morning and afternoon shifts. In conclusion, this study points to the need for a set of coordinated actions, covering the dimensions: structural and sociopedagógica, which will occur simultaneously. With structural intervention will not be given to just a few students the right to choose the shift to study. Sociopedagógica with the intervention, will be offered to teachers a more collective, participatory and motivating work and will be more opportunities for interaction and (re) knowledge of cultures between school, families and community.

**KEYWORDS** : 1. School failure . 2. Discrimination in education. 3. Disorders of learning. 4. Equality in education.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 REPROVAÇÃO DOS ALUNOS 2013 .....	29
TABELA 2 REPROVAÇÃO DOS ALUNOS 2014.....	29
TABELA 3 DISTRIBUIÇÃO ATUAL DAS TURMAS.....	79
TABELA 4 PROPOSTA DE DISTRIBUIÇÃO DAS TURMAS.....	80

## LISTA DE FOTOS

– GRUPO FOCAL .....	20
GRUPO FOCAL.....	20
INSTALAÇÕES COM TEMAS RELACIONADOS .....	22
INSTALÇAOES COM TEMAS RELACIONADOS .....	22
MESA DO WORD CAFÉ .....	23
MÚSICA PARA TROCA DE MESAS .....	23
MOMENTO DE TROCA DE MESAS .....	24
– ALICE DO GRUPO FOCAL .....	36
FOTO 1 – GRUPO FOCAL .....	20
FOTO 2 GRUPO FOCAL .....	20
FOTO 3 – ALICE DO GRUPO FOCAL .....	36
FOTO 4 INSTALAÇÕES COM TEMAS RELACIONADOS.....	22
FOTO 5 INSTALÇAOES COM TEMAS RELACIONADOS.....	22
FOTO 6 MESA DO WORD CAFÉ.....	23
FOTO 7 MÚSICA PARA TROCA DE MESAS.....	23
FOTO 8 MOMENTO DE TROCA DE MESAS.....	24

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 12 ESQUEMA DA INTERVENÇÃO ESTRUTURAL.....	78
FIGURA 12: ESQUEMA DA INTERVENÇÃO SOCIOPEDAGÓGICA .....	83
FIGURA 14: REPRESENTAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL DOS ALUNOS.....	90

## SUMÁRIO

<b>1. TECENDO UMA TRAJETÓRIA: UMA INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2. INVESTIGANDO O CAMPO: O CAMINHO PERCORRIDO.....</b>	<b>17</b>
<b>3. ONDE E COMO “TUDO” ACONTECE.....</b>	<b>25</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DO SEU CONTEXTO.....	25
3.2 DESCREVENDO O ALUNADO: DUAS FACES DA MESMA MOEDA .....	27
3.3 DELINEANDO O PERFIL DOS PROFESSORES.....	35
3.4 FATORES DE AGRAVAMENTO DO FRACASSO.....	40
3.4.1 A NATURALIZAÇÃO DO FRACASSO .....	41
3.4.2 NEGLIGÊNCIA DOS AGENTES EDUCACIONAIS.....	43
3.4.3 STRESS E CANSAÇO: UM POSSÍVEL CULPADO DO FRACASSO ESCOLAR VESPERTINO.....	43
3.4.4 PRECONCEITO E FAVORECIMENTO .....	45
3.4.5. (DES) QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL .....	46
<b>4. CONSEQUÊNCIAS DA EXCLUSÃO: O FRACASSO ESCOLAR.....</b>	<b>48</b>
4.1 – REFLEXÕES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR .....	48
4.2 DEFICIÊNCIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO .....	59
4.3 A QUALIDADE DO ENSINO/APRENDIZAGEM NA ESCOLA PÚBLICA.....	63
4.4. A EDUCAÇÃO É PARA TODOS? .....	66
4.5. A QUE SE DEVE O ÊXITO ESCOLAR .....	68
4.5.1 A FAMÍLIA E SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS.....	68
4.5.2. PROFESSORES: É PRECISO REPENSAR A PRÁTICA .....	70
4.5.3. A AUTOESTIMA/ESFORÇO: UM FORTE ALIADO .....	71
<b>5. INTERVENÇÃO: AÇÃO EM PROL DO SUCESSO ESCOLAR .....</b>	<b>76</b>
5.1 INTERVENÇÃO ESTRUTURAL: UM SONHO POSSÍVEL.....	78
5.2 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: “TODOS NO MESMO IDEAL” .....	83
5.2.1 INTERVENÇÃO NA PRÁTICA DOCENTE.....	85
DETALHAMENTO PROPOSTA PARA A APLICAÇÃO: .....	86
5.2.2 INTERVENÇÃO NA APRENDIZAGEM .....	89
5.3. INTERVENÇÃO SOCIAL .....	90
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: FINALIZANDO O PRIMEIRO PASSO.....</b>	<b>94</b>
<b>7. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>100</b>
FICHA DO DESEMPENHO PROFISSIONAL.....	101
PROJETO: “COLHENDO MEMÓRIAS” .....	102
✓ <b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>102</b>
OBJETIVO GERAL.....	102
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	103
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	104
➤ <b>ATIV. 1ª OFICINA: “DIÁLOGOS CULTURAIS”.....</b>	<b>104</b>
➤ <b>ATIV. 2ª OFICINA NA COMUNIDADE: “MEMÓRIAS DO LUGAR” .....</b>	<b>105</b>

➤	<b>ATV. 3ª OFICINA: “TECENDO OS FIOS DAS MEMÓRIAS”</b> .....	106
➤	<b>ATV. “AMOSTRA CULTURAL”</b> .....	106
➤	<b>MATERIAIS E RECURSOS NECESSÁRIOS</b> .....	107
➤	<b>PÚBLICO ALVO</b> .....	107
➤	<b>DURAÇÃO DO PROJETO</b> .....	108
	<b>CRONOGRAMA FÍSICO DE EXECUÇÃO DO PROJETO</b> .....	108
	<b>MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ. ....</b>	<b>109</b>
	<b>MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM .....</b>	<b>110</b>

---

## 1. TECENDO UMA TRAJETÓRIA: Uma Introdução

Foi isso que vi e é isso que agora descrevo: Crianças, feito adultos por circunstâncias da vida. Adultos, feito crianças por empatia circunstancial... Gente que se comove com a realidade. Gente que ignora. Meninos que aprendem a olhar com o olhar do outro, esquecendo por um momento as suas tormentas, que lhes teimam em sugar os dias lhes tirando a inocência da infância. Professores que são amigos. Professores que mal se falam... Crianças com um talento imenso que apenas se machucam no embate desigual, “sofrendo com a exclusão e a discriminação social”. (Gardênia de O. C. Dourado. Parafraçando o Profº João Paulo).

Logo após concluir o magistério, comecei a trabalhar, como professora, numa escola particular e somente em 2001 ingressei na Rede Municipal de Ibititá. Ensinava apenas nas séries iniciais do fundamental, o que trazia certa tranquilidade, em relação à continuidade da escolaridade daqueles alunos. No ano de 2009 fui transferida para o fundamental II, no Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado, por exigência do curso de Licenciatura em Geografia. Até aquele momento não havia trabalhado com crianças de 9 a 12 anos, minha experiência consistia principalmente em alfabetização de crianças ente 5 a 7 anos. Chegando ao colégio, houve resistência, por parte de alguns professores não licenciados, que se sentiram ameaçados por terem que ceder a vaga aos professores que estavam licenciando em Geografia.

Minha adaptação não demorou muito, menos ainda, a percepção das disparidades que aconteciam entre os turnos. Os professores que trabalhavam apenas 20 horas preferiam trabalhar no matutino evidenciando que suas escolhas baseavam-se no melhor desempenho dos alunos desse turno. Quando passei a trabalhar nos dois horários percebi, com maior clareza, que o que motivava tal preferência, era que, normalmente, a maioria dos alunos do vespertino vinha de povoados e dos bairros periféricos da cidade. Acredito que, o fato dos alunos serem de povoados acaba influenciando nessas disparidades existentes no ensino aprendizagem. Nos povoados os alunos não dispõem das mesmas condições de aprendizagem, como o acesso às tecnologias, professores com formação adequada, entre outros.

A rejeição e a discriminação também podem ser fatores que enfatizam ainda mais as disparidades entre os alunos, e as variadas formas de manifestação de preconceitos, relacionadas aos “não-pertencentes” às famílias tradicionais do Município, acentuam as desigualdades entre os turnos. Essa evidente diferenciação foi culturalmente (re) produzida no decorrer da história do Município.

Tentar compreender e combater as mais diversas formas de discriminação é um ensejo também pessoal, pois também fui vítima durante a infância, mas, aprendi a vencer esses preconceitos a cada dia, com a contínua busca por conhecimentos, quebrando barreiras e limitações impostas por uma sociedade hierarquizante. Deixei evidente nessa busca, que o simples fato de ser de um povoado não determina, desqualifica ou impede que a criança possa aprender e reconhecer-se protagonista do seu próprio destino. Portanto, agir com preconceito e discriminação, violaria todos os meus princípios, não poderia aceitar a concepção de alguns professores, que acreditam que os alunos do turno vespertino não têm a mesma predisposição para a aprendizagem, dos alunos do matutino. Até que ponto um turno pode determinar o desenvolvimento do aluno? Seria essa então, uma escola excludente? que determina quem aprende e quem fracassa? Estariam as crianças dos bairros periféricos e das comunidades rurais do Município de Ibititá, predestinadas ao fracasso escolar?

Diante dessas indagações lembro Freire, que diz que todos têm o direito de aprender, que a escola deve ser humanizadora, justa e crítica (FREIRE, 2014). Para ele, ser professor é uma luta constante contra qualquer forma de discriminação. Então, por que e em nome de quem o mundo e a escola na qual trabalho deve continuar como estão? Tratar os alunos com discriminação, desrespeito e negando a eles o direito de adquirir e construir conhecimentos não seria uma afronta ao direito à educação, já adquirido e estabelecido por lei? Enfim, busco um mundo e uma existência em que todos usufruam dos mesmos direitos, sem distinção.

A importância desse estudo está relacionada ao envolvimento pessoal do pesquisador, no contexto escolar e as dimensões acadêmico - científica e social. Por estar implicada nesta realidade, como professora desde 2009, busco analisar as formas de exclusão, descaso e discriminação, numa perspectiva de transformação dessa realidade, para evitar o elevado índice de fracasso escolar existente no turno vespertino do Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado, localizado em Ibititá-Ba. A pesquisa, portanto, foi centrada nos professores e nos alunos desse Colégio. As

observações foram realizadas durante os anos letivos de 2013, 2014 e primeiro semestre de 2015. Referente ao ano de 2013 foi realizada uma pesquisa mais documental, já em 2014 e 2015, além das observações, foram realizadas entrevistas e formação de um grupo focal com os alunos que estudaram no turno oposto no ano anterior.

A partir das observações fiquei mais atenta aos diálogos e atitudes dos professores, alunos e do corpo administrativo, nos mais variados *espaçostempos da escola* (ALVES, 2003), tais como: recreio, fila da merenda, corredores da escola, sala de professores, reunião de pais e mestres, etc. Essas observações do cotidiano escolar provocaram algumas indagações que me levaram a conceber e elencar cinco elementos: a Naturalização do Fracasso Escolar, Negligência dos Agentes Educacionais, Stress e Cansaço dos Professores, Preconceito e Favorecimento, e a (Des) Qualificação Profissional. Que provocam o agravamento do fracasso escolar.

O texto a seguir está estruturado em cinco capítulos. No primeiro, uma breve introdução em que exponho a minha trajetória escolar e profissional, no segundo, está descrito o caminho percorrido, a metodologia usada para a obtenção de dados e informações, no terceiro, é apresentado um diagnóstico da realidade pesquisada, caracterizando o Colégio e os problemas detectados no espaço escolar, no quarto capítulo, trago uma discussão teórica, dialogando com teóricos e compreendendo melhor a prática, no quinto apresento a proposta de intervenção, em que proponho ações que identificam e diminuem as práticas de discriminações e seletividades tão presentes no Colégio, considerando que os problemas detectados são influenciados tanto por fatores internos, quanto externos à escola. A intervenção acontecerá em três dimensões: estrutural, pedagógica e social.

Em busca pelo desvendar dessas problemáticas visíveis, pretendo compreender e intervir nesta realidade, propondo sugestões que atenuem as diversas formas de exclusão existente na rede municipal de Ibititá. Espero que a realização desse projeto de intervenção proporcione a diminuição do preconceito, discriminação e seletividade existente no cotidiano desse Colégio, possibilitando o desenvolvimento de práticas inovadoras que favoreçam o sucesso escolar dos alunos.



---

## 2. INVESTIGANDO O CAMPO: O caminho percorrido

Tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Husserl, (1987) apud Souza, (2001, p. 32). A inspiração para o desenvolvimento dessa pesquisa partiu do cotidiano escolar, das experiências diárias, práticas pedagógicas e anseios dos professores. A teoria e prática se complementam, uma precisa da outra, para se efetivar.

Considerando-se a identidade epistemológica, teórica e metodológica de pesquisa, opto nesse processo, pela abordagem qualitativa a qual tem suas raízes teóricas na Fenomenologia, que busca o desvelamento do fenômeno, das angústias, indagação, do Ser, das coisas, procura iluminação e desocultamento do fenômeno, pelo desvelamento do homem, no revelar de olhares compreensivos, estratégias e caminhos. Trata-se de entrever valores, crenças, símbolos, saberes e fazeres.

O mundo do sujeito, as suas experiências cotidianas e os significados atribuídos às mesmas são, portanto, os núcleos de atenção na fenomenologia (André, 1995). A pesquisa qualitativa considera as pessoas que existem no mundo e o modo como se relacionam umas com as outras, analisando o contexto em que estão inseridos, e que se conheça tanto o contexto situacional quanto o histórico.

A pesquisa se baseou na investigação sistemática do cotidiano escolar no qual estou inserida, no Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado. Nesse estudo destaco algumas dimensões inter-relacionadas como: o encontro do professor-aluno-conhecimento nas situações sociointeracionais de sala de aula; relações construídas pelos agentes da instituição escolar; os fatores socioculturais mais amplos que afetam a dinâmica escolar.

Esse estudo é do tipo etnográfico, fazendo uma relação entre os aspectos socioculturais e educacionais. Busco compreender os contextos socioculturais em que os alunos estão envolvidos, como: práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados; André, (1995, p.28) e a interferência desses contextos na aprendizagem escolar. A pesquisa do tipo etnográfica, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação

pesquisada, André, (1995, p. 41) permite uma maior aproximação do pesquisador com o objeto, valorizando sua percepção cotidiana da realidade pesquisada.

A pesquisa foi realizada em duas etapas, primeiramente com coletas de dados e subsequentes a interpretação deles. A coleta de informações foi a partir das Atas de Resultados Finais dos turnos vespertino e matutino, foram observadas as Atas dos anos 2013, 2014 e a do 1º bimestre de 2015, do 6º ao 9º ano. Após a comparação das atas, constatei que seria necessário conhecer melhor o público vespertino, para então compreender o porquê de tamanha reprovação, por essa razão foi aplicado um questionário socioeconômico referente à profissão, renda e escolaridade familiar. Foram aplicados questionários aos professores para verificar se eles percebem essas diferenças exorbitantes entre os turnos. A segunda etapa de coletas de dados foi a criação do Grupo Focal e entrevistas aos professores.

Considerando o contexto dessa pesquisa, também foi utilizado a Observação Participante, a Entrevista Intensiva e Análise de Dados. A observação é chamada de participativa, porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada.

André, (1995, p. 28);

Através basicamente da observação participante ele vai procurar entender essa cultura, usando para isso uma metodologia que envolve registro de campo, entrevistas, análise de documentos, fotografias gravações. Os dados são sempre inacabados. O observador não pretende comprovar teorias nem fazer “grandes” generalizações. O que busca, sim, é descrever a situação, compreendê-la, revelar os seus múltiplos significados, deixando que o leitor decida se as interpretações podem ou não ser generalizáveis, com base em sua sustentação teórica e sua plausibilidade. (ANDRÉ, 1995, p.38)

A observação participante proporcionou uma aproximação maior ao objeto de estudo, sendo possível assim documentar o não documentado, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia da prática escolar. André, (1995, p.41).

Quanto à *observação participante completa* (OPC), pode se dar enquanto pertencimento original e por conversão. No primeiro caso o pesquisador emerge dos próprios quadros da instituição e dos segmentos da comunidade, recebendo destes a autorização para realizar estudos e que a realidade comum é o próprio objeto de Pesquisa. (MACEDO, 2004, p.157).

Durante as observações participantes é possível dialogar com os maiores envolvidos, os alunos, fazer interseção de dados documentais com as falas, e assim compreender e descrever melhor as situações que perpassam o cotidiano escolar. As observações foram realizadas nos anos letivos de 2014 e 2015, durante as aulas, no pátio e na sala dos professores. Através de diálogos informais com professores, alunos e demais funcionários da escola. Além das observações participantes, foi criado no primeiro semestre de 2015, um *grupo focal*, para comprovar ou negar as suposições levantadas a respeito dessas desigualdades no aprendizado e no atendimento diferencial dispensado os alunos.

### Segundo Macedo o Grupo Focal,

Trata-se de um recurso de coleta de informações organizado a partir de uma discussão coletiva, realizado sobre um tema preciso e mediado por um animador-entrevistador ou mesmo mais de um. Em realidade, configura-se numa entrevista coletiva aberta e centrada. Alguns elementos, entretanto, devem ser levados em conta: os membros do grupo; sua preparação para a entrevista; as condições de tempo; o lugar do encontro; a qualidade de mediação ou do entrevistador em termos de domínio da temática a ser trabalhada e da dinâmica grupal. (MACEDO, 2004, p.178)

O grupo focal foi composto inicialmente de dez alunos, diminuindo, mais tarde, para oito alunos do matutino que estudaram no vespertino no ano de 2014. Participaram do grupo os estudantes: Felipe, Maria Eduarda, Diego, Alice, Débora, Lucas, Camila e Rangel. Alguns participaram mais efetivamente das conversas, outros menos, porém todos contribuíram para a obtenção de informações. As reuniões do grupo focal aconteceram duas vezes por semana, durante três semanas, totalizando seis encontros. Esses aconteciam na biblioteca da escola, nos intervalos ou aulas vagas, nesse período. Às vezes faltava algum aluno, mas a maioria era assídua e gostava de participar.

O registro dos encontros foi feito utilizando a escrita e/ou gravações de áudio, antecipadamente autorizada por eles. Nas discussões no Grupo Focal os alunos se sentiram à vontade, para externar suas angústias, dúvidas e revoltas, alguns se sentiam aliviados e vitoriosos por ter conseguido, depois de muita espera, passar para o matutino, a exemplo de Felipe, que segundo ele, “foi uma luta conseguir a transferência para o matutino”.



FOTO: DOURADO

FOTO 1 – GRUPO FOCAL



FOTO 2 GRUPO FOCAL

Nas primeiras reuniões, os alunos estavam um pouco tímidos, com medo, assustados, mas depois de alguns esclarecimentos e dinâmicas passaram a se sentir mais à vontade pra falar sem medo. O objetivo era colher informações, conhecê-los melhor, e se, de alguma forma perceberam diferenciação no tratamento dispensado aos alunos de turnos opostos. Deixando evidente a confidencialidade

dos depoimentos, para que se sentissem assegurados em seus depoimentos. Somente após sentiram-se à vontade para externar suas opiniões.

Outro recurso de obtenção de informações foi a entrevista, que teve como finalidade aprofundar ou negar as suposições levantadas e estabelecer relações com os problemas observados. André, (1995, p. 28). As entrevistas foram realizadas com professores e gestores do Colégio. As questões não foram preestabelecidas, mas, livres e flexíveis, de acordo com a interação entre o pesquisador e o entrevistado.

De fato, a entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico na apreensão de sentidos e significados e na compreensão das realidades humanas, na medida em que toma como uma premissa irremediável que o real é sempre resultante de uma conceituação; o mundo é aquilo que pode ser dito, é um conjunto ordenado de tudo que tem nome, e as coisas existem através das denominações que lhes são emprestadas. (MACEDO, 2004, p.165).

A entrevista é um elemento constitutivo da observação participante, devido ao aspecto não estruturado, se trata de conversas informais totalmente livres. Esse tipo de entrevista, a não estruturada é flexível, porém deve ser coordenado pelo pesquisador, e manter um direcionamento para que não fuja do objetivo visado ou programado.

Uma forma também usada para obtenção de informações e troca de experiência foi a Desconferência, um evento sugerido por Inês Carvalho, coordenadora do curso. Neste evento tive a oportunidade de ouvir professores de outras cidades e outros contextos escolares, e me surpreendi ao saber que essas diferenças entre os turnos também acontecem em outros *espaços tempos*.

A Desconferência aconteceu no dia vinte e dois de Novembro de 2014, na Cidade de Lapão, num local conhecido como Parque da Cidade, um local arborizado, espaçosa e muito ventilada, favorável ao evento. Intitulada de **(DES) CONFERÊNCIA: *Intervenções nodo Cotidiano***; o evento teve o objetivo de obter informações e colher relatos da prática docentes dos professores participantes. Participaram do evento professores das três redes: Ibititá, Irecê e Lapão. Foi organizado previamente pelos mestrados, alguns se empenharam mais, outros menos, mas todos contribuíram de alguma forma. Como mostra as figuras 01 e 02, foram montadas instalações com exposição de objetos representando os temas dos

Projetos de Intervenção de cada mestrando, com o intuito de instigar a curiosidade sobre cada tema.

FOTO: DOURADO



FOTO 3 INSTALAÇÕES COM TEMAS RELACIONADOS

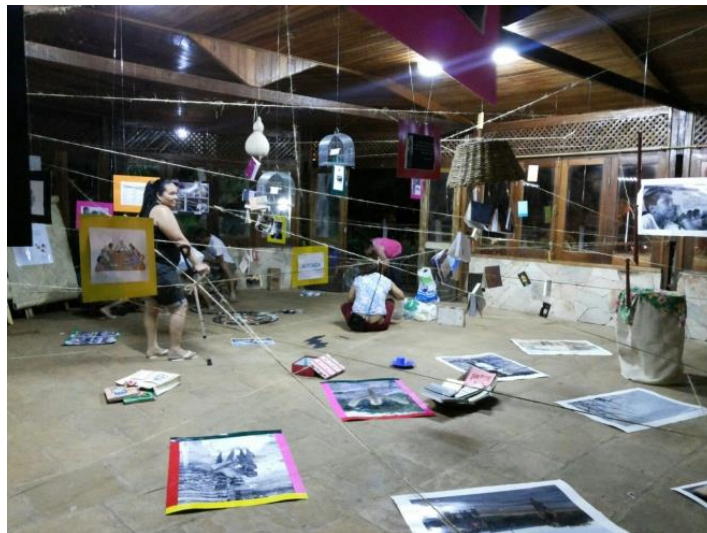


FOTO: DOURADO

FOTO 4 INSTALAÇÕES COM TEMAS RELACIONADOS

Na Desconferência cada mestrando ficou responsável de montar sua própria mesa para o desenvolvimento da técnica do “WORD CAFÉ”, que é uma dinâmica de grupo, com o objetivo de colher informações e trocar experiência.

Assim, busca-se por meio de um ambiente descontraído e bem humorado, com certa dose de irreverência e pressão, despertar a criatividade dos participantes resultando em um processo estruturado e criativo de geração de ideias com base na colaboração entre os indivíduos. Nesse contexto, o foco da aplicação da técnica “*World Café*” é a geração de ideias de forma colaborativa. (TEZA, MIGUEZ, FERNANDES, SOUZA, DANDOLINI E ABREU, 2013).



FOTO: DOURADO

FOTO 5 MESA DO WORD CAFÉ

Durante o encontro, os professores participaram ativamente, relataram experiências, trocaram ideias, foram momentos inquisitivos de grande valia para o objetivo pretendido. A cada vinte minutos, ao toque de uma música ao vivo, grupos de dez a doze professores e gestores trocavam de mesa e conseqüentemente de tema, e a cada mesa que passavam eram provocados a participarem das discussões com questões detonadoras a respeito de cada projeto ou tema.



FOTO: DOURADO

FOTO 6 MÚSICA PARA TROCA DE MESAS



FOTO: DOURADO

FOTO 7 MOMENTO DE TROCA DE MESAS

As observações, informações e a troca de experiência foram satisfatórias. Era preciso instigar os professores sem induzi-lo às respostas, mas precisaria de uma questão que os remetesse aos seus cotidianos escolares, e os fizessem dar sua opinião verdadeira a respeito do tema, cada grupo que chegava a minha mesa, era surpreendido com a seguinte pergunta: ***Se você voltasse a ser aluno e tivesse que estudar na escola, onde leciona e pudesse escolher, em qual turno você estudaria? E por quê?*** As respostas foram imediatas e objetivas, pela manhã.

As opiniões convergiam, e observei que esse não era um problema que ocorria apenas do Colégio pesquisado, e quando os perguntava por que se aprende mais pela manhã, muitos fatores foram apontados, os quais coincidiriam com os levantados anteriormente. Esses e outros fatores levam a acreditar que não é apenas o turno, mas sim o contexto em que se está inserido. Ver o alunado da manhã como uma classe elitista, que tem privilégio ao estudar no turno matutino, se naturalizou no decorrer dos tempos, o que parece é que “naturalmente” os alunos já são separados de acordo com sua classe cultural ou econômica.

Inicialmente não acreditava que a Desconferência ajudaria muito na obtenção de dados e informações, mas me surpreendi com os resultados obtidos, não imaginava que o tema desse projeto de pesquisa fosse tão vivenciado pelos professores, o que proporcionou uma maior satisfação em investigar e buscar propor soluções para esse problema, que se instalou nas escolas nos turnos vespertinos.



---

### 3. ONDE E COMO “TUDO” ACONTECE

Este capítulo será direcionado à caracterização do Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado e do contexto social e cultural em que se insere. Baseado em informações colhidas a partir de entrevistas realizadas com os professores, alunos, diretora e secretária. Ele é a “chave”, pois é a contextualização do espaço escolar que dará sentido às interpretações dos dados recolhidos nos seguintes capítulos. É um texto que será mais descritivo do que interpretativo, porém pensado no sentido dado por Bourdieu, (1997), que refere que os lugares ditos difíceis, como a escola, são primeiramente, difícil de descrever e pensar, o cotidiano escolar é muito complexo, constituído de indivíduos das mais diversas estruturas sociais, que trás consigo as mais variadas formas de ver o mundo, suas culturas e uma trajetória de vida peculiar. Essa descrição e esse pensar devem procurar explicitar imagens do Colégio pesquisado, e apresentar de forma “suspensa”, o olhar do pesquisador à escola e aos alunos. “Suspende” um ato bastante complexo e difícil, pois estou implicada nesse espaço escolar desde 2009.

#### 3.1 Caracterização da escola e do seu contexto

O Colégio pesquisado é localizado na Rua Luiz Viana Filho, na sede do Município de Ibititá-Ba. Funciona nos três turnos, matutino, vespertino e noturno. Atende alunos do 6º ao 9º ano. Em 2014, de acordo com documentos como o livro de matrícula, contou com um total de setecentos e sessenta e nove alunos, sendo trezentos e cinquenta e quatro no matutino, duzentos e noventa e cinco no vespertino e cento e vinte no noturno. Observando que no matutino o número de alunos é maior que nos outros horários, o que mostra a preferência dos alunos por esse turno.

A estrutura física do Colégio é bem precária, apesar de contar com um número significativo de salas, não supre as reais necessidades da demanda e do atendimento satisfatório ao público atendido. A estrutura física conta com nove salas de aula, com péssima iluminação e quase nenhuma ventilação - fato que inviabiliza ainda mais o processo de aprendizagem no turno vespertino - uma cantina, secretaria, sala dos professores, uma biblioteca, uma sala de informática, que no momento se encontra fechada devido a problemas técnicos, três banheiros, um para as meninas, um para os meninos e o outro para os professores. O Colégio também possui uma sala para Atendimento a alunos Especiais (AAE), para atendimento aos alunos com necessidades especiais, atende não só os alunos do Colégio, mas de todo o Município, crianças numa faixa etária entre 5 a 18 anos. Parte das carteiras são novas, porém um bom número já se encontra danificadas.

O corpo docente possui cerca de trinta e cinco professores efetivos e uma itinerante contratada, para substituição, quando necessário. Dos trinta e cinco apenas dois ainda não são graduados, porém já iniciaram a graduação. Os professores são coordenados por duas pedagogas, uma no turno matutino e outra no vespertino, ambas são professoras em turnos opostos. No corrente ano houve mudanças significativas na coordenação: o horário destinado à atividade complementar (AC - planejamento) foi suspenso pela secretaria de educação, deixando apenas os horários das “*janelas*” (são os horários entre uma aula e outra, em que o professor não tem aula) para os professores planejarem, porém quase não há interação, discussões ou planejamento de atividades interdisciplinar e ou multidisciplinares, muitos professores reclamam do pouco tempo para planejamento. As reuniões ou o AC que aconteciam semanalmente passaram a ser eventualmente, isto é, somente quando surge algum comunicado ou discussão importante, como planejamento de eventos, conselho de classe, aprendizagem, indisciplina dos alunos, recuperação, entre outros.

O Conselho de Classe é realizado ao final de cada unidade, com a participação de todos os professores, direção e secretária, os pais participam indiretamente, pois eles são informados posteriormente das medidas que necessitam ser tomadas a respeito dos filhos. Além do conselho, por unidade, as recuperações são paralelas, também no final de cada unidade.

A gestão ainda é cargo de confiança, isto é, ainda não é escolhida de forma democrática, é nomeada pelo gestor municipal. A diretora atual assumiu a direção

recentemente, é uma pessoa com experiência em gestão, trabalhou por muito tempo como secretária, atua de forma democrática e apresenta um bom relacionamento com os professores e demais funcionários.

Os materiais didáticos são suficientes para o desenvolvimento das atividades e o bom funcionamento da escola. Quanto aos aparelhos tecnológicos, há queixas dos professores de que, quando preparam suas aulas com o uso de Data show, é um problema, pois falta pessoal disponível para montar o equipamento na sala de aula, já que não dispõe de uma sala montada, além disso, na maioria das vezes, o material não é organizado, falta cabo de áudio, extensão, computador etc. e quando termina de montar os equipamentos a metade da aula já se foi.

### 3.2 Descrevendo o alunado: Duas faces da mesma moeda

O Colégio é o único na sede do Município que oferece o ensino do 6º ao 9º ano, e atende aos alunos da sede, dos bairros periféricos como: Riacho, Rua do Campo, Ibititazinho, Barro Duro, Gelo I e II, e alguns povoados: Recife dos Cardosos, Pedra Lisa I e II, Faveleira, Meios, Boa Vista, Fazenda Lucas, Mata Verde, Lagoa de Zé Mendes, Cearense, Corredor e Umbuzeirão.

A importância dada à perspectiva sócio-histórica, na análise do contexto de inserção do Colégio, pode parecer pouco relevante em relação aos objetivos do estudo, no entanto, só ela nos parece permitir compreender algumas características do mesmo.

Características estas que têm sido negadas por uma gestão burocrática, e por práticas pedagógicas uniformizadas. Só uma análise mais profunda permitiria compreender o funcionamento e a organização escolar, as desculpas e justificativas do insucesso escolar pelas características do meio. Pretendo com esta análise e descrição explicitar as distâncias existentes entre o meio em que o aluno está inserido e o ambiente escolar. Pretendo evidenciar que desde a criação do Colégio Municipal Eufrásio existiu um tipo de favorecimento aos alunos da sede e aos oriundos de famílias influentes no Município.

“Duas faces da mesma moeda”. É assim que percebo o Colégio Eufrásio, e qualquer pessoa pode testemunhar em frente ao portão, durante a chegada dos alunos perceberá esse cenário, mesmo pra quem observa o Colégio por pouco

tempo. É notória a seleção existente entre os dois turnos. A história do Município como em qualquer outro, se baseia na chegada e permanência de determinada família em um local, em Ibititá não foi diferente, uma família tradicional, foi quem constituiu o Município, mesmo contando com outras famílias para o desenvolvimento local, nunca se admitiu tal fato, os fundadores do Município historicamente reproduziu a ideia de que a tal família merecia ser o centro das atenções e receber todo tipo de favorecimento.

Sendo a escola uma instituição social e pública deve atender de forma igual todos os alunos, porém como a escola reproduz o que a sociedade produz, o tratamento aos alunos dos povoados ou aos não pertencentes a tal família era/é diferente e até mesmo excludente. Inconscientemente ou subtendidamente a seleção era/é feita, ou por turmas ou por horário como acontece atualmente.

Ao longo do tempo criaram-se estereótipos que foram reproduzidos por muitos, afetando as pessoas dos povoados ao ponto de não se sentirem pertencentes ao Município, o sentimento de não pertencimento era tão forte que muitos se sentiam rejeitados, ou como estrangeiros em seu próprio Município.

A escola preserva muito da origem social sobre os destinos escolares, desta forma, a escola funcionava, e funciona, como uma (re) produtora dos padrões sociais, linguísticos e comportamentais das classes dominantes. A instituição aparentemente inocente de qualquer culpa, contribuiu com a ampliação e reprodução desse preconceito, dando privilégios e favorecimento aos filhos de pais influentes na sociedade, na escolha de professor, escolas e/ou horários para estudar. Aos outros alunos cabia preencher as vagas remanescentes.

Considerando que essa discriminação não é visível apenas no colégio Eufrásio, mas era e ainda é visível também em duas escolas estaduais (agora municipalizadas) de anos iniciais do ensino fundamental. Uma com estrutura física bem mais favorecida atende aos alunos da sede, sobretudo aos filhos das pessoas pertencentes à família tradicional do Município, e a outra, recebe alunos de povoados vizinhos e dos bairros periféricos, pertencentes aos grupos excluídos socialmente, como pessoas carentes e negras. Realidade bem parecida com a do colégio Eufrásio, reafirmando que, o que acontece no Colégio é só o reflexo do processo histórico do Município.

A maior parte dos alunos que estuda no turno matutino é da sede do Município e mora no centro, a outra é provinda dos povoados de Recife dos

Cardosos, Meios e Mata Verde. Povoados esses que possuem famílias influentes, ou seja, pertencentes à família tradicional do Município. A renda familiar dos alunos do matutino é baseada na agricultura, no serviço público ou são autônomos, em sua grande maioria são brancos, egressos de escolas particulares ou outras escolas do centro, são bem alfabetizadas, apresentam mais interesse e participação nas aulas e nas atividades extraclases, como gincanas, comemorações e jogos.

Tabela 1 Reprovação dos Alunos 2013

<b>REPROVAÇÃO – 2013</b>			
<b>MATUTINO</b>		<b>VESPERTINO</b>	
<b>6º</b>	9,5%	<b>6º</b>	23,3%
<b>7º</b>	9,3%	<b>7º</b>	16%
<b>8º</b>	14,5%	<b>8º</b>	22%
<b>9º</b>	1,5%	<b>9º</b>	6,5%
<b>Total:</b>	<b>8,4 %</b>	<b>Total:</b>	<b>19%</b>

Fonte: Ata de resultados finais 2013

Tabela 2 Reprovação dos alunos 2014

<b>REPROVAÇÃO – 2014</b>			
<b>MATUTINO</b>		<b>VESPERTINO</b>	
<b>6º</b>	6,3%	<b>6º</b>	15,8%
<b>7º</b>	9,8%	<b>7º</b>	17,4%
<b>8º</b>	5,5%	<b>8º</b>	12,7%
<b>9º</b>	4,7%	<b>9º</b>	16,2%
<b>Total:</b>	<b>6,5%</b>	<b>Total:</b>	<b>15,5 %</b>

Fonte: Ata de resultados finais 2014

As tabelas 1 e 2 demonstram a discrepância no desempenho dos alunos entre os turnos, matutino e vespertino. A desigualdade não se dá apenas de forma quantitativa, mas também qualitativa, os alunos são avaliados nos dois contextos. Segundo depoimentos dos professores em reuniões, a maioria dos alunos que estuda no matutino frequenta mais a biblioteca e possuem hábito de leitura, interagem com maior facilidade com os professores e a gestão, tiram suas dúvidas, indagam, questionam, reivindicam seus direitos, enfim são mais ativos, mais participativos, como mostra as tabelas acima, apresentam um índice de aprovação bem maior, gostam de atividades dinâmicas, apresentações, trabalhos em grupo, o que possibilita maiores probabilidade de aulas motivadas e atrativas.

Enquanto a maioria dos alunos do vespertino é de bairros periféricos da cidade e de outros povoados mais pobres, como Faveleira, Pedra Lisa, Zé Lucas, que possuem a renda baseada em programas assistenciais como Bolsa Família e Cartão Cidadão, ou em atividades domésticas, na criação e animais e na agricultura, a maioria não possuem terras, apenas trabalham nelas, como meeiros ou diaristas. São em sua maior parte, pertencentes a famílias desestruturadas, como pais separados, drogados, alcoólatras, ou são criados pelos avôs, para que os pais possam trabalhar em cidade que ofereçam mais oportunidades. Alguns desses alunos têm que trabalhar em horário oposto para ajudar na renda da família, sobretudo aos sábados, na feira livre. São egressos de escolas de bairros periféricos ou dos povoados onde residem, apresentam muita dificuldade na leitura e escrita devido à má alfabetização e a inexistência do hábito da leitura. Muitos filhos de pais analfabetos fato que contribui ainda mais para essa realidade. Não se pode generalizar o público vespertino, mas diante dos depoimentos e perspectivas dos professores, nota-se que são poucos os alunos que se destacam neste turno.

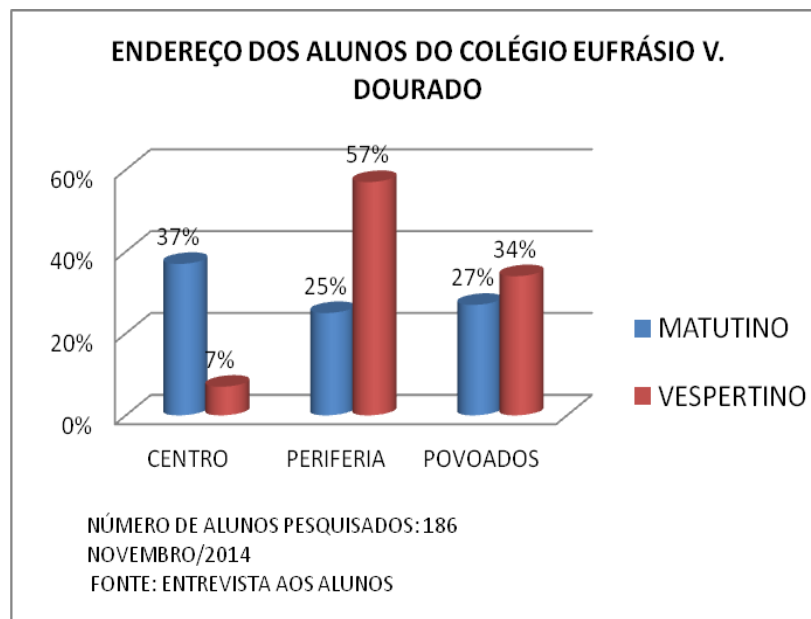
A partir das observações realizadas nota-se que a maioria dos alunos que estuda no vespertino apresenta defasagem idade/série, são desinteressados, não participa das aulas, não questiona, não interage e não gosta de atividades em grupo. Falta espaço nas cadernetas para tantas reclamações dos professores, *como falta de material para aula, não traz o livro, sai da sala sem permissão, desrespeito aos colegas ou professor, falam palavrões, não fazem dever de casa, etc.* Essas cadernetas são apresentadas aos responsáveis em reuniões de pais e mestres, mas segundo direção e professores os pais desses alunos quase não aparecem, e

quando aparecem não sabem mais o que fazer para motivar seu filho, faltam-lhes saberes para acompanhamento nas atividades, não possuem autoridade, nem autonomia sobre os filhos, que acabam fazendo o que querem, dificultando o trabalho do professor e desfavorecendo o ensino-aprendizagem.

Através das tabelas 1 e 2, nota-se uma diminuição no número de reprovados no vespertino, provavelmente, influenciada por essa pela pesquisa, já que todos os professores começaram a repensar na avaliação e no tratamento dispensado ao público vespertino.

O Colégio recebe alunos da sede, dos povoados e de alguns bairros periféricos, especificados acima, porém em proporções diferenciadas. No matutino se concentra o maior número de alunos, enquanto no vespertino o número de aluno sofre uma gradual redução, devido à evasão que ocorrer no decorrer do ano letivo. Observe o gráfico abaixo.

**Figura 1 Endereço dos alunos**

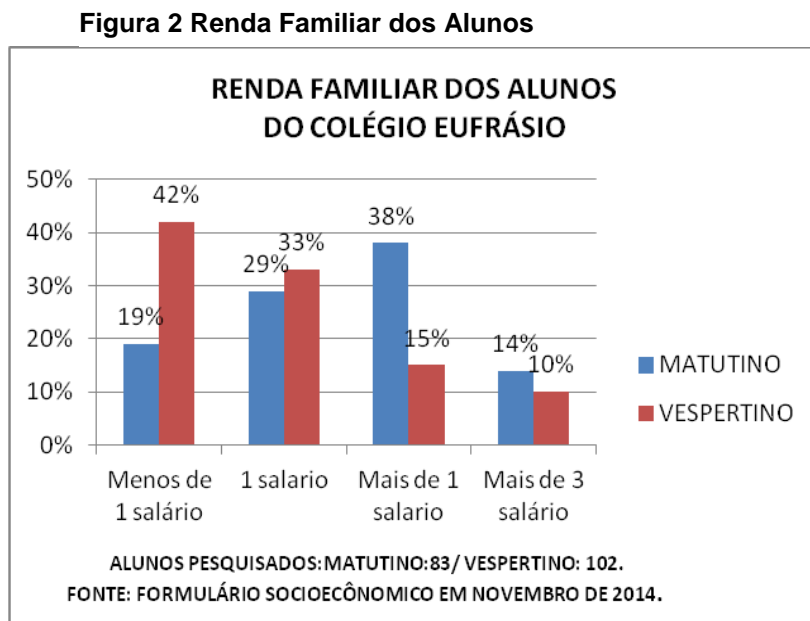


Na Figura 1 podemos observar que a maioria dos alunos, que mora no centro da cidade estuda no turno matutino, enquanto no turno vespertino a grande maioria é de povoados e de bairros periféricos. Quanto aos alunos dos povoados a diferença é razoável, porém, vale ressaltar que os povoados, onde há alunos estudando pela manhã, são aqueles que direta ou indiretamente usufruem de algum tipo de privilégio.

Segundo a direção e a coordenação da escola os critérios usados para a matrícula são a ordem de chegada, e a disponibilidade do transporte no horário desejado para quem mora em povoados. Contudo, alguns povoados disponibilizam ônibus nos dois turnos e alguns alunos se queixam de não conseguirem vaga no turno matutino, reclamam que quando chegam à escola para renovarem a matrícula, as vagas já foram todas preenchidas. Porém, ainda segundo relatos dos mesmos, quando algum aluno de “família influente” ou classe social favorecida, chega à escola à procura de vaga, mesmo sendo no meio do ano, encontram-na pela manhã.

Segundo a coordenação, as turmas são compostas de acordo com a idade, porém podem ocorrer alguns ajustes devido a argumentos usados pelos pais, como brigas entre alunos, amizades, ou por morarem no mesmo povoado, assim quando houver atividades em grupos ficará mais fácil para os alunos.

A Figura 2 apresenta as condições econômicas dos alunos dos dois turnos: (matutino e vespertino) foi elaborado a partir dos dados colhidos através de um questionário socioeconômico aplicado aos alunos.



O Município de Ibititá tinha como base econômica a agricultura, porém nas últimas décadas esse cenário vem tomando uma nova configuração, devido à ausência de incentivos do governo e a escassez de chuvas nos períodos adequados, a produção agrícola teve uma queda significativa, levando o agricultor a



procurar outro meio de sobrevivência, realizando outras atividades ou migrando para outros lugares, sendo essa, também uma das causas da evasão escolar. Com essa alternância na economia as pessoas passaram a trabalhar em serviços públicos, privados ou prestação de serviços temporários. O Município conta com uma grande quantidade de povoados rurais, que ainda desenvolvem a atividade agrícola, porém no momento com a agricultura irrigada. No período da colheita, especialmente do tomate, muitos pais levam seus filhos para ajudar e aumentar a renda familiar, ou os deixam em casa tomando conta dos irmãos e da casa, o que provoca na maioria das vezes um elevado número de faltas, reprovação e, conseqüentemente, a evasão.

A figura 2 mostra que 42% das famílias dos alunos pesquisados ganham menos de um salário mínimo, e que esses alunos estão concentrados em maior número no vespertino, outros dados do gráfico deixam claro que a maior parte dos alunos que estudam nesse período é carente, e que necessitam trabalhar. Portanto, se a criança trabalha em horário oposto à escola, em que horário fará suas atividades escolares? A ausência de uma rotina de estudos é prejudicial e compromete o rendimento dos alunos do vespertino, podendo ser esse um dos fortes motivos do fracasso escolar tão recorrente nesse turno. Outro fator relevante é que a maioria dos pais dos alunos da periferia e dos povoados é analfabeta, e não apresentam disposições para o desenvolvimento intelectual de seus filhos.

A família tem papel fundamental no que diz respeito às estratégias de produção e reprodução de capital (social, econômico e intelectual) para manter ou melhorar a posição de um determinado grupo social em um sistema de classes. Portanto, quando a família não incentiva ou proporciona tal disposição compromete o desenvolvimento cognitivo e cultural da criança.

Toda bagagem cultural que o aluno traz é adquirida em sua trajetória de vida, e a família é a base para que adquiram bons hábitos e valores, se a família não valoriza, ou proporciona a criança o acesso à informação desde cedo, pode comprometer sua motivação e interesses pela escola. Esse é o caso dos alunos que estudam no vespertino do Colégio Eufrásio, é pertencente a famílias com interesses e visões diferenciada dos pais dos alunos da manhã, pois em sua maioria desperta em seus filhos, desde cedo, o interesse e motivação para seguir com os estudos, ensinando-os a importância que tem a escolaridade na sociedade atual.

No ano passado (2014) o fato de duas alunas do povoado de Boa Vista, estudarem à tarde surpreendia os professores, por elas serem tão interessadas,

aplicadas, participativas, enfim por serem consideradas “alunas ideais” e estarem estudando no vespertino. Porém, não demorou muito até a mãe, que é professora, conhecer e identificar as desigualdades existentes entre os turnos, despertando na mesma, o interesse de colocá-las pela manhã, mesmo não havendo disponibilidade de transportes pela prefeitura, os pais arcaram com as despesas de transportá-las todos os dias e as transferiu para o matutino.

Quando indaguei a mãe sobre os motivos de colocá-las pela manhã, a mesma respondeu: “*você deve ter percebido né Gardênia, o desinteresse é grande a tarde, os meninos são maiores, não querem muita coisa com a escola*”. Fica cada vez mais explícito o preconceito existente com os alunos da tarde, parece que ninguém consegue enxergar “bons alunos” à tarde. Será mesmo que todos os alunos do vespertino fracassados? Ou rotulados? Ou selecionados? Por que essa rejeição ao turno vespertino?

No início do ano letivo de 2015, estavam reunidos todos os professores na sala de professores aguardando o sinal tocar para iniciar a aula, quando batem à porta, entra o pai de Vitória, uma excelente aluna do 9º ano C matutino, ele cumprimenta todos e diz que a filha iria passar para o turno vespertino, pois necessitaria dela pela manhã para ajudar nos negócios da família, foi instantânea a manifestação de reprovação dos professores, a primeira palavra foi, por quê? A vontade dos professores era de impedir a troca de turno, já que era uma excelente aluna, mas me pareceu que por um instante lembraram-se da minha pesquisa, pois olharam diretamente pra mim e riram, porém, não poderiam negar a reação antes manifestada, *dei uma risada e respondi ao pai, que não tinha nenhum problema, pois a filha dele era uma boa aluna, e os professores eram os mesmos*. Disse essas palavras naquele momento para tranquilizá-lo, entretanto, ciente das desigualdades existentes.

A cada momento me surpreendo mais ainda com a naturalidade dos professores em saber que existem essas desigualdades e continuam agindo do mesmo modo, como se no matutino fosse indispensável todo comprometimento e determinação deles para o desenvolvimento dos alunos, enquanto que à tarde, qualquer coisa satisfaria aqueles alunos, que não exige muito ou quase nada dos professores. Como deve agir o professor diante dessa situação? E a ética profissional? Podemos selecionar quem deve ou não aprender? Qual é mesmo a função do professor?

### 3.3 Delineando o perfil dos professores

Quando comecei a ensinar no colégio em 2009, boa parte desses professores já fazia parte do quadro desde sua fundação em 2001, o que proporcionou um forte sentimento de pertencimento e certa frieza em relação aos professores novatos. Alguns professores apresentaram uma comodidade e autossuficiência, diferentemente de como deve ser a conduta de professor, que é de sempre rever, suas metodologias e refletir sobre sua práxis. Raramente debatem sobre que medidas devem ser tomadas para que o rendimento e o desempenho dos alunos avancem, apenas reclamam, queixam-se dos pais, da indisciplina e da falta de interesse dos alunos.

Um aspecto que chama atenção no Município, talvez não seja apenas nesse, é que os programas de capacitação são mais direcionados aos anos iniciais do ensino fundamental, deixando os professores dos anos finais desatualizados. Apesar da experiência, os professores se veem despreparados para lidar com situações avessas aos anos finais do ensino fundamental, como ensinar a ler e escrever, competências essas que deveriam ser adquiridas nos anos iniciais do ensino fundamental. Embora os professores sejam licenciados, quase nenhum deles teve experiências com alfabetização o que dificulta o desenvolvimento de atividades que proporcione o desempenho desejado desses alunos, que chegam ao 6º ano sem as competências básicas como a leitura e escrita.

Durante algumas observações, sobretudo no turno vespertino, notei professores cansados, estagnados, com aulas desmotivadas, alguns chegam à sala, mal levanta a cabeça pra cumprimentar os alunos, sentam-se e fazem a chamada, logo depois começam a corrigir atividades no quadro, de costas para os alunos. Outros pedem que os alunos abram o livro, copiem e respondam atividades. Nos primeiros momentos da aula, os alunos ficam atentos e fazem o que lhes pedem, porém alguns minutos depois começam a levantar, conversar e até mesmo a sair da sala. Nesse momento da aula o professor já começa a chamar atenção dos alunos, dizendo que vão anotar observações na caderneta, a qual já se apresenta totalmente preenchida no final da unidade, sem espaço para mais observações. No

vespertino as aulas são evidentemente mais dispersas e desmotivadas, tanto para professores quanto para os alunos.

Em conversas informais, os alunos relataram que alguns professores não têm ânimo para dar aulas, são aulas monótonas, sem motivação, e não tem controle de classe, a sala é uma verdadeira bagunça. Ao observar algumas aulas nota-se a diferença na postura de alguns professores, um deles manteve sua autonomia e conduziu a aula satisfatoriamente, com a participação de alguns alunos na correção das atividades, sempre chamando atenção dos mesmos para responderem e participarem, porém, apenas os mesmos alunos participavam, e o professor nunca ia até a carteira daqueles que não participavam. Enquanto os outros professores transpareceram não haver nenhum planejamento, conteúdos soltos sem contextualização, e correções de atividade no quadro que não despertavam nenhuma atenção dos alunos, que mal o ouviam.

Durante o diálogo com alguns alunos do GF, que estudavam à tarde (que depois de muitos argumentos conseguiram transferência para o turno matutino) a aluna Débora disse: *“os professores pela manhã se interessam mais pelos alunos, à tarde eles não interessam, não se preocupam com a aprendizagem dos alunos, se aprenderam aprendeu, se não..”*.



FOTO 8 – ALICE DO GRUPO FOCAL

Alice, uma das alunas, que também estava muito feliz por ter passado para o matutino, disse que ainda sofria com algumas indiferenças das colegas de sala, alguma resistência em fazer atividades em grupos, mas, mesmo assim estava gostando, pois percebia maior interesse dos professores, e acrescenta que, os professores não acreditam na capacidade dos alunos da tarde. Durante sua fala percebe-se sua defesa ao público vespertino, é importante ressaltar que, desses alunos que “conseguiu” se transferir para o matutino, só Alice mora em bairro periférico e é negra.

Para Lucas, (outro participante do GF) alunos que vêm de outros colégios, sobretudo os particulares, têm mais facilidade de estudar pela manhã, cita um aluno filho de uma conselheira do Conselho Tutelar que chegou ao meio do ano e conseguiu vaga pela manhã. E Completa que, duvidava se um pai chegar ao colégio com uma S10 (carro) colocará o filho pra estudar à tarde.

Durante os diálogos com o grupo fui informada que os próprios funcionários do Colégio, influenciam os pais mais influentes na sociedade a insistirem para colocarem seus filhos pela manhã, alegando que possui alunos do mesmo nível social e cultural.

Para Felipe, (também participante do GF) a divisão é feita de acordo com a qualidade dos alunos, disse que “os alunos pequenos e bons são colocados pela manhã, pois são mais fáceis de lidar, e a tarde aqueles alunos que dão mais trabalho”.

Diante desse relato pode-se notar a percepção dos alunos à seletividade e tratamento diferencial dado por alguns professores para com os alunos do vespertino, que ficam a mercê da própria sorte e de seu interesse para aprender, aqueles que se mostram mais interessados e motivados buscam, assim que percebe esse descaso, se transferirem para o matutino, foi o que fez a aluna Débora e outros alunos que participaram do Grupo Focal.

Durante a (Des) Conferência também foram coletadas algumas informações que contribuíram para essa pesquisa. Ao serem surpreendidos com a pergunta: **Se você voltasse a ser aluno e tivesse que estudar na escola onde leciona e pudesse escolher, em qual turno você estudaria? E por quê?** As respostas eram imediatas e objetivas, pela manhã. Essas foram algumas das justificativas dadas por eles:

- *Matutino, por que é melhor, a aprendizagem é bem maior nesse turno...*
- *Pela manhã, porque à tarde os alunos são mais carentes e no momento eu teria dificuldades de lidar com esse público, você fica querendo ajudar e não há como...*
- *Pela manhã, os meninos acham que estudar a tarde é um castigo, se brigar pela manhã vai pra tarde; Essa diferença existe, não sei o motivo, mais existe aqui em Irecê o turno da tarde é mais complicado de lidar...*
- *Pela manhã, porque a tarde os alunos são menos favorecidos econômica e culturalmente, são alunos de povoados, não têm acesso à tecnologia e os pais não estudaram, tem outra cultura...*

Relatos de professores confirmam que há diferenças na aprendizagem dos alunos entre os turnos, porém não só no Município de Ibititá. As discussões discorreram em torno da metodologia e do olhar do professor para o aluno, em sua forma de pensar e agir com o aluno, que competências o professor deve ter para desempenhar o seu papel adequadamente, mas afinal qual é o papel do professor?

Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: *a miséria na fatura*. Sou professor a favor da esperança que anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que e consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza da minha própria prática, boniteza que dela some se não cuidado do saber do que devo ensinar, se não brigar por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas, não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar. (FREIRE, 2014, p. 100-101).

Ser professor acima de tudo é ter paixão pelo que faz. É possuir um espírito de luta e justiça; justiça a favor dos menos favorecidos, dos excluídos mesmo quando a luta parece em vão. O professor é o profissional mais propício na transformação de realidades, de auxiliar o outro a enxergar o mundo de forma crítica e ensiná-lo a lutar contra toda forma de discriminação. Exercer o verdadeiro papel de professor, não é fácil, ele encontra em seu caminho muitas adversidades, com as quais tem que aprender a lidar, sobretudo as socioeconômicas, uma das maiores causadoras das desigualdades escolares.

Esperar homogeneidade de uma turma é insensato, mesmo que os alunos cheguem à escola com idades e maturidades próximas, jamais permanecerão homogêneos. O conhecimento é adquirido e assimilado de forma diferenciada, todo sujeito tem seu tempo e maneira de aprender, o desenvolvimento é peculiar. Perrenoud, (2000, p. 58), um professor experiente sabe que a homogeneidade total é inacessível na falta de uma seleção prévia bastante rigorosa, mas também porque, mesmo no grupo mais selecionado, ela se recria, sem dúvida de maneira menos espetacular, desde o início do ano e no próprio decorrer da progressão do programa. Os indivíduos são diferentes, cada um tem seu ritmo de aprendizagem, e cabe ao professor utilizar metodologias que valorizem essas diferenças na interação da turma para que um aluno ajude o outro a avançar. A professora Iran (Distrito de Canoão Município de Ibititá), durante a participação na (Des) conferência, cabia ao professor propor metodologias adequadas aos alunos ou à turma, sem estabelecer parâmetros comparativos, aquela turma é melhor, ou aquele aluno é melhor ou pior, mas compreender que existem diferenças que devem ser trabalhadas e valorizadas em prol do aprendizado coletivo.

Se a gente percebe que temos o público diferente, o professor que trabalha 40 horas, eu tenho dito como sugestão que o planejamento do turno matutino não é pra ser do turno vespertino. Outra coisa se você trabalha, digamos em dois 9º ano, até metodologia de uma turma para outra tem que ser diferenciada. Eu percebo que o aluno do vespertino é mais parado, digamos assim como a gente costuma dizer nos corredores é mais preguiçosa, apática, vamos pra outra metodologia pra acordar esses meninos, pra que se torne igual, se eu trabalho nono e nono, porque, que um é melhor e o outro não, Assim o que tem de mudar, o que a gente tem de pensar é em nossa metodologia, é a mesma escola, eu sou a mesma professor pela manhã e pela tarde, então vamos mudar a metodologia já que a gente tem essa percepção de diferença de turno. **(IRAN, professora do povoado de Canoão de Ibititá).**

É evidente que existem diferenças entre os alunos, no entanto entre os turnos são mais evidentes, a professora Iran fala sobre essas diferenças, e como o professor pode transformá-las com metodologias atualizadas e interessantes. O ensino deve partir do pressuposto de que as crianças sempre sabem alguma coisa, e estão aptos a aprender coisas novas, mas ao seu ritmo e ao seu modo, e que o professor não deve desistir, mas nutrir uma elevada expectativa em relação a capacidade de seus alunos conseguirem vencer os obstáculos escolares, auxiliando-os na remoção das barreiras que os impedem de aprender. Para obter a aprendizagem deve haver a exploração dos talentos de cada aluno, o ensino-

aprendizagem deve ser centrado nas possibilidades e não nas dificuldades. Para que a aprendizagem aconteça, independentemente das diferenças de cada aluno, implica em substituir um ensino transmissivo para uma pedagogia ativa, dialógica, interativa, que se contrapõe a toda e qualquer visão individualizada, hierárquica do saber.

Cabe ao professor mediador, falar a mesma linguagem tratar o aluno igual, por que às vezes o professor fala “aquele ali não sabe quase nada, eu não vou nem lá perto dele”. Tem professor que entra em sala e não vai até o aluno, não conversa com o aluno. O aluno da tarde é um aluno que você precisa chegar perto dele, conversar com ele, é um aluno que precisa de carinho de amor. **BETÂNIA: (Professora do Colégio Eufrásio V. Dourado, sede do Município de Ibititá).**

Para que o ensino abranja toda a turma, o professor deve propor atividades abertas, diversificadas, isto é, atividades que possam ser abordadas por diferentes níveis de compreensão e de desempenho dos alunos e em que não se destaquem os que sabem mais ou os que sabem menos, pois tudo o que essas atividades propõem pode ser disposto, segundo as possibilidades e interesses dos alunos que optaram por desenvolvê-las. A possibilidade de se ensinar a turma, sem discriminações e sem adaptações predefinidas de métodos e práticas especializadas de ensino advém, portanto, de uma reestruturação do Projeto Político Pedagógico e das reformulações que esse novo projeto exige da prática de ensino, para que esta se ajuste a novos parâmetros da ação educativa.

### 3.4 Fatores de Agravamento do Fracasso

Partido dos estudos realizados é possível destacar alguns elementos que podem implicar em agravamento das dificuldades observadas no turno vespertino. Vale lembrar que no turno vespertino há predomínio de alunos provenientes das classes mais populares, negros e que registra-se elevado índice de fracasso escolar. Faz parte das falas dos sujeitos o sentimento de incapacidade e impotência. Também há registro de que os professores atribuem à origem sociocultural o fracasso escolar, desse modo, considerando difícil fazer



algo para reverter a situação, já que os fatores responsáveis estariam fora da escola.

#### 3.4.1 A Naturalização do fracasso

Em relação às dificuldades observadas, a maioria dos professores entrevistados acredita que no turno vespertino “é assim mesmo”, os alunos são mais “fracos” e “desinteressados”, que sempre foi assim e não há nada a fazer para reverter esse quadro. Partindo do pressuposto que a naturalização é um processo construído a partir do pensamento ideológico das pessoas sobre a realidade do cotidiano, podemos afirmar que as desigualdades do turno vespertino existem, porém não de forma natural, mas que foram social e historicamente produzidas.

A naturalização é uma determinada representação, explicação ou entendimento de uma determinada realidade e, portanto, é produto da mente humana, do pensamento. As representações cotidianas ilusórias e as ideologias tendem a produzir continuamente um processo de naturalização (VIANA, 2013, p. 72).

Portanto, a naturalização só pode acontecer de algo que existe, como as desigualdades existentes entre os turnos, uma desigualdade produzidas no decorrer dos anos da existência da escola, porém, o problema está em naturalizar um fato que é desumano e inconcebível, que privilegia poucos, discrimina e exclui os menos favorecidos social e economicamente. As desigualdades sociais são produtos históricos e, portanto, podem ser naturalizadas. Em síntese, o que é natural não pode ser naturalizado, isso pode ocorrer apenas com o que não é natural, ou seja, o que é produzido social e historicamente (VIANA, 2013, p. 73). A naturalização do baixo desempenho escolar dos alunos do vespertino pode ser uma forma disfarçada de opressão da classe dominadora, pode ser, por exemplo, uma estratégia de perpetuação de situações opressoras e discriminatórias. A naturalização é, conforme Freire, (1996), uma das principais armas na manutenção de situações de dominação e de acobertamento da realidade.

A naturalização, enquanto um modos operandis da Ideologia se produz quando um estado de coisas, que é uma criação social e histórica de grupos humanos em certo momento histórico-social, é tratado e abordado como um acontecimento natural ou como um resultado inevitável de características naturais (THOMPSON, 1995 apud ACCORSSI, SCARPARO, & GUARESCHI, 2012).

Essa é a “força da ideologia fatalista dominante que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores” (FREIRE, 2000, p. 43). A naturalização se dar de forma tão “normal” que impossibilita qualquer forma de manifestação dos dominados ou discriminados. Na maioria das vezes é imperceptível, e a ausência de uma reflexão crítica a respeito do elevado número de reprovação, do fracasso escolar que recair sobre o turno vespertino causa a continuação e perpetuação da situação.

**Responsabilizar o horário vespertino de não favorecer a aprendizagem seria ingenuidade, outras escolas funcionam nesse horário e não apresentam tamanha desigualdade entre os turnos.**

**Matutinos e vespertinos, avaliados isoladamente: nas idades menores, quem estuda no turno da manhã apresenta um rendimento significativamente maior de quem estuda no turno da tarde; com o aumento da idade, esta diferença significativa apresenta o oposto: quem estuda no turno da tarde apresenta um rendimento significativamente maior de quem estudam de manhã; (BARBIERI 2008, p. 366).**

A pesquisa realizada por Barbieri foi baseada na cronobiologia, uma área de conhecimento que estuda as características temporais dos organismos em todos os seus níveis de organização e a relação temporal desses organismos com o meio (BARBIERI, 2008). De acordo com essa pesquisa os alunos apresentam predisposição para a aprendizagem de acordo com o seu ritmo circadiano, ou seja, seu ritmo biológico notou-se que, alunos dos 11 aos 12 anos, os matutinos que estudavam no turno da manhã apresentaram um rendimento escolar superior aos matutinos que estudavam no turno da tarde. Aos 16 anos este predomínio se inverteu: os matutinos que estudavam no turno da tarde apresentaram um rendimento escolar superior aos matutinos que estudavam no turno da manhã. Portanto, considerando essa pesquisa, os alunos do turno vespertino do Colégio deveriam apresentar um maior desenvolvimento, pois a maioria dos alunos do vespertino apresenta idade favorável ao turno.

Se o motivo dessa desigualdade estivesse atrelado ao horário de predisposição de alguns alunos, seria fácil resolver o problema, bastaria transferi-lo para outro horário, porém nesse caso não seria possível, pois apenas os alunos influentes e que se destacam no vespertino tem seu ingresso facilitado no turno

matutino. Portanto, pensar que essa desigualdade é natural, também pode ser uma forma de camuflar a verdade.

#### 3.4.2 Negligência dos agentes educacionais

Negligência, de acordo com o dicionário, é falta de cuidado, de aplicação, de exatidão, de interesse, de atenção; em que há descuido, ausência de motivação, de disposição, de interesse e de vigor (FERREIRA, 1988). Ao observar o cotidiano do turno vespertino do Colégio, pode-se supor a existência da negligência, talvez despercebida ou não intencional, ou até mesmo por impossibilidades administrativas, como a ausência de um coordenador no turno vespertino, manter a biblioteca fechada nesse horário, não oportunizar os alunos a participar de alguns programas e/ou projetos. Esperar que apenas os professores consigam reverter esse quadro é inútil, pois tais ações vão além da sala de aula.

As desigualdades no desempenho escolar dos alunos entre os turnos matutino e vespertino no Colégio são um problema que perdura há tempos. Com base em relatos dos professores nos conselhos de classe e mediante as atas de resultados finais, realizados pela direção, coordenadores e professores, foi possível constatar as discrepâncias entre os turnos matutino e vespertino, e nada de concreto e eficaz foi proposto para solucionar os problemas. Porém uma suposta impotência dos responsáveis acabou “naturalizando” essas desigualdades a tal ponto, que os professores desistiram de lutar ou reivindicar melhorias para esse turno, e agem como se não houvesse tamanha desigualdade na aprendizagem e no desempenho dos alunos, propondo as mesmas aulas e atividades a esse público tão diferenciado.

O fato de não assumirem a responsabilidade do apoio pedagógico que deveria ser oferecido aos alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem desde o início do ano letivo, pode estar fortalecendo o fracasso escolar sacramentado no final do ano.

#### 3.4.3 Stress e cansaço: Um possível culpado do fracasso escolar vespertino

Ser professor hoje em dia requer muito esforço, criatividade e dinamicidade, a relação professor-aluno-escola-pais-comunidade indica um modo de trabalho de interação e cumplicidade, sendo a aprendizagem o grande produto esperado, e

quando isso não ocorre, acaba frustrando o maior responsável, o professor. Talvez seja esse um dos maiores problemas que afeta o profissional da educação na contemporaneidade, a não obtenção de seus objetivos.

No Colégio não é diferente, ao observar o comportamento dos professores depois das duas primeiras aulas, notou-se o desânimo, queixas e cansaço. A insatisfação e a falta de ânimo são grandes. Um problema que afeta a maioria dos professores desse Colégio, sobretudo os que trabalham quarenta horas, que já chegam ao vespertino cansado e até mesmo frustrado.

O professor passa horas planejando atividades, aulas criativas e quando essas não saem como planejado, sente-se um fracassado. O cotidiano do professor é cercado de condições internas e externas à escola, é um profissional que não consegue se desvincular de seu trabalho quando o dia termina, quando algo planejado não deu certo, ele tenta novamente, planeja diferente, gasta suas últimas energias na esperança de alcançar seus almeçados objetivos, que é o desenvolvimento de seus alunos.

Além do cansaço, sofre com a insatisfação e/ou decepção de ver tudo que planejou dando errado. Ouvi professores do Colégio queixando-se de que tudo que planejou foi em vão, os alunos não se interessaram, o planejado não deu certo, porque faltou material de apoio entre outras fatores, essas angústias são relatadas constantemente na sala dos professores.

Com a desvalorização financeira do seu trabalho, o profissional da educação se vê obrigado a ampliar sua carga horária, sobrecarregando ainda mais suas tarefas e energias. São muitas aulas, muitos trabalhos a serem corrigidos, muitos pais e alunos a conversar, muito a ajudar e orientar. Quantas e quantas noites o professor já ficou acordado até tarde, corrigindo provas ou preparando aulas? Essa sobrecarga de trabalhos vem causando um esgotamento físico e mental nos professores, também conhecido como a SÍNDROME DE BURNOUT, uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil (CODO E MENEZES, 2000). Negar a existência das adversidades é uma forma de passar por cima sem ter que efetivamente enfrentá-las, pois isso geraria muito desgaste, ansiedade e frustração. A frustração gera ainda mais ansiedade, pois a estrutura de personalidade que o professor constrói para si acaba sendo muito pouco resistente aos fracassos.

Atualmente a motivação e interesse dos professores pela educação vêm decaindo, vendo-se limitado e vencido pelas barreiras administrativas ou estruturais, pela desvalorização tanto financeira quanto social, ele tenta, buscar forças de onde não tem, para propor aulas mais dinâmicas e possibilitar o desempenho desejado dos alunos, contudo, na maioria das vezes não obtém o resultado esperado, causando um esgotamento físico e mental, prejudicando o bom funcionamento da escola, sobretudo no vespertino, em que as energias já foram gastas e as expectativas já foram muitas vezes, frustradas no matutino.

#### 3.4.4 Preconceito e Favorecimento

Nosso país é composto de grande diversidade cultural e racial devido aos povos que o constituiu, como os africanos, os índios brasileiros, os imigrantes europeus, asiáticos e latino-americanos. É a mistura de todas essas raças e etnias que da forma ao povo brasileiro. Por conta disso, pode-se afirmar que o Brasil é um país dotado de uma ampla “pluralidade cultural”, ou seja, diferentes culturas foram e são produzidas pelos grupos sociais que fazem parte da nossa história. Essa pluralidade pode ser percebida nas diferentes formas com que os habitantes deste imenso território organizam sua vida social e política, nas suas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos, etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social. No entanto, além de toda essa diversidade, existe uma série de desigualdades socioeconômicas entre essas populações. Como a escola espelha a sociedade, as desigualdades, os preconceitos e discriminações também ocorrem em seu âmbito. Porém a persistência ou extinção desse preconceito depende do trabalho que é desenvolvido pelos agentes educacionais.

No Colégio pesquisado as discriminações e preconceito acontecem mais especificamente ao público vespertino, que é composto em sua maioria por alunos negros e menos favorecidos sociais, cultural e economicamente. Sabemos que, na maioria das vezes, o preconceito e a discriminação a determinadas pessoas surgem em função de características consideradas social e/ou culturalmente negativas em relação a outras. Cor da pele, orientação sexual, gênero, necessidades educacionais

especiais são alguns exemplos de situações em que a diferença se transforma em desigualdade.

Professores e alguns alunos do turno matutino veem os alunos do vespertino com preconceito e discriminação, acham que são “burros”, malandros, agressivos e não levam a escola a sério. O favorecimento acontece quando não dão oportunidades iguais aos alunos para escolher o turno que preferem estudar, acontece uma “seleção”, que segundo a direção, não proposital, porém fica evidente que os alunos carentes, moradores dos bairros periféricos e de alguns povoados “só podem” estudar à tarde, devido ao transporte e disponibilidades de vagas limitadas, já que há maior busca pelo turno matutino, e os pais mais esclarecidos e que moram na sede acabam sempre chegando primeiro. Na maioria das vezes os pais menos esclarecidos chegam à escola e timidamente matriculam seus filhos no turno que lhes é proposto e disponível, quando dizem que gostaria que seus filhos estudassem pela manhã logo são avisados que devem aguardar surgir vagas e que o nome de seu filho será posto em uma lista de espera. O intrigante é que, segundo relatos de alunos, quando chegam alunos influentes socialmente, mesmo no meio do ano letivo, encontram vaga no matutino. Esse favorecimento existente na escola é negado pelos profissionais que nela atuam, porém alunos e pais relatam ter presenciado tais discriminações e favorecimento.

#### 3.4.5. (Des) Qualificação Profissional

Diversas pesquisas engrossam a literatura sobre a qualificação profissional e apontam para a necessidade de se considerar o profissional da educação como um sujeito em formação permanente, que busca suas referências nos saberes profissionais e experiências construídas em suas vivências pessoais e profissionais. O processo formativo se dá através da busca e aquisição de conhecimentos teóricos que embasam a prática, essa aquisição acontece na interação de sujeitos sociais envolvidos no processo educacional.

Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação, o Município de Ibititá vem tentando se inserir nesse processo de formação e qualificação profissional gradativamente, através de cursos de formação continuada oferecidos pelo MEC como: Programa de formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), Pró-

letramento, Pró-formação, GESTAR, Proinfo Integrado, Escola Ativa, PCN em Ação entre outros. E cursos de formação superior através da Plataforma Freire, PROESP e UAB. Tentando dessa forma, aperfeiçoar e inovar as práticas pedagógicas no Município. Porém, um problema que ainda permeia e dificulta a qualificação de todos os profissionais da educação da rede, são alguns professores que ainda resistem à graduação, por visarem a aposentadoria iminente, ou estão com uma idade avançada, e alegam falta de motivação e cansaço para estudar, principalmente os profissionais inseridos na zona rural.

Parece ser contraditório usar o termo desqualificação, quando a maioria dos professores está graduada e participa de cursos de formação continuada, porém os fatos nos levam a questionar a qualidade desses cursos de formação, o empenho e comprometimento desses profissionais, não só nos cursos como na prática pedagógica. Alguns professores, sobretudo os que ensinam em povoados, apesar de muitos anos de experiência, permanecem com práticas obsoletas, desmotivadas, e inadequadas; não consideram a realidade dos alunos do campo, na elaboração e planejamento das atividades. Esse despreparo resulta em alunos mal alfabetizados, fato que comprometerá sua continuidade na escola. São esses alunos do campo, juntamente aos dos bairros periféricos que compõem o turno vespertino do Colégio investigado.

As dificuldades de aprendizagem, sobretudo na leitura e escrita são frequentes e perduram na escola há tanto tempo, que estão deixando de ser destaque nas discussões pedagógicas, e os alunos desinteressados, indisciplinados, mal alfabetizados, desmotivados estão sendo vistos de forma naturalizada. Acreditam que os alunos do vespertino são assim mesmo, em todas as escolas, portanto, não se pode fazer nada para alterar essa realidade. Recordo-me de um ditado que diz: **“Deus ajuda quem cedo madruga”**, a sociedade cria tabus, que são culturalmente transmitidos. Quem nunca ouviu comentários desse tipo: *“os alunos estudiosos e interessados são os que estudam pela manhã, os preguiçosos são os que estudam à tarde, pois não querem nada com a vida”*. Essa visão não parte apenas dos professores, mas de todos, porteiros, merendeiras, secretária, entre outros acreditam que os alunos do vespertino são menos propícios à aprendizagem, pelo fato de serem negros, pobres, filhos de pais analfabetos, menos favorecidos economicamente e/ou porque moram na zona rural.

Durante o ano letivo de 2014, passando da sala de aula para a sala dos professores ouvi do porteiro o seguinte comentário: *Prefiro trabalhar dez dias pela manhã de que um à tarde, os alunos não querem nada.* Demonstrava cansaço e o esforço em vão de colocar os alunos dentro das salas, e depois de alguns minutos estarem do lado de fora novamente.

Os alunos não suportam assistir toda a aula e sempre buscam motivo para sair da sala. Onde está o problema? Por que os alunos moradores dos bairros periféricos e zona rural sofrem além da exclusão socioeconômica, a exclusão e segregação no ambiente escolar? É notório que a maioria dos professores aceita e admite que essa exclusão aconteça, porém, segundo eles, de forma natural, não proposital, e que não há nada que possa ser feito para mudar essa realidade.

---

#### **4. CONSEQUÊNCIAS DA EXCLUSÃO: O Fracasso Escolar**

Quando é negado à criança o direito de aprender e de usufruir inteiramente dos benefícios educacionais, ou seja, quando ela é excluída desse processo de ensino-aprendizagem inevitavelmente ocorre o fracasso escolar.

A reprovação, defasagem, baixo rendimento escolar, que ocorrem, sobretudo no turno vespertino do Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado, me impulsiona a correlacionar esses fatores às desigualdades socioeconômicas e a exclusão dos alunos com o fracasso escolar. Sob os olhares de alguns autores como Bourdieu, Perrenoud, Patto e Freire, serão analisadas as práticas de exclusão e desigualdades existentes nesse cotidiano escolar. Enquanto pesquisadora e, sobretudo, professora ao longo de mais de quinze anos de trabalho junto aos alunos de povoados e bairros periféricos do Município de Ibititá, convivo diariamente com alunos em situação de fracasso escolar e em situação “improvável” de sucesso escolar, percebo como ainda é pertinente em nossos dias, analisar os fatores que mais contribuem para o fracasso escolar dos alunos pertencentes aos meios populares.

##### 4.1 – Reflexões Sobre o Fracasso Escolar



Partiremos da definição do que seria o fracasso escolar segundo Pereira, (2005), O aluno em situação de fracasso escolar é aquele que não consegue atender às expectativas da escola e de seus profissionais e, quando avaliado, não responde ao que lhe foi "ensinado". Desse modo o fracasso escolar é visto como o resultado da frustração profissional, ou seja, quando o aluno não atende às expectativas preestabelecidas. Correlacionando com o turno vespertino, percebe-se o quanto os professores desse turno se sentem frustrados ao perceberem que a aprendizagem dos alunos não atendeu à suas expectativas, mesmo cientes das diferenças desse público, na maioria das vezes não consideram as reais necessidades, expectativas e objetivos desses alunos, levando-os a considerá-los como um público de fracassados que não alcançam os mesmos resultados de outro turno.

Para Glória (2002, apud Pereira, 2005), o aluno que fracassa não consegue cumprir as exigências escolares e aprender o que esta instituição e por extensão a sociedade valorizam como saberes fundamentais e legítimos. É sabido que os conteúdos são necessários e legitimados, porém a forma como são trabalhados é que devem ser pensada, para que os alunos das classes populares não se sintam tão distantes e excluídos desse espaço.

Já para Charlot (apud Pereira, 2005) não existem alunos fracassados, mas situações de fracasso, histórias escolares que terminaram mal, segundo Lahire (1997 apud Pereira, 2005), "histórias de solidão". Esses alunos, essas situações, essas histórias é que devem ser analisadas, e não algum objeto misterioso, ou algum "vírus resistente", chamado "fracasso escolar" Charlot (2000, p. 16, apud Pereira, 2005). Portanto, para analisarmos o fracasso escolar, é necessário fazer uma retrospectiva do contexto histórico do processo escolar. Não vê o fracasso escolar como um caso irremediável, mas como situações pelas quais o aluno passa e que podem ser vencidas, se medidas adequadas forem tomadas no momento certo.

Considerando os autores compreende-se que o aluno considerado fracassado é mais vítima do que culpado nessa história, muitos fatores contribuem para isso, porém o mais relevante não é a incapacidade dos alunos, mas sim a forma como eles são tratados e como as aulas são dadas.

Para compreender o fracasso escolar é preciso lembrar um pouco o contexto histórico pela qual passou a sociedade, sobretudo a escola. A sociedade

sempre foi dividida em classes, mais efetivamente após a instauração do capitalismo e da industrialização. Com eles, surgiram novos padrões sociais, o que provocou alterações no cotidiano das pessoas e das famílias. Nesse período necessitavam de pessoas qualificadas para o serviço nas indústrias, então a escola se incumbiu de formar ou capacitar pessoas para esse serviço,

A partir do momento em que a educação passa a ser gratuita e obrigatória, e um direito de todos, deixa de ser um privilégio apenas das classes dominante, e passa a atender também as classes populares. Deste modo, a instituição escolar, que foi originada para atender os interesses da classe dominante e que excluía o oriundo de camadas sociais desfavorecidas economicamente, se viu obrigada a abrir suas portas para todos, independente de sua cor ou situação econômica. Porém, em muitas delas, ainda se presencia a discriminação e exclusão aos pertencentes às classes populares.

Com a inserção das classes populares no contexto escolar, muitos contrastes emergiram-se, o universo escolar era muito distante da realidade dos alunos oriundos das classes populares, e quando não conseguiam se adaptar, eram vistos como anormais ou incapazes, sendo condenado ao fracasso escolar.

O fracasso escolar está atrelado a questões como reprovação, evasão, indisciplina, erro, fracasso e insucesso escolar. Para combater o fracasso escolar não se pensou em diferenciar o currículo de acordo com a realidade dos alunos, no entanto formaram-se classes especiais, ou seja, separou aqueles que não conseguiam acompanhar o programa, como uma espécie de segregação do conhecimento, evidenciando a exclusão dentro a escola. Não foi pensada nenhuma possibilidade de mudança, que viesse a diminuir ou acabar com a exclusão, mas foram criados estereótipos aos alunos que não conseguiam atender as normas ditadas pelas classes dominantes. Anormais, especiais, ou fracassados, assim eram chamados esses alunos. Fracasso esse, que perdurou até os dias atuais.

A expressão “fracasso” é explicada (FERREIRA, 1998), como desgraça; desastre; ruína; perda; mau êxito; malogro. Portanto, fracasso escolar seria o mau êxito na escola, qualificado, na compreensão de alguns, como sendo a reprovação e a evasão escolar. Considerando essa expressão no seu sentido mais amplo, indo além da reprovação e evasão, incluindo a aprovação com baixo índice de aprendizagem. A própria expressão já põe pra baixo todos os estímulos da criança, enfim quem se sente bem sendo um fracassado na vida?

Essa rotulação não deveria existir em um ambiente que visa à formação do sujeito, essa expressão tem como objetivo rotular aqueles que não conseguiram se adaptar, ou melhor, acompanhar o programa elaborado por uma cultura erudita dominante, a qual as crianças das classes populares desconhecem.

Forquin (1995 apud Pereira, 2005) lança uma questão: "ora, de quem é a culpa e o que fazer se os filhos de trabalhadores braçais não conseguem na escola tão bons resultados quanto os filhos de executivos ou de pais que exercem profissões liberais?" (FORQUIN, 1995, p. 81). Apesar de não serem especificamente, os fatores econômicos determinantes do fracasso escolar, pesquisas confirmaram que a maior incidência do fracasso escolar está, em grande parte, relacionada aos meios populares.

Já sabemos que todos os alunos participam de uma cultura, a de sua família, de seu bairro ou de sua comunidade local, a de sua classe social. Todos são, à sua maneira, herdeiros. Porém, Mas no mercado escolar, alguns herdeiros valem ouro, enquanto outros não são "rentáveis". Os alunos que cresceram entre livros e conversas intelectuais, ao ingressar na escola, só não estão familiarizados com as formas particulares dos trabalhos escolares e da relação pedagógica. No entanto, os que crescem em terrenos baldios, em estádios ou diante da televisão têm de percorrer uma distância bem maior: na escola, nada lhes diz nada, faz sentido, nem os objetos, nem as atividades. Podemos dizer, então, que a cultura escolar é elitista? (PERRENOUD, 2001, p. 53-54.).

Somos influenciados pelo meio em que vivemos. Da cultura que herdamos de nossos pais ou das pessoas com quem convivemos, somos constituídos de saberes adquiridos no decorrer de nossas vidas, e é natural que ao nos depararmos com o novo ou diferente sentimos medo, porém na medida em que fomos conhecendo e nos familiarizando nos adaptamos. Porém se o novo é indiferente, não compreendemos, não proporciona uma aproximação, pode causar uma reação negativa, um afastamento ou rejeição. Assim pode acontecer com as crianças das classes populares, que ao chegarem à escola, encontram um ambiente totalmente diferente à sua realidade, um contexto distante de seu cotidiano. Concordando com Perrenoud, as crianças que pertencem à família com uma cultura erudita se sentem à vontade nas escolas, pois a cultura existente nela é semelhante à da sua família.

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que

contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito. (BOURDIEU, 2014, p.46).

É evidente que as crianças que pertencem às classes dominantes, e com um capital cultural<sup>1</sup> rico e diverso, desenvolve-se bem mais rápido e melhor nas atividades escolares, o contato com o mundo letrado ao qual lhe é apresentado desde cedo favorece essa aproximação e reconhecimento com escola, portanto a probabilidade de um bom desenvolvimento escolar é bem maior do que daqueles alunos que desconhece esse universo, e tem o seu primeiro contato com o “mundo letrado” na escola. Ainda de acordo com Bourdieu, não é a condição econômica dos pais que influencia no desenvolvimento da criança, mas sim o nível cultural.

Paul Cler mostrou que, com diploma igual, a renda não exerce nenhuma influencia própria sobre o êxito escolar e que, ao contrário, com renda igual, a proporção de bons alunos varia de maneira significativa segundo o pai não seja diplomado ou *bachelier*, o que permite concluir que a ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural. (BOURDIEU, 2014, p.46).

Considerando essa afirmação de Bourdieu, percebo que em meio ao elevado número de fracasso escolar existente no turno vespertino do Colégio existe alguns alunos que se destacam, porém não possuem uma renda significativa, o que corrobora com Bourdieu, que mesmo a criança não pertencendo a uma classe favorecida economicamente ela consegue sucesso escolar, devido ao nível cultural de seus pais, não que eles tenham um elevado nível de escolaridade, mas valorizam os estudos e a escola, incentivando seus filhos a buscarem na escola uma superação da discriminação, desigualdade, inferioridade e da baixa condição econômica.

É a transmissão do capital cultural que se deve considerar um dos fatores mais importantes pelo bom desenvolvimento da criança. Suponhamos que uma criança que nasce em uma família “letrada”, que tem contatos frequente com livros, revistas, músicas, teatro, que ao invés de lhes dar presentes banais, lhes dê jogos

---

<sup>1</sup> Capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; Capital cultural indica acesso a conhecimento e informações ligadas a uma cultura específica; aquela que é considerada como a mais legítima ou superior pela sociedade como um todo. Uma das características consideradas típicas do grupo dominante é conseguir se legitimar e legitimar sua cultura como a melhor, i.e., a que tem valor simbólico. Também a classe dominante teria o poder de delimitar as informações que serão ou não incluídas no conjunto das informações legítimas (BOURDIEU, 1979, p.169).

de montar, quebra-cabeça ou outros jogos que estimulem o raciocínio desde cedo, é evidente que a criança terá um melhor desempenho escolar de que aquela que não usufrui desse ambiente. Se a criança só tiver contato com tais estímulos na escola, tudo será novo para ela, desconhecido, e levará um bom tempo para se adaptar com essa nova linguagem lhe apresentada no contexto escolar.

As crianças chegam à escola com níveis de desenvolvimento desiguais, e fazer essa aproximação dos níveis de desenvolvimento não é uma tarefa fácil. Ao propor a essas crianças atividades com jogos e atividades lúdicas, professores correm o risco de serem mal interpretados pelos pais que desconhecem e desvalorizam esse universo, podendo achar que seu filho perde tempo indo à escola para brincar.

Durante as observações nas reuniões de pais e mestre também é notório às desigualdades comportamentais entre os pais dos alunos do matutino e vespertino, os pais do vespertino são calados, tímidos, como se a escola fosse um lugar, ou território estrangeiro, ao qual não pertencem. Os professores falam sobre seus filhos e eles só escutam, às vezes concordam balançando as cabeças afirmativamente, e mesmo se discordam não se acham no direito de revidar. Já no matutino as discussões são mais calorosas, os pais perguntam, argumentam, concordam, discordam, enfim participam de forma mais intensa. A ausência da proximidade dos pais com a escola é refletida no aluno, que se vê como alheio àquele ambiente. A bagagem trazida pelos alunos é composta por comportamentos, hábitos e valores herdados do grupo familiar.

A influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. O contato com a família pode trazer informações sobre fatores que interferem na aprendizagem e apontar os caminhos mais adequados para ajudar a criança. (SCOZ, 1994, p. 71 e 173, apud FIALE, p.4).

A família tem sido apontada como parte fundamental na vida da criança, sendo às vezes responsabilizada pelo sucesso ou insucesso escolar. Por meio de conversas com as famílias dos alunos pertencentes às classes populares, observa-se o desejo dos pais em ver seus filhos concluírem os estudos, irem além do que eles foram, almejam seus filhos “vencer na vida”, porém alguns obstáculos são listados por eles, como a falta de tempo e conhecimento adequado para acompanhamento das tarefas de casa.

Segundo Patto (1997 apud Pereira, 2005) o ambiente das famílias das classes populares normalmente é visto de forma negativa, O ambiente familiar normalmente é descrito como pobre ou precário e termos como “barulhento”, “desorganizado”, “superpopuloso” e “austero” são usados, com frequência, para qualificá-lo, justificando, assim, o baixo desenvolvimento psicológico da criança. Ainda de acordo com Patto (1997 apud Pereira, 2005) são apontados a “falta de artefatos culturais” e de estímulos que pudessem favorecer o desenvolvimento da prontidão para a aprendizagem escolar, destacando-se ainda a pobreza e a desorganização dos estímulos sensoriais presentes. Dessa forma os pais são vistos, na maioria das vezes, pela escola como modelos inadequados de adultos e incapazes de suprirem às necessidades cognitivas de seus filhos.

Desse modo, a busca de uma consonância entre família e escola fica cada vez mais difícil e complexa, essas instituições devem caminhar juntas, para que seja possível propor um trabalho educativo que tenha como foco a formação de um indivíduo autônomo. A presença dos pais na escola é essencial, e a ausência deles pode gerar inúmeros transtornos. Vale ressaltar que tendo ou não, objetivos em comum, cada um deve fazer sua parte para que atinja o caminho do sucesso, que visa conduzir crianças e jovens a um futuro melhor. O ideal é que família e escola tracem as mesmas metas de forma simultânea, propiciando ao aluno uma segurança na aprendizagem de forma que venha criar cidadãos críticos capazes de enfrentar a complexidade de situações que surgem na sociedade.

Para que essa parceria aconteça é necessário que escola trabalhe de acordo com a realidade de seu público, para que haja uma interação maior entre eles. O primeiro contato que a criança tem na vida é com os pais, e esses lhes transmitem os conhecimentos, valores, hábitos, enfim toda a bagagem cultural, portanto, quanto maior for o nível cultural dos pais, maior será a bagagem de conhecimentos dos filhos.

Não recebendo de suas famílias nada que lhes possa servir em sua atividade escolar, a não ser uma espécie de boa vontade cultural vazia, os filhos das classes médias são forçados a tudo esperar e a tudo receber da escola, sujeitos, ainda por cima, a ser repreendidos pela escola por suas condutas por demais “escolares”. (BOURDIEU, 2014, p. 61).

De acordo com as observações realizadas durante as aulas, tanto no turno matutino quanto vespertino, nota-se que os alunos menos favorecidos, esperam, imitam ou submetem-se aos alunos oriundos de classes dominantes. Durante as organizações de grupos eles esperam passivamente que se formem os grupos e só depois os professores tentem encaixá-los, uma ação inversa à dos alunos que são considerados os “mais adiantados” da sala, ou seja, daqueles mais econômico, social e culturalmente favorecidos.

Obviamente os alunos se agrupam na sala de aula com aqueles que “falam a sua língua”, que compartilham de seu insucesso ou sucesso, enfim daqueles que fazem parte de seu cotidiano. Os alunos bem vestidos, que cheiram bem e falam bem, negam-se a sentar em grupo com aqueles que são rotulados de fracassados, e esses ficam a mercê da vontade do outro, às vezes quando percebem que são rejeitados se revoltam e tumultuam a aula, ou se reprimem e se isolam no canto da sala. Não, que a vontade dele seja perturbar a aula, mas é um meio de chamar a atenção do professor que ignora suas desigualdades, tanto sociais como intelectuais.

Os alunos que possuem uma autoestima elevada são mais confiantes, fazem perguntas, respondem, participam da aula, esses, segundo Perrenoud, não necessitam tanto da ajuda do professor, quanto àqueles rotulados de fracassados. Tratar todos com igualdade é injusto, considerando que o professor não disponibiliza de tempo para atender todos de forma igualitária, deve direcionar a atenção a quem mais precisa, os que são pertencentes à classe dominante tem mais probabilidade de conseguir recursos para ampliar o seu conhecimento, enquanto o dito fracassado só dispõe da escola para essa obtenção, já que o nível cultural dos pais são bastante baixo. (PERRENOUD, 2001, p. 52.) O professor ou dedica sua energia a levar os mais lentos à altitude mínima, ou os abandona à própria sorte para ajudar os melhores a superar seus limites.

Ter que escolher a quem dar mais atenção, não é uma tarefa fácil para o professor, infelizmente a nossa profissão é diferente das outras, nenhuma outra profissão atende uma quantidade tão elevada de pessoas ao mesmo tempo, o médico, o psiquiatra, o dentista, o psicólogo, o advogado, o engenheiro, todos atendem apenas uma pessoa de cada vez, assim se torna mais fácil diagnosticar e resolver o problema, enquanto o professor atende no mínimo vinte, podendo chegar

até mesmo a quarenta crianças, com gênios, comportamentos, cultura e valores diferenciados que devem ser respeitados e trabalhados.

Inevitavelmente algumas crianças saem prejudicadas, nem todas recebem o mesmo atendimento, e conseqüentemente serão àqueles que menos buscam ajuda do professor. Na maioria das vezes, o professor intencionalmente, ou não, nem percebe que determinado aluno, o que mais precisa, não fez a atividade, pois o mesmo, por não saber, se sente envergonhado em pedir ajuda, enquanto outros requisitam a ajuda do professor a todo instante, mesmo sabendo fazer sozinho, quer chamar a atenção para ele.

Segundo Perrenoud;

Todos os professores sabem, por experiência própria, que as crianças são diferentes, que não têm os mesmos interesses, que não aprendem no mesmo ritmo, que não recebem do meio do qual provêm o mesmo capital linguístico e cultural, que na mesma idade não têm o mesmo nível de desenvolvimento intelectual, que nem todas são ajudadas e apoiadas pela família. (PERRENOUD, 2001, p.49).

Diante dos relatos dos alunos nas entrevistas, percebe-se a dificuldade dos pais em ajudá-los nas tarefas escolares, a ausência de um elevado nível de conhecimento escolar das famílias e o distanciamento delas com o Colégio dificulta ainda mais o desempenho dos alunos, sobretudo dos alunos do 6º ano, os quais requerem mais dedicação e acompanhamento.

Nas reuniões de pais e mestre, observei que a maioria dos pais dos alunos do vespertino não assinou o livro de presença, alegando não saber assinar, outros assinaram de forma trêmula, quase rabiscada, evidenciando assim a ausência de escolaridade avançada, ou quase nenhuma. A maioria dos familiares desses alunos, não concluiu o ensino fundamental, o que dificulta deles acompanharem seus filhos no momento de fazer o “dever de casa”. Além disso, há informações de que alguns pais não os motivam a terminarem os estudos, pelo contrário, retira-os da escola, ou colocam para estudarem à noite na EJA, para que os mesmos possam lhes ajudar nas em atividades agrícolas ou outro serviço.

Alguns alunos do vespertino chegam ao Colégio com idade avançada para a série, possuem histórico de reprovação, indisciplina, evasão, erro, fracasso e insucesso escolar. Ao chegar à escola é seu histórico escolar que determina que



horário irá estudar. Segundo depoimentos dos alunos que participaram do GF (grupo focal,) mesmo que o aluno queira estudar pela manhã, dificilmente encontrará vaga, pois o turno matutino é reservado para os “bons alunos”. Indagados sobre o que seriam “os bons alunos”, responderam:

Os alunos da tarde são mais bagunceiros do que os de manhã, tem uma história que quem brigar de manhã vai estudar à tarde. **(Felipe)**.

Os alunos que estudam de manhã é diferente, por que os alunos tem mais interesse, ajuda na idade também né, aí ajuda a gente a estudar, de manhã tem mais pessoas interessadas, que enturmam mais, que pode nos ajudar, e ajuda eles também. Já de tarde não, tem os alunos grandes, desinteressados assim, maior na mesma série que a gente com 12 anos, aí a gente tem que fazer sozinho... A idade dos alunos da tarde são 15, 16 anos... **(Maria Eduarda)**.

Os alunos pela manhã tem a influência, influencia a gente a estudar **(Maria Eduarda)**.

Mediante depoimentos dos alunos nota-se o preconceito aos alunos que estudam no vespertino, preconceito esse, estimulado pelos agentes educacionais da escola, ao dizer que o aluno que brigar será transferido para à tarde, qualificando o turno vespertino, como o “*celeiro*” dos maus alunos, o qual está destinado aos alunos mais velhos, “burros”, indisciplinados, desinteressados, os fracassados tanto na escola como na sociedade, já que esses são também excluídos na sociedade elitista, que preferem, ou melhor, fazem de tudo para que seus filhos estudem pela manhã, pois acreditam que é mais adequado à sua classe social e cultural.

O que torna evidente que o preconceito existente na escola é fabricado nela mesmo, ou no seio das famílias da elite, é o fato de que os alunos que chegam ao 6º ano vespertino, sobretudo os de povoados, desconhecem essa rotulação, e ainda menos, o que os alunos que estudam no matutino pensam sobre eles. Em diálogos com os alunos do vespertino, percebi que somente entre os alunos repetentes, ou dos anos mais adiantados é percebido o sentimento de preconceito destinado a eles, eles se queixam que os alunos da manhã são: *exibidos, querem se aparecer, e que não se juntam a eles para fazerem atividades em grupo.*

A dificuldade de agrupar os alunos também é relatada pelos professores, que se queixam de muita resistência dos alunos da sede para formar grupo com os alunos dos povoados, devido ao preconceito existente entre eles, principalmente àqueles mais favorecidos cultural e economicamente. Essa dificuldade de agrupamento ocorre com maior frequência no matutino, entre os alunos da sede e

os poucos alunos dos bairros periféricos e povoados que estudam pela manhã. No vespertino as dificuldades em agrupar são por outros motivos, rixa por namoros e desentendimentos entre as famílias.

São muitos os motivos dos desentendimentos em sala de aula, porém o do vespertino diferencia-se dos do matutino, pois vão além da sala de aula, alguns trazem problemas, rixas da convivência de fora da escola, como pais que não se falam, vizinhos que brigaram entre si, disputas de namorados etc. Essas ocorrências evidenciam a interferência cultural no ambiente escolar, o nível de conhecimento cultural, hábitos, valores, nível escolaridade dos pais, são fatores que influenciam bastante na relação escolar dos alunos e professores.

A distância não é apenas social e cultural. Também é uma questão de personalidade e de afinidade. Muitas vezes, o que atribuímos ao caráter está enraizado em valores e hábitos familiares, em uma cultura no sentido mais amplo. Via de regra, simpatizamos apenas com aqueles que compartilham nossa sensibilidade, nossos valores, nossa visão de mundo. Os casamentos ocorrem de preferência entre pessoas de origem social e nível cultural próximos. As outras relações sociais seguem a mesma tendência. (PERRENOUD, 2001, p. 57).

É ingênuo esperar que os professores confessem a preferência citada por Perrenoud, porém, considerando observações, depoimentos e minha experiência profissional no contexto pesquisado, é confiável afirmar que os professores expressam afinidade sim, com aqueles mais próximos culturalmente, aqueles mais atenciosos, carinhosos, afetuosos, aos “mais inteligentes”, enfim aos mais favorecidos cultural e economicamente, salvo alguns carentes que se sobressaem ao fracasso, e conseguem conquistar a afeição do professor, certamente a aproximação acontece aos mais afins.

Portanto, com o mesmo ensino, não podem adquirir ao mesmo tempo as mesmas aprendizagens: para prevenir o fracasso escolar, para não agravar ainda mais as desigualdades iniciais, é preciso diferenciar o ensino, dedicar mais tempo e mais recursos para ajudar os menos favorecidos. (PERRENOUD, 2001, p.49).

Para que todos os alunos alcancem o domínio dos saberes e *savoir-faire* fundamentais, é preciso diferenciar o ensino, individualizar as aprendizagens Perrenoud, (2001, p.49). Mas o que seria essa diferenciação do ensino? Como fazer? Para ele diferenciar o ensino é agir com justiça na sala de aula, significam

promover oportunidades aos alunos desfavorecidos, injustiçados social e culturalmente. Ou seja, é importante que se atendam de forma individualizada aos alunos com maior dificuldade, em uma sala de aula os alunos mais “adiantados” sempre sobressaem, chamam atenção do professor mais vezes, não tem vergonha de perguntar, tirar dúvidas e discutir opiniões, enquanto os mais “atrasados” os que não conseguem acompanhar a turma, se retrai, se fecham no canto da sala, e acaba na maioria das vezes sendo esquecidos pelo professor. Porém esse aluno é quem mais precisa de ajuda, o ensino deve ser direcionado a ele, pois, os alunos que se destacam possuem maiores condições de vencer os obstáculos, enquanto os alunos considerados “fracos” necessitam de acompanhamento mais intenso e peculiar.

#### 4. 2 Deficiências no processo de alfabetização

Sabemos que o conceito de alfabetização passou por diversas mudanças, atualmente vai além do simples fato de decodificar. No ensino tradicional a alfabetização se baseava na memorização, sem considerar a realidade do aluno, o aluno era sujeito a decorar frases soltas, sem conexão, textos repetitivos, enfim sílabas e palavras soltas.

Não existe uma única diferença entre um indivíduo que aprendeu a ler e escrever e outro que não sabe fazê-lo. Porque são diferenças que vão além da alfabetização, essas diferenças se evidenciam na vida, estão associadas a aspectos sociais e econômicos, são refletidos diariamente na vida do indivíduo. Saber ler e escrever é essencial para se viver, comunicar e interagir melhor na sociedade, e sua ausência pode tornar o convívio mais difícil. Está alfabetizado vai além da possibilidade de decifrar um bilhete ou receita, está alfabetizado é ser capaz de ler e compreender enunciados mais complexos, resolver problemas, ser capaz de criar textos e interpretá-los, gostaríamos que os alunos chegassem a dominar a leitura e escrita para resolver questões práticas, ter acesso à informação aprender a exigir seus direitos e conviver melhor não só na escola, mas na sociedade.

É na escolar o lugar mais propício ao processo de alfabetização e o professor é um dos agentes determinantes desse processo, cabe a ele proporcionar um trabalho atualizado, contextualizado e inovador, criando possibilidade que levem os

alunos a adquirirem as competências necessárias para a compreensão da leitura e escrita.

Nós que ensinamos, sabemos que o trabalho do professor transcorre de uma forma rápida demais. O Professor deve atuar entre os alunos, em seus trabalhos, nas atividades, nas avaliações, nas consultas e visitas aos pais ECT. No entanto sem uma reflexão sobre sua própria prática, ela se torna automática e corre o risco de distanciar cada vez mais da realidade mutante da sala de aula. (TEBEROSKI 1997, p. 143), sendo um dos maiores responsáveis por esse processo o professor deve esta sempre se atualizando, capacitando e adquirindo competências para efetivar o ensino de melhor qualidade, quando isso não acontece, o seu ensino defasado pode proporcionar uma má alfabetização que deixará sequelas difíceis de remediar.

Considerarmos esses fatores, percebemos que nós professores temos um papel fundamental nesse processo. A alfabetização é um processo que se inicia desde cedo, que depende de estímulos para avançar, estímulos esses, proporcionados pela família e mais ainda pelo professor. Se o professor não possuir as competências necessárias para efetivar esse processo, dificilmente o aluno será alfabetizado no prazo certo. Levando consigo consequências de uma má alfabetização por toda sua trajetória escolar.

Alfabetizar no tempo certo é o sonho de todo professor alfabetizador, porém muito difícil conseguir essa proeza no prazo adequado, que seriam três anos. É o prazo sugerido pelo documento elaborado pelo MEC, (BRASIL, 2007 apud RAPOPORT, 2009) considerando três anos do ensino fundamental destinado ao trabalho com as turmas de alfabetização, quer dizer as turmas de seis, sete e oito anos. Grande parte dos alunos chega aos anos finais do fundamental sem serem alfabetizados, conseguem apenas codificar e decodificar algumas palavras, frases ou pequenos textos, contudo, se considerarmos de fato o conceito de alfabetização segundo Emília Ferreiro, percebe-se um distanciamento entre os alunos e esse processo. Mas afinal o que significa está alfabetizado?

Historicamente, o conceito de alfabetização se identificou ao ensino-aprendizado da “tecnologia da escrita”, quer dizer, do sistema alfabético de escrita, o que, em linhas gerais, significa, na leitura, a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em “sons”, e, na escrita, a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos. (PRÓ-LETRAMENTO, 2007).

Entretanto, na década de 1980 (BRASIL, 2007), o conceito de alfabetização foi ampliado, com as contribuições dos trabalhos desenvolvidos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Baseando-se nesses estudos a alfabetização vai além do simples ato de codificar e decodificar, mas se efetiva como um processo ativo, no qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, constrói e reconstrói hipóteses sobre a língua escrita, compreendida como um sistema de representação.

A alfabetização é entendida exclusivamente como processo de apropriação da língua escrita, e isso significa que ao aprender a língua escrita o aluno está aprendendo a construir estruturas de pensamentos. Portanto, a leitura como decifração é o objetivo maior a ser atingido. Os professores alfabetizadores deveriam receber uma formação específica, pois deverá estar apto a criar um clima propício para a criança aprender, ampliar e enriquecer seus conhecimentos. A alfabetização realiza-se quando a criança ou até mesmo o adulto descobre como funciona o sistema de escrita, isto é, quando aprende a ler e decifrar a escrita.

A alfabetização consiste, portanto, numa atividade construtiva e criativa, isto é, deve fundamentar-se no valor que a leitura e a escrita tem na prática social, evoluindo para a construção de novos conhecimentos, e além de formar um aluno que além de ler e escrever com competência que seja também crítico.

Considerando que a alfabetização é um processo complexo e que deve desenvolver a criticidade no aluno, que o mesmo consiga compreender e interpretar o seu dia a dia, tornando-se capaz de intervir em sua realidade, pode-se dizer que muitos dos alunos que ingressam no sexto ano do Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado, sobretudo os do turno vespertino, estão distantes de estarem alfabetizados de fato. Muitos desses alunos, mal conseguem escrever e ler pequenas frases, apresentando dificuldades ainda maiores na compreensão de textos mais complexos.

Em conversas informais com as professoras de português, percebi as dificuldades e discrepâncias entre os alunos do vespertino e do matutino, enquanto a maioria dos alunos do matutino lê, compreende e escreve convencionalmente, os do vespertino escrevem palavras soltas sem conexão, e sem nenhum sentido para o leitor fora do contexto, isto é, para o leitor que não seja o professor, pois estando o professor, relacionado ao contexto da escrita compreende ou levanta hipótese sobre

o que está escrito, é um dos meios usados pelas professoras para compreender os textos desses alunos.

A indagação é que “coincidentalmente” esses alunos que apresentam maiores dificuldades na aprendizagem, estudam à tarde. Podem até estudar pela manhã, mas no ano seguinte é “jogado” para a tarde “jogados”, esse é o termo usado por muitos, em reuniões de professores, coordenadores e diretores, é esse termo que é usado na maioria das vezes, quando não querem que o aluno com tal dificuldade atrapalhe o rendimento da turma. *“Joga logo esse aluno pra tarde, lá ele vai se sentir mais à vontade, pois a maioria dos alunos é igual a ele”*. Analisando as atas de resultados finais de 2014 e a lista de matrícula de 2015, notei que muitos dos alunos que foram reprovados pela manhã, passaram pra tarde ou noite, o que comprovam a seletividade que ocorre no turno matutino.

As professoras de português afirmam a existência dessas desigualdades na aprendizagem entre os alunos do matutino e vespertino, o que é normal até certo ponto, que a aprendizagem aconteça de forma desigual, uns aprendem com mais facilidade, outros requer mais tempo, mais esforços, porém a discussão gira em torno da grande disparidade existente entre os dois turnos, de acordo com as observações e os diagnósticos realizados pelas professoras de português, a maioria dos alunos do vespertino foi mal alfabetizada, e os textos explicita essa realidade. A professora Renata que ensina no matutino disponibilizou alguns textos, que evidencia um bom desempenho e os avanços dos alunos, todos em um nível de aprendizagem satisfatório, enquanto os cedidos pela professora Carla Daiana do turno vespertino, não apresentam a mesma característica, são mal escritos, sem conexão ou coerência, alguns ilegíveis.

A defasagem de leitura e escrita tem origem no processo inicial de alfabetização, o que aponta para a responsabilidade de escolas do município de onde os alunos são egressos. Tanto os gestores dessas escolas quanto os gestores administrativos municipais conhecem o problema da má alfabetização, cabe perguntar que oportunidades os alunos dos anos iniciais no ensino fundamental têm de adquirir as competências básicas para prosseguir os estudos? Ignorar esse problema é, de certo modo, cercear o direito de aprender.

Mesmo sendo conhecedora da influência do tempo biológico no desenvolvimento escolar, percebo que não é esse o caso das desigualdades no ensino e aprendizagem do Colégio. Alguns estudos já demonstraram a relação entre

o ritmo biológico e o rendimento escolar e turno escolar, como o de Barbieri em seu artigo *Relação entre o ritmo biológico, o turno escolar e o rendimento escolar de alunos de uma escola de Ensino Médio de Farroupilhas/RS*. O estudo mostrou que cada indivíduo tem seu ritmo próprio para desenvolver suas atividades diárias, apresentando mais disponibilidade e energia em determinados horários do dia. Sendo assim que cada estudante deve escolher o horário que lhe é mais apropriado.

Porém, percebo que o problema que permeia o Colégio não é de ordem biológica, mas sim cultural. O que parece que vem ocorrendo no Colégio é uma forma de seletividade de público, que foi se naturalizando no decorrer dos anos. O horário matutino é preferencial ao aluno considerado “ideal”, àquele que se dedica e exige mais da escola, e o turno vespertino ao público mais vulnerável, aos que não exigem, aos que não são assíduos, enfim àqueles considerados “maus alunos”.

Afinal, qual é o aluno ideal? Segundo os professores entrevistados, o aluno ideal é aquele interessado, participativo, assíduo, com objetivo, com base de conhecimentos e com apoio familiar. Porém o que temos na escola pública, sobretudo no turno vespertino, é o aluno desinteressado, não participativo, sem determinação e nenhum apoio familiar. Fica claro que, para a grande maioria dos professores, o aluno da escola pública, sobretudo os do vespertino, está muito distante da imagem que eles têm de um aluno ideal, uma vez que as qualidades mais frequentemente atribuídas a este se encontram praticamente ausentes na descrição do público vespertino.

#### 4.3 A qualidade do ensino-aprendizagem na escola pública

A arte de educar revela-se na atividade humana, e se consolida na escola. A escola historicamente se tornou a instituição de maior responsabilidade pela transmissão de conhecimentos e inculcação do saber. Dentro da escola, a criança aprende se adapta e se transforma, e é inserido no meio social. Socializa saberes, aprende o que lhe é ensinado e vai se constituindo de acordo com interesses e intenções de agentes educacionais. Todavia, o processo educacional não é isento de interesses, pelo contrário é munida de interesses, motivações, expectativas, distinções, aprovações, qualificação ou desqualificações em relação aos alunos.

A escola passou por várias configurações e mudanças significativas, que alteraram sua forma de funcionamento, portanto continua sendo influenciada por forças externas, advindas dos agentes sociais dominantes, reproduz a estrutura social capitalista, age de acordo com princípios dos mais favorecidos socioeconomicamente. (JOÃO E SILVA, 2014) As pesquisas educacionais, após os anos 1970, retratam uma escola seletiva, excludente e marginalizadora daqueles que não alcançam resultado esperado, sobretudo por causa das desigualdades sociais que se concretizaram também no espaço escolar. A escola, que deveria ser um espaço onde a criança se prepararia para a vida, acabou se tornando também um espaço de exclusão social, expulsando aqueles que não se adaptaram, ou melhor, não se moldaram da forma esperada. Assim a escola acaba se tornando injusta, porque obedece a uma igualdade que não existe, espera-se dos alunos que se tornem iguais aos padrões preestabelecidos por uma sociedade capitalista e injusta, não levando em consideração que os sujeitos nela inseridos, são diferentes em aspectos econômicos, sociais e culturais, portanto, quando se estabelece parâmetros que tentam igualar todos sem respeitar as diferenças, alguém sempre acaba prejudicado, e certamente serão os menos favorecidos, os que não se adaptarão aos padrões pré-estabelecidos.

A escola deveria ser o lugar ideal para uma educação de qualidade, que atendesse a necessidade de todos que a frequentassem, mas, sabemos que não é assim que funciona, a qualidade do ensino não se estende a todos como deveria. São inúmeras as justificativas para isso, o público é diferente, os alunos não ajudam, as salas superlotadas, alunos mal alfabetizados, entre outros.

Essa diferença entre os alunos, e na qualidade do ensino-aprendizagem me leva a refletir sobre o que é uma educação de qualidade? Qual é o parâmetro para medir a qualidade do ensino? Quais e quem são os avaliadores? Atualmente são muitos os avaliadores externos, porém, não são garantia de aprendizagem e muito menos de qualidade de ensino. Apenas servem para quantificar o ensino, de acordo com parâmetros preestabelecidos por agentes externos à escola.

Considerando qualidade de ensino na visão de Freire, estamos distante de uma educação de qualidade de fato, até o momento temos educação de qualidade apenas para poucos, precisamos de uma educação que atenda a todos os indivíduos de forma igualitária e justa.



Qualidade significa melhorar a vida das pessoas, de todas as pessoas. Na educação a qualidade está ligada diretamente ao bem viver de todas as nossas comunidades, a partir da comunidade escolar. A qualidade na educação não pode ser boa se a qualidade do professor, do aluno, da comunidade é ruim. Não podemos separar a qualidade da educação da qualidade como um todo, como se fosse possível ser de qualidade ao entrar na escola e piorar a qualidade ao sair dela. (GADOTTI, 2013, p.2);

Não é considerada uma Educação de qualidade, uma educação que privilegia poucos, para ser de qualidade a educação deve atender a todos em diferentes aspectos, como no econômico, social e cultural.

A qualidade se transformou em um conceito dinâmico que deve se adaptar permanentemente a um mundo que experimenta profundas transformações sociais e econômicas. É cada vez mais importante estimular a capacidade de previsão e de antecipação. Os antigos critérios de qualidade já não são suficientes. Apesar das diferenças de contexto, existem muitos elementos comuns na busca de uma educação de qualidade que deveria capacitar a todos, mulheres e homens, para participarem plenamente da vida comunitária e para serem também cidadãos do mundo. (UNESCO, 2001, p.1 Apud GADOTTI, 2013, p.2).

Uma educação de qualidade deve proporcionar ao aluno condições de viver e conviver na sociedade, não a serviço do capital, mas com condições de usufruir dele de forma benéfica, transformando sua realidade para melhor, vencendo obstáculos e desafios postos pelas desigualdades econômicas e sociais. Desse modo cabe à escola oferecer uma educação de qualidade para todos, pois qualidades para poucos não é qualidade, é privilégio.

Privilégio e seleção são o que mais ocorre no Colégio pesquisado, porém mesmo sendo o turno matutino mais privilegiado do que o vespertino, não se pode considerar que tenha uma educação de qualidade, pois não atende a todos da mesma forma e não transforma a realidade dos envolvidos.

Quando a escola pública era para poucos, era boa só para esses poucos. Agora que é de todos, principalmente para os mais pobres, ela precisa ser apropriada para esse novo público, ela deve ser de qualidade sociocultural. Isso significa investir nas condições que possibilitam essa nova qualidade que inclui transporte, saúde, alimentação, vestuário, cultura, esporte e lazer. Não basta matricular os pobres na escola (inclusão). É preciso matricular com eles, também, a sua cultura, seus desejos, seus sonhos, a vontade de “ser mais” (Freire). É preciso matricular o projeto de vida desses novos alunos numa perspectiva ética, estética e ecopedagógica. A educação integral precisa visar à qualidade sociocultural da

educação, que é sinônimo de qualidade integral. (GADOTTI, 2013, p. 4).

Uma escola com nova qualidade deve incluir transporte, saúde, alimentação, vestuário, cultura, esporte e lazer. Considerando esses aspectos o Colégio atende quase todos esses requisitos, exceto o lazer, por não ter área coberta não tem como proporcionar atividades de interação e lazer, e a cultura. Esse último é bastante discutido no âmbito escolar, porém não é trabalhado de forma efetiva, é trabalhado apenas de forma generalizada e superficial, não há uma pesquisa, ou projeto de interação que possa identificar as culturas existentes na escola, que favoreça a interação entre os alunos dos bairros periféricos e dos povoados. Portanto, é evidente que a escola não dispõe de uma educação de qualidade, suas metodologias são desenvolvidas para atender um público inexistente, valorizam as qualidades encontradas nos alunos da antiga escola pública, cuja clientela era constituída basicamente por crianças de classe média.

Embora a escola não crie a desigualdade (ela começa muito antes da escola), é a educação quem decide quem vai e quem não vai ser incluído na sociedade, (GADOTTI 2013). A escola não cria desigualdades, mas reproduz as desigualdades produzidas na sociedade, é nela que se intensifica, o tipo de educação recebida pelo aluno é que vai lhe dar base e sustentação para seguir em frente, superar as desigualdades e transformar sua vida para melhor.

#### 4.4. A Educação é para todos?

A partir do momento em que a educação passou a ser obrigatória no Brasil, criou-se o discurso que seria pra todos, todos tem acesso à educação, porém a educação não atende a todos da mesma forma. Com uma legislação garantindo o direito de todos à educação, as escolas foram lotadas de alunos de diversas classes sociais. Contudo, não se sabe ao certo como efetivar essa escolarização, espera-se a homogeneização dos alunos, que os mesmos se desenvolvam ao mesmo tempo e no mesmo ritmo.

A realidade, no entanto, tem sido bastante diferente: temos alunos que não aprendem no ritmo que pretendemos e os que não aprendem os conteúdos que ensinamos. Um estudo realizado por Sérgio Haddad (2007) presidente da ONG Ação Educativa, que cruzou os indicadores do Ministério da Educação (MEC) - taxas

regionais de evasão e repetência, distorção idade-série no Ensino Fundamental, matrículas por nível de ensino, índices de analfabetismo e acesso da população à Educação Infantil e às turmas de Jovens e Adultos (EJA), constatou que o sistema educacional público faz com que as escolas reproduzam as desigualdades sociais das regiões em que estão inseridas. Portanto, em regiões mais pobres como o Norte e o Nordeste, as escolas refletem as desigualdades nelas existentes, segundo esse estudo, essas regiões recebem menos investimentos do governo, configurando assim menores salários para os professores e escolas com estruturas precárias, essa situação se agrava ainda mais em escolas da zona rural e/ou bairros periféricos, onde a pobreza é mais intensa.

A nossa escola pública ampliou-se historicamente voltada para a homogeneização. A ideia de uma escola para todos surgiu no século XVIII e se expandiu no século XIX com interesses voltados ao mercado, para servir ao capitalismo, isto é, no auge da Revolução Industrial era necessário qualificar mão de obra para o mercado, então a escola se encarregou de qualificá-la. (DORNELES, 2010) Era preciso aprender a ser bom trabalhador para produzir, e isso incluía uma forma mais educada de agir e certo domínio da leitura e escrita, aspectos que a escola garantia.

A escola pública era, pois, a grande equalizadora, que garantia os conhecimentos e as habilidades comuns a todos. Portanto, inerente à ideia de expandir as oportunidades educacionais está o princípio de homogeneizar, tornar parecidos. Tal ideia foi adquirindo o status de verdade inquestionável (COOK-GUMPERZ, 1991). Havia baixa tolerância para com os diferentes, fosse em termos linguísticos, culturais ou intelectuais. A sua segregação foi o caminho “natural” encontrado nessa perspectiva de homogeneização. (DORNELES, 2010).

A escola se encarregou de equalizar os jovens aprendizes, o objetivo era garantir conhecimentos iguais a todos, e aqueles que não se iguallassem seriam excluídos, segregados, logo formariam turmas específicas para esses alunos mais fracos. Percebe-se que a seletividade na educação não é um fato atual, essa realidade foi historicamente construída, separa-se o *joio do trigo*, ao que é bom dedica-se melhor e destina-se uma melhor qualidade no ensino.

A escola possui mecanismos que conduzem às posições de poder econômico e político aos mais favorecidos. E na aparente democratização, dissimula, reproduz e legitima a posição social dos menos favorecidos, (JOÃO e SILVA, 2014). Como a

sociedade, a escola também privilegia os mais favorecidos, e o local onde os direitos e deveres deveriam ser respeitados, acaba reproduzindo e legitimando as desigualdades impostas por uma sociedade capitalista, portanto pode-se afirmar que a escola **não é para todos**, ela contribui mais ainda para ascensão da classe dominante.

#### 4.5. A que se deve o êxito escolar

A educação é uma das portas de saída de um mundo de exclusão e desigualdades. Os que a adquirem, conseguem se revestir de uma armadura que os possibilitam libertar-se de uma sociedade opressora e discriminatória. Portanto, consegui-la não é tão fácil como se imagina, requer dedicação, esforço, uma escola de qualidade, professores comprometidos, um ensino adequado e acima de tudo vencer as barreiras impostas pelos aspectos econômicos e socioculturais.

O êxito ou o sucesso escolar também como o fracasso escolar depende de vários fatores. Inicialmente é preciso resaltar o que é o “sucesso escolar”, o conceito de sucesso é relativo e individual, o que é ser considerado sucesso pra uns, pode não ter significado nenhum para outros. E a variação social é exemplificada na diferença entre o que é um excelente resultado para uma família pobre pode ser apenas o mínimo esperado para uma família de classe alta. (LAHIRE, 1997 apud CARVALHO, 2010).

##### 4.5.1 A família e sua influência na educação dos filhos

O “sucesso” escolar não surge de “Dons” naturais, mas sim da interação com o meio cultural que o indivíduo está inserido, família, amigos, escola, trabalho, maior a probabilidade de êxito. Percebe-se que alunos com interação social mais ampla possuem um elevado nível de conhecimento, são mais propício a aprendizagem.

Como diz Bourdieu, “[...] é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança”, porque até mesmo um desnível entre o pai e a mãe pode mudar o êxito da criança. Sem contar também que o nível cultural global dos ascendentes e outros parentes da família influenciam na aprendizagem do aluno. Assim, Bourdieu afirma que a posição social,

o capital cultural, o ethos da família e dos parentes são aspectos influenciadores da continuidade dos estudos dos alunos. (JOÃO e SILVA, 2014).

Sabe-se que, quanto menor for a aquisição de capital cultural, social e econômico da família, menor será o tempo de prolongamento dos estudos, sendo marcado, desse modo, por um processo de rupturas e descontinuidades na vida estudantil, (JOÃO e SILVA, 2014). Não é o pertencimento à família carente, o maior obstáculo que criança tem para alcançar o sucesso escolar, mas o distanciamento dessas famílias à escolaridade, a ausência de um capital cultural rico e diversificado é o maior responsável pelo insucesso escolar das crianças carentes. Bourdieu apud João e Silva, (2014) chega a seguinte análise:

As crianças oriundas dos meios mais favorecidos não devem ao seu meio somente os *hábitos* e treinamentos diretamente utilizáveis nas tarefas escolares, e a vantagem mais importante não é aquela que retiram da ajuda direta que seus pais lhe possam dar. Elas *herdam* também *saberes* [...], *gostos* e um “*bom gosto*”, cuja rentabilidade escolar é tanto maior quanto mais frequentemente esses imponderáveis da atitude são atribuídos ao dom. (JOÃO E SILVA, 2014, p. 19).

Carvalho (2010) relata que em pesquisa, a grande maioria dos entrevistados apontou, como fundamental para o alcance do sucesso, que o aluno tenha uma boa base familiar com pais (ou algum parente próximo) que o incentivem na busca de um ideal. Sabemos que o acompanhamento dos pais nas tarefas escolares é essencial para que o aluno alcance sucesso nos estudos.

Uma das maiores reclamações dos professores do vespertino do Colégio Eufrásio é que a maioria dos alunos não faz as atividades de casa, dizem que não têm quem os ajudem, os pais além de não compreender as atividades, não dispõem de tempo. Outro ponto fundamental é a importância dos valores transmitidos pela família. Se a família cumprisse com seu papel, facilitaria a obtenção do sucesso, como olhar e acompanhar o dever de casa, observar se o filho estudou. Pelo menos mostrar interesse. A escola é importante, mas antes mesmo que os alunos a reconheçam como tal, são necessários, que os pais a reconheçam e a valorizem. Suponho que a organização familiar é fundamental para o sucesso da criança, no entanto, não me refiro somente à estrutura familiar tradicional, mas à qualidade das relações familiares em que a criança convive.

#### 4.5.2. Professores: É preciso repensar a prática

Outro fator considerável no sucesso da criança é a qualidade dos professores e da escola, uma direção comprometida com seus alunos e professores competentes, atualizados, dinâmicos e críticos, proporcionarão melhor desempenho aos alunos. É necessário que a escola dê uma formação mais completa a todos, sem exclusão, oferecendo atividades fora de sala de aula, como projetos e gincanas, favorecendo a convivência na comunidade escolar, ou seja, a escolha de uma escola considerada de boa qualidade também exerce influência no sucesso do aluno. Todavia, o “poder” de escolha não é um privilégio de todos, sobretudo aos alunos das classes populares.

Mas, embora a qualidade da escola como um todo seja fundamental, sem sombra de dúvida, a grande estrela é o professor com sua dedicação, competência, motivação e prazer no que faz. Ele tem que ser competente e saber fazer uso dos recursos disponíveis, além de ter uma boa formação. (CARVALHO, 2010)

Para a representação do professor como uma figura emblemática na vida do aluno pode ser muito marcante, chegando até mesmo a influenciar suas escolhas profissionais, (CARVALHO, 2010). É comum ouvi relatos de pessoas dizendo que sua maior inspiração foi o professor, não necessariamente aquele que tinha maior domínio de conteúdo, mas aquele que se importou verdadeiramente com o aluno, que considerou seus conhecimentos e respeitou sua cultura.

“há muito tempo que procuro propor o novo tipo de professor”. É um professor que não ensina nada, não é professor de matemática, não é professor de História, de geografia... É um professor de espantos. O objectivo da educação não é ensinar coisas, porque elas já estão na internet, estão por todos os lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar. Criar na criança essa curiosidade. (...) criar a alegria de pensar. (...) a relação com a leitura é uma relação amorosa. (...) Quando o professor manda, já estragou. (...) Não mandando ler, mas lendo. A missão do professor não é dar as respostas prontas. (...) é provocar a inteligência, provocar o espanto, provocar a curiosidade. (RUBEM ALVES)

É preciso repensar o papel do professor, considerando as teorias socioconstrutivistas, ele deixa de atuar como protagonista, para atuar como coadjuvante, isto é, deixa de ser o único detentor de saber para se tornar um mediador, aquele que constrói o elo entre o saber e o aluno, aquele que não dá respostas prontas, mas que ajuda o aluno a encontrá-las, aquele que não dá aulas, mas as constrói junto com os alunos, considerando a sua bagagem de conhecimentos.

É indispensável para que haja uma aprendizagem significativa, que os alunos se predisponham a aprender significativamente. Vem daí a necessidade de “despertarmos a sede” (Ausubel 1988 apud Santos, 2008). Despertar a sede, ou seja, o interesse do aluno é crucial pra uma aprendizagem significativa, para que esse interesse seja despertado é de suma importância planejar aulas significativas, criativas, estimuladoras e desafiadoras das estruturas conceituais dos alunos.

Essa necessidade nos poupa da tradicional busca de maneiras diferentes de “apresentar a matéria”, (SANTOS, 2008). Na escola, informações são passadas sem que os alunos tenham necessidade delas. Quantas vezes ouvimos queixas de alunos a respeito de determinada “matéria”, que são “passadas” sem conexão e funcionalidade. Quando problematizamos, abrimos as possibilidades de aprendizagem, uma vez que os conteúdos não são tidos como fins em si mesmos, mas como meios essenciais na busca de respostas. O essencial é que os conteúdos “desequilibrem” o aluno, e despertem nele o desejo de se “equilibrar” novamente, que provoquem a necessidade em uma busca pessoal, a fim de assimilar novo conhecimento.

#### 4.5.3. A autoestima/esforço: Um forte aliado

Outros fatores determinantes no êxito e sucesso escolar são: a autoestima, o esforço e o interesse individual em aprender. O essencial para o sucesso de um aluno é o seu próprio interesse em aprender, sua força de vontade. Além da família e da escola, o próprio aluno tem um importante papel em seu sucesso escolar. Carvalho, (2010).

Lahire (1997 apud Carvalho 2010) percebe que algumas crianças que apresentam sucesso escolar interiorizam certas regras em forma

de “necessidades pessoais”. Esse autor realça a necessidade de se desenvolver a autonomia do aluno, ou seja, que ele aprenda a se “virar sozinho”, buscando entender suas deficiências para poder saná-las, procurar fazer uso dos recursos que estão à sua disposição como dicionários, mapas *etc.*(CARVALHO, 2010).

A criança precisa se conscientizar da importância da escola, e compreender que ele, é o principal agente no processo de aprendizagem, querer é um grande passo para o sucesso, a partir do momento em que a criança percebe que é de si mesma que deve partir o empenho e a determinação para aprender, ela será capaz de resolver problemas, realizar atividades com mais independência, buscar meios de compreender o que lhe foi ensinado e assim alcançar o sucesso escolar.

Um meio de elevar a autoestima do aluno é partir daquilo que ele já sabe reforçá-lo e valorizá-lo, fazê-lo sentir parte do processo de aprender. Outras atitudes que também auxiliam na elevação da autoestima são: propor desafios ao seu alcance - As atividades devem ser desafiadoras, porém possíveis ao aluno. Manter relação entre a linguagem utilizada na aula e a linguagem do cotidiano do aluno – sobretudo, aos alunos pertencentes às classes populares que apresentam uma linguagem rudimentar. Oferecer ajuda necessárias diante das dificuldades –

Segundo Perrenoud, as crianças que apresentam maiores dificuldades são as que mais necessitam de atenção e acompanhamento, mesmo que não as solicitem, devido à timidez ou sentimento de inferioridade. Garantir um ambiente acolhedor – A sala de aula deve promover no aluno um sentimento de pertencimento e afeto, para que o mesmo não se sinta excluído e diferente. São ações que contribuirão para uma aprendizagem significativa e conseqüentemente elevará a sua autoestima. Percebe-se que, os conteúdos que são vistos nos espaços escolares não tem sido objeto de entusiasmo para as crianças, não fazem elo com a realidade do aluno.

As crianças não vão à escola apenas para aprender e pronto, mas para construir conhecimentos em um sentido de aproximar-se do culturalmente estabelecido, mas também como “motor” do desenvolvimento do seu tempo, de suas capacidades e equilíbrio pessoal, de sua inserção social, de sua autoestima e relações interpessoais (ANTUNES, 2008, p. 22).

Se a criança não se relaciona bem com a escola, a baixa autoestima desses sujeitos pode ser um fator preponderante para a desmotivação, tanto de alunos, como de professores, que também se encontram frustrados com os resultados obtidos.



A autoestima é a apreciação que uma pessoa faz de si mesma em relação à sua autoconfiança e seu autorrespeito. Através dela podemos enfrentar desafios e defender nossos interesses. É formada ainda na infância, utilizando o tratamento que se dá à criança como peça chave, ou seja, se a criança for sempre oprimida em relação a suas atitudes terá baixa autoestima e se a criança for sempre apoiada em relação às suas atitudes terá autoestima elevada.

A baixa autoestima é o sentimento que se manifesta em pessoas inseguras, criticadas, indecisas, depressivas e que buscam sempre agradar outras pessoas. A autoestima elevada, em contrapartida, é a condição vivida por pessoas que são elogiadas, apoiadas, autoconfiantes, que têm amor-próprio, não vivem em conflito e não são ansiosas e inseguras.

Assim como o fracasso, o sucesso escolar é influenciado por muitos fatores, contudo, citei apenas três que considero de maior relevância, *a família, o professor/escola* e autoestima do aluno. (SANTOS, 2008) Promover a aprendizagem significativa é parte de um projeto educacional libertador, que visa à formação de homens conscientes de suas vidas e dos papéis que representam nelas. A escola deve tornar o aluno consciente, crítico e transformador de sua realidade. Para que isso ocorra é imprescindível um ensino de qualidade e comprometimento de todos os envolvidos nesse processo. (SANTOS, 2008) É impossível ensinar liberdade, cerceando ideias, oprimindo participações e ditando verdades. Apercebermo-nos dessas atitudes é essencial para que iniciemos um real processo de transformação da nossa prática.

Como esperar que nossos alunos, oriundos das classes populares, se libertem, se tornem críticos, conscientes e transformadores, se continuamos com práticas obsoletas exclusão, discriminação e seletividade. Para exigirmos dos alunos mais compromisso, empenho e interesse, é preciso que a mudança ocorra primeiramente no professor, refletindo sempre sobre sua prática tornando-a mais libertadora do que opressora.

Nas escolas, sobretudo nas públicas, há sempre problemas de diversos aspectos a serem resolvidos, esses problemas são históricos e constituídos de aspectos econômicos, culturais e sociais que e faz parte do cotidiano dos envolvidos. Os problemas e as barreiras são mais intensos em escolas que atendem alunos oriundos das classes populares, devido a grande desigualdade sociocultural e econômica.

A escola é munida de preceitos, os quais são desconhecidos pelas classes populares. Ao entrar em contato com um mundo tão diferente do seu, os alunos entram em conflito, por não se identificar com tal realidade. Entretanto, cabe à escola gerir ações de aproximação, acomodação, reconhecimento e respeito à identidade cultural do aluno. Algumas escolas só conseguem sanar grande parte desses problemas, sejam eles de caráter estrutural, funcional e/ou organizacional, se contar com o apoio de todos os agentes envolvidos no processo educacional, para tanto é preciso levar em consideração a organização e a gestão escolar, que deve partir de uma visão crítica e verdadeiramente democrática.

Nesse sentido, as escolas que conseguem minimizar a maioria de seus problemas característicos de uma instituição escolar, estão de fato construindo uma gestão democrática com um enfoque participativo, ou seja, a escola trabalha dentro da concepção tida como democrática-participativa (LIBÂNEO, 2001 apud FIRMINO E MORAES, 2011, p. 2).

A escola é um lugar de transformação social, é na escola que os alunos, sobretudo os carentes, encontram as maiores possibilidades de transformação e libertação, porém quando a mesma não se reconhece como tal, elimina na vida dos alunos a esperança de superação das desigualdades, fazendo com que eles desistam de frequentá-la por não ver nenhuma relação de cumplicidade com sua vida pessoal. É imprescindível que o aluno perceba a escola, como um lugar que o ajude a conquistar seus ideais, seus sonhos, anseios e a vencer suas limitações, que promova a sua interação com a sociedade e que sirva de degraus para a sua promoção tanto pessoal como profissional.

Os objetivos sociopolíticos da ação dos educadores voltados para as lutas pela transformação social e da ação da própria escola de promover a apropriação do saber para a instrumentação científica e cultural da população, é possível não só resistir às formas conservadoras de organização e gestão como também adotar formas alternativas, criativas, que contribuam para uma escola democrática a serviço da formação de cidadãos críticos e participativos e da transformação das relações sociais presentes. (LIBÂNEO, 2006, p. 328 apud FIRMINO E MORAES, 2011).

Para que aconteça a efetivação de fato de um ensino de qualidade e uma aprendizagem significativa é preciso que haja uma escola democrática e

participativa, que elimine de seu cotidiano, prática de exclusão, seletividade e discriminação. Como diz Libâneo, é possível resistir às formas conservadoras de organização e gestão, e tornar a escola mais acessível àqueles que se sentem alheios a ela. (FIRMINO E MORAES, 2011). A escola é um ambiente totalmente social, a diversidade de identidades nela presente, contribui para que ela seja um espaço cultural, de descobertas, de conhecimento, de aprendizagens, de emoções, de relações e comportamentos. Sendo assim, um ambiente social, cabe à escola e seus agentes, proporcionar a interação e o reconhecimento dessas culturas, respeitando-as igualmente, sem tratamento preferencial ou discriminatório.

Analisar a escola como um espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, levando em consideração a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição. (DAYRELL, 1996) apud (FIRMINO E MORAES, 2011, p. 6).

Sendo a escola um espaço social, é composta por alunos de diversas camadas sociais, que se diferenciam em gostos, hábitos, raça, cor e gênero. Portanto, ela deve ser um espaço pensado nessas diferenças, que se entrelaçam e se constituem quanto instituição pública. No entanto, o que acontece em meio às escolas públicas, é uma espécie de segregação social, em que se separam os negros dos brancos, os ricos dos pobres, os “bons” alunos dos “maus”, a fim de se conseguir uma utópica homogeneidade entre as turmas ou turnos.

---

## 5. INTERVENÇÃO: Ação em prol do sucesso escolar

A segregação, seletividade e discriminação evidenciadas entre os turnos do Colégio Eufrásio Vilela Dourado, foi o que motivou a efetivação desse projeto de Intervenção. Diante dessa realidade, busco enquanto educadora-pesquisadora propor **ações interventivas**, considerando as causas dessas desigualdades buscando a eficácia na construção coletiva de uma educação de maior qualidade, sobretudo no vespertino.

Conviver com essas diferenças na qualidade de ensino entre o matutino e o vespertino não é agradável, pelo contrário, é angustiante presenciar tantas injustiças e discriminação, em um ambiente que deveria promover igualdade de direitos e deveres. Aos alunos negros, pobres e pertencentes às classes populares é destinado o turno vespertino, ao qual são negados muitos benefícios usufruídos no matutino, como acesso qualificado à biblioteca, participação de programas e projetos.

Como educadora-pesquisadora e parte integrante desse campo, tenho interesse profissional em propor soluções para, pelo menos, reduzir as situações conflitantes diagnosticadas no cotidiano escolar. As ações interventivas propostas, foram pensadas de modo coletivo e participativo, para que todos os envolvidos nesse processo possam contribuir com as necessárias mudanças de qualidade de ensino e aprendizagem no Colégio.

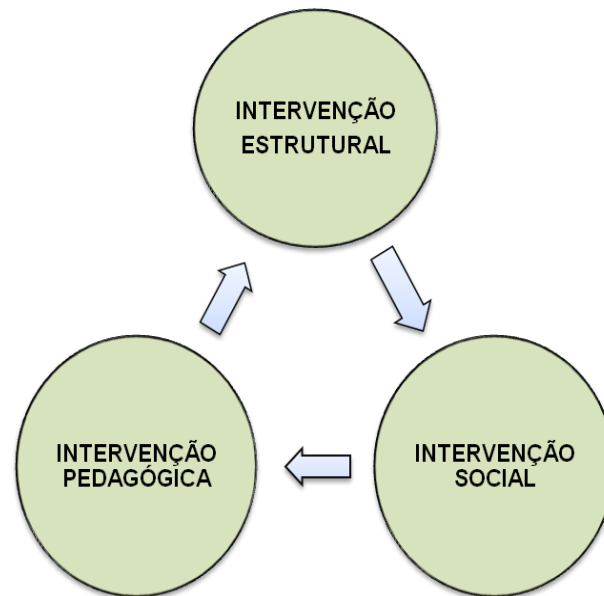
Após seis anos de implicação com esse campo de pesquisa, vivenciando as angústias, discriminações, seletividade, diferenças no desempenho escolar entre os turnos matutino e vespertino, tenho a oportunidade de propor, por meio desse projeto de intervenção, ações interventivas que busquem diminuir as desigualdades. Contudo, não é uma tarefa fácil, pois dependerá do empenho e participação coletiva de todos os agentes envolvidos, professores, alunos, secretários, bibliotecária, merendeiras, auxiliar de limpeza, inspetor, direção e Gestão pública. Somente com a participação e comprometimento de todos, conseguiremos atingir os objetivos desejados.

As diferenças na qualidade do ensino-aprendizagem entre os turnos matutinos e vespertinos são provenientes de fatores *internos* e *externos* à escola, sendo eles: *os comportamentos sociais, políticos e econômicos, os valores e suas influências*, não apenas no ambiente escolar, mas no dia a dia dos alunos além dos muros da escola. Dentro desse projeto foram relacionadas atribuições como, os vários tipos de preconceitos; as diversidades culturais; as diferenças sociais; as consequências das ações humanas na sociedade; a interdependência dessas ações com a escola, a ética e os direitos e deveres de cada um.

Considerando os problemas encontrados em diversas perspectivas, dificilmente obteremos resultados satisfatórios, focando-se em apenas uma das perspectivas, essas diferenças se situam em múltiplos contextos, entre eles, o contexto Estrutural, que mais é um instituinte, observando o cotidiano do Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado, percebe a seletividade que ocorre entre os turnos desse Colégio, onde se privilegia alunos oriundos das classes mais favorecidas e exclui os das menos favorecidas. Com a intervenção na dimensão Pedagógica, pretende-se oferecer reforço aos alunos que necessitam, para que os mesmos avancem e melhorem seus desempenhos. Na dimensão Social a ideia é desenvolver projeto de cunho social, promovendo maior interação entre os alunos de diferentes classes sociais. Desse modo pensa-se numa proposta de intervenção que abranja essa conjuntura. Portanto, a seguinte proposta de intervenção será apresentada nas dimensões: ***Estrutural, pedagógica e social.***

A proposta de intervenção será apresentada como mostra esquematicamente a figura. Para que haja uma mudança de fato, é necessário iniciar com uma intervenção estrutural, o que causará uma ruptura na seletividade e privilégio existente no Colégio Eufrásio Vilela Dourado. Logo após, seguida da intervenção pedagógica, já que a maior responsabilidade de um ensino de qualidade é atribuída aos professores, essa intervenção proporcionará à coordenação acompanhamento direto com o trabalho desenvolvido pelos professores. Por último uma intervenção social, de extrema importância, já que será realizado com todos os alunos do Colégio, envolvendo também a comunidade, promovendo a interação, o reconhecimento do outro, de sua cultura, de seus saberes de sua história. É importante ressaltar que a ideia é que as propostas de intervenção aconteçam simultaneamente, de forma planejada, organizada, e pensada com a participação dos professores, direção e coordenação.

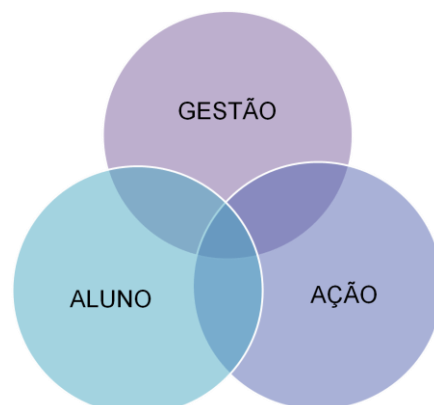
**Figura 11 Esquema da Proposta de Intervenção**



### 5.1 INTERVENÇÃO ESTRUTURAL: Um sonho possível...

A intervenção Estrutural é uma proposta que vai além da escola, depende da aprovação da Administração Municipal e da Secretaria de Educação, como mostra a figura 8, é uma ação que envolverá a Gestão Municipal e os alunos. Ação, comprometimento, empenho e interesse, serão necessários para a realização dessa intervenção. Porém não só dos professores e dos alunos, mas com maior afinco da Secretaria de Educação.

**Figura 11 Esquema da intervenção Estrutural**



A Intervenção Estrutural tem como meta eliminar a exclusão e a seletividade no contexto escolar, e para que isso aconteça talvez seja necessário realizar uma reestruturação das turmas e horários, já que no contexto atual do Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado, nota-se que existe um tipo de seleção entre os alunos.

Habitualmente os alunos da sede do Município, sobretudo os dos bairros centrais da cidade estudam no turno matutino, enquanto os dos bairros periféricos e povoados rurais estudam no turno vespertino, tal divisão seria consideravelmente normal, se não fosse proposital e excludente, se as oportunidades de escolhas fossem iguais aos alunos, porém não é assim que acontece. Alguns alunos até preferem estudar pela manhã, mas não dispõe de vagas e nem transportes. Aparentemente a seleção é “natural”, mas através do diagnóstico e investigação, percebeu-se que o direito de escolha é dado aos pertencentes às famílias tradicionais e aos alunos do centro.

Pensando numa forma de amenizar tais favorecimentos, e igualar todos os alunos, em direito, ou seja, retirar dos alunos mais favorecidos, essa opção de escolher o horário e estipular uma estrutura única a todos, seriam o justo e ideal. Dessa forma, não caberia ao aluno a opção de escolher o turno de estudo, e nem a escola de selecionar ou excluir por conveniências políticas, econômicas ou/e socioculturais.

Porém, essa mudança na estrutura escolar dependeria do consentimento e autorização da gestão pública, cabe a ela o deslocamento dos alunos nos horários adequados. O transporte não seria um problema, já que a prefeitura dispõe de um número significativo de ônibus escolares, que daria, sem problema, para fazer esse manejo. Os ônibus que transportam os alunos dos povoados pela manhã, fazem o mesmo itinerário à tarde, exceto ao povoado de Faveleira, que só dispõe de ônibus à tarde. Todavia, nada impossível de se resolver, já que seria a única alteração no itinerário do transporte escolar. As turmas estão atualmente assim distribuídas:

### **Tabela 3 Distribuição Atual das turmas**

<b>DISTRIBUIÇÃO ATUAL DAS TURMAS</b>			
<b>TURMAS MATUTINAS</b>		<b>TURMAS VESPERTINAS</b>	
<b>6º A</b>	<b>42</b>	<b>6º C</b>	<b>40</b>
<b>6º B</b>	<b>41</b>	<b>6º D</b>	<b>33</b>
<b>7º A</b>	<b>42</b>	<b>6º E</b>	<b>28</b>
<b>7º B</b>	<b>29</b>	<b>7º D</b>	<b>30</b>
<b>7º C</b>	<b>23</b>	<b>7º E</b>	<b>31</b>
<b>8º A</b>	<b>34</b>	<b>7º F</b>	<b>29</b>
<b>8º B</b>	<b>35</b>	<b>8º C</b>	<b>29</b>
<b>9º A</b>	<b>29</b>	<b>8º D</b>	<b>28</b>
<b>9º B</b>	<b>28</b>	<b>9º D</b>	<b>38</b>
<b>9º C</b>	<b>27</b>		

Fonte: Documentos da secretaria do Colégio Eufrásio (2015).

Sendo as turmas distribuídas da forma descrita na tabela 3, alguns alunos, sobretudo, o econômico, social e culturalmente favorecido, pode escolher em qual turno estudar. Pensando em uma forma de evitar privilégios e seletividade, a sugestão é que as turmas sejam estruturadas da seguinte forma:

**Tabela 4 Proposta de distribuição das turmas**

<b>PROPOSTA DE DISTRIBUIÇÃO DAS TURMAS</b>			
<b>TURMAS MATUTINAS</b>		<b>TURMAS VESPERTINAS</b>	
<b>6º A</b>	<b>42</b>	<b>8º A</b>	<b>34</b>
<b>6º B</b>	<b>41</b>	<b>8º B</b>	<b>35</b>
<b>6º C</b>	<b>40</b>	<b>8º C</b>	<b>29</b>
<b>6º D</b>	<b>33</b>	<b>8º D</b>	<b>28</b>
<b>6º E</b>	<b>28</b>	<b>9º A</b>	<b>29</b>
<b>7º A</b>	<b>42</b>	<b>9º B</b>	<b>28</b>
<b>7º B</b>	<b>29</b>	<b>9º C</b>	<b>27</b>
<b>7º C</b>	<b>23</b>	<b>9º D</b>	<b>38</b>



Com essa reestruturação nas turmas, não diminuiria apenas a seletividade, mas a desigualdade na faixa etária. Sabemos o quanto é complexo administrar as diferenças na idade, tanto dentro da sala, quanto fora. Os maiores acabam sempre “dominando o espaço”, são sempre os primeiros na fila da merenda, sempre com brincadeiras “pesadas”, isto é, os pequenos não acompanham o ritmo dos maiores, e sempre quando os menores inventam uma brincadeira, os maiores sempre interferem desestimulados os pequenos.

Outro ponto positivo nessa reestruturação seria o desenvolvimento de atividades extraclasse. Com o público numa faixa etária mais próxima, as atividades seriam mais adequadas e favoráveis à aprendizagem e ao desempenho dos alunos, já que os interesses e motivações são convergentes. Sempre quando é proposto projetos numa dimensão maior, que abrange toda a escola, os alunos maiores sempre se destacam, realizando a maioria das atividades.

Sabendo que no turno vespertino esses projetos não fluem como no matutino, uma vez que o vespertino é constituído por alunos considerados pela maioria dos funcionários do Colégio como “marginais”, não no sentido pejorativo da palavra, mas como alguém que sempre está à margem daquilo que ele deseja e não consegue alcançar, por falta de oportunidades em sua vida.

Reestruturando os alunos numa faixa etária mais próxima, a interação poderá ocorrer de forma mais fluída, sendo todos os sextos (6º) e sétimos (7º) no mesmo horário, a probabilidade de interação é maior. Sendo assim, os alunos que apresentam um melhor desempenho não se concentrarão somente no turno matutino. Tanto no turno matutino quanto no vespertino, haverá alunos com bons desempenhos, criativos e comprometidos, que interagirão com os mais retraídos, envolvendo-os no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, contribuirá para a eliminação da visão preconceituosa que todos têm a respeito do turno vespertino, não será mais o turno destinado aos “maus alunos”, mas a todos os alunos do oitavo (8º) e nono (9º) ano.

A escola agindo da forma que está, reforça ainda mais a marginalização dos alunos das classes populares, não dão a eles a oportunidade de interagir, de se reconhecer como agente capaz de se transformar e se libertar da opressão dos dominadores, para isso é necessário que a escola seja realmente democrática. Porém, não uma democracia que privilegia apenas a classe dominante, a quem vem servindo há muito tempo. Sabemos a quem serviu essa democracia e quem se

beneficiou dela, quem vivenciou esses procedimentos democráticos no interior das escolas novas. Não foi o povo, não foram os operários, não foi o proletariado (SAVIANI, 2001).

A escola realmente necessita de transformação, de mudança, sobretudo, para beneficiar os desfavorecidos, que buscam nela, uma esperança pra sua dura realidade.

Os professores já esperam pouco do público decorrente das classes populares, não passam confiança e nem otimismo. Características deixadas pelas mudanças teóricas que ocorreram na história da educação. Ao considerar o ensino tradicional, ruim, inapropriado adotaram-se nas escolas novas teorias que possibilitassem o melhor desenvolvimento do aluno, um desenvolvimento completo, capaz de torná-lo crítico, porém essas novas teorias acabaram confundindo mais ainda os professores, que por um tempo perderam o rumo de sua prática, (SAVIANI, 2008) provocando o afrouxamento da disciplina e a despreocupação com a transmissão de conhecimentos, acabou a absorção do escolanovismo pelos professores por rebaixar o nível do ensino destinado às camadas populares, as quais muito frequentemente têm na escola o único meio de acesso ao conhecimento elaborado. Geralmente as consequências negativas incidem sobre os menos favorecidos, ao contrário do que ocorreu nas escolas públicas, em contrapartida, a “Escola Nova” aprimorou a qualidade do ensino destinado às elites. (SAVIANI, 2008).

Como se nota essa “despreocupação” na qualidade do ensino destinado às classes populares é histórica, e se consolidou no turno vespertino, o qual é, geralmente nas escolas públicas, destinado aos alunos das classes populares. Essa **Proposta de Intervenção Estrutural** sugerida visa à ruptura dessa imagem negativa do turno vespertino, já que ele será composto por alunos tanto das classes populares como da elite, por alunos da sede, como de povoados, tanto do centro como dos bairros periféricos. Não será mais possível selecionar alunos para o matutino, contudo, deve ainda se pensar e ter cuidado no agrupamento desses alunos por turma, para que essa seletividade não ocorra dentro do mesmo turno.

Justificando os alunos menores no turno matutino, temos como base a pesquisa realizada por Barbieri (2008), que conclui que alunos com idades menores apresentam melhores resultados no turno matutino, enquanto alunos com idade mais avançada apresentam melhor resultado no vespertino.

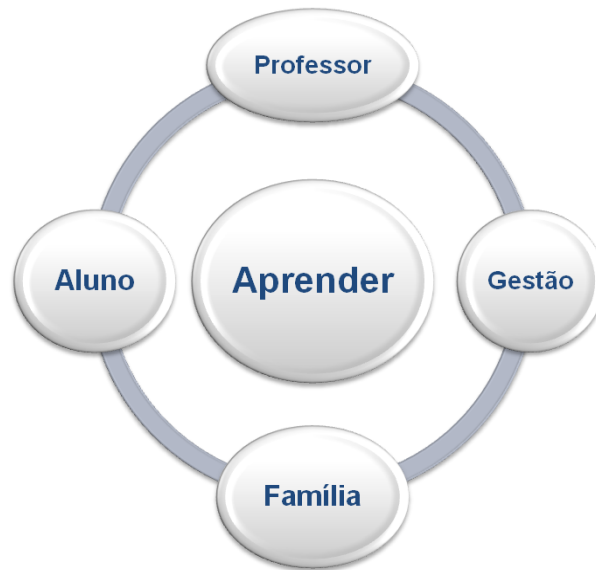
Os resultados deste estudo mostram que os estudantes matutinos com 11 anos de idade que estudavam no turno da manhã apresentaram um rendimento escolar superior aos outros estudantes matutinos que estudavam no turno da tarde e dos estudantes vespertinos do turno da manhã. Porém, no avançar da idade, foi observado que estudantes que apresentaram melhor rendimento escolar foram os matutinos que estudavam no turno da tarde. O rendimento escolar da amostra está de acordo com estudos realizados com alunos do Ensino Fundamental e Médio (Barbieri et al., 2007; Barbieri, 2008; Barin, 2011), de escolas e Municípios diferentes, no qual os estudantes matutinos mais novos apresentaram rendimento escolar superior no turno da manhã e os mais velhos apresentam rendimento escolar superior no turno da tarde. Os matutinos apresentaram em ambos os turnos rendimento escolar superior aos vespertinos. (BARBIERI, 2008, p. 367).

Portanto, pensando no melhor desempenho dos alunos, proponho o turno matutino para os menores, os 6º e 7º ano, que se constituem com alunos numa faixa etária de 10 a 13 anos, exceto alguns que apresentam uma defasagem na idade/série, os quais serão contemplados com aulas de reforço, especificados na proposta de intervenção pedagógica.

## 5.2 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: “*Todos no mesmo ideal*”.

Aprendizagem, é o que todo professor almeja para os alunos, e para isso inventa, inova, planeja, faz tudo que está ao seu alcance. Porém na maioria das vezes necessita de ajuda de seus colegas de trabalho, desse modo, elaborei essa intervenção pedagógica com o intuito de promover uma maior interação entre os professores, possibilitando atividades contextualizadas e interdisciplinares. Como é exemplificado na figura 9, para que essa intervenção aconteça efetivamente será necessário o empenho de todos, família, alunos, gestão e professores.

**Figura 12: Esquema da Intervenção Pedagógica**



A meta para a Intervenção pedagógica é que seja Implantado apoio pedagógico específico a partir de 2016 (a fim de garantir a aprendizagem plena de todos os alunos, que apresentem dificuldade na leitura e escrita, até o final da 2ª unidade) e mecanismos de avaliação profissional. A estratégia para que isso ocorra é estruturar o reforço pedagógicos nos 6º (sexto) ano, e implementar mecanismos de avaliação de professores de forma a detectar e corrigir as eventuais falhas no decorrer do processo de ensino-aprendizagem.

<b>DETALHAMENTO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO</b>	
<b>1.</b>	<b>INTERVENÇÕES NO ENSINO</b> - Contratação de coordenador, planejamento participativo, Avaliação do Ensino por pares.
<b>2.</b>	<b>INTERVENÇÕES NA APRENDIZAGEM</b> – Reforço

### 5.2.1 Intervenção na prática docente

Um dos agentes educacionais que tem um papel muito importante na escola é o coordenador pedagógico. Dentro de suas atribuições estão o planejamento, conduzir as reuniões pedagógicas, acompanhamento da ação pedagógica dos professores, acompanhamento das aprendizagens dos alunos por meio de avaliações internas e externas. O coordenador pedagógico é, primeiramente, um educador e como tal deve estar atento ao caráter pedagógico das relações de aprendizagem no interior da escola. Ele leva os professores a ressignificarem suas práticas, resgatando a autonomia docente sem, se desconsiderar a importância do trabalho coletivo. (FREIRE, 1982 apud MERCADO, s/d)

O docente vê no coordenador pedagógico um aliado, um articulador do processo de ensino e aprendizagem. Sua ausência pode causar uma desconexão das atividades docentes e cada professor trabalhar como lhe convém, transformando a escola num espaço de atividades individuais. Alguns professores têm habilidades na elaboração de atividades dinâmicas, interessantes e motivadas, outros são mais retraídos sem muita criatividade, o Coordenador pode e deve promover o diálogo, a interação e a troca de experiências entre esses professores.

Para que uma escola funcione perfeitamente e alcance seus objetivos é essencial que todos os seus agentes educacionais desempenhem seu papel com responsabilidade de modo integrado. A ruptura de um elo enfraquece a corrente, assim também é a escola, que pode ser prejudicada se alguém deixa de cumprir seu papel.

E quando na escola não conta com esse profissional a realidade é bem pior, o Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado funcionou por muitos anos com a ausência do coordenador pedagógico, e somente a partir do ano de 2014, foi contemplado com duas coordenadoras, porém, em 2015, por motivos administrativos, apenas uma permaneceu, cumprindo uma carga horária de 20 horas, portanto, apenas um turno foi contemplado com o coordenador, e não é muito difícil imaginar qual o turno, o matutino. Sendo o vespertino mais uma vez, vítima de uma ação de seletividade e exclusão. As atividades são propostas no turno matutino, e a coordenadora tem a “generosidade” de repassá-las de forma superficial à tarde, apesar das exigências e dos problemas serem maiores; elevado índice de reprovação, alunos mal alfabetizados, indisciplinados, desinteressados, entre outros

problemas. (MERCADO, S/D) O coordenador é aquele agente de transformação no cotidiano escolar, responsável pela construção e reconstrução da ação pedagógica.

Refletindo sobre o turno vespertino do Colégio Eufrásio, percebo a necessidade emergencial de reconstruir a ação pedagógica, é preciso rever as práticas dos docentes e articular da melhor forma possível, maneiras de resolver os problemas que afetam esse turno. Sensibilizar coordenadores, professores e alunos da importância do envolvimento e comprometimento de todos para a superação das dificuldades de aprendizagem, a melhoria na qualidade de ensino, e a ruptura de preconceitos, exclusão e discriminação aos alunos que estudam à tarde.

Como proposta interventiva numa perspectiva *Pedagógica*, é de extrema importância o papel do coordenador pedagógico, para o desenvolvimento e implantação da mesma. Ela se fundamenta em três dimensões propostas por Vasconcelos, (2006).

*Reflexiva* ao auxiliar na compreensão dos processos de aprendizagem; *organizativa* ao articular o trabalho dos diversos atores escolares; *conectiva* por possibilitar interrelação entre os professores, gestores, funcionários, pais e alunos; *interventiva* quando modifica algumas práticas arraigadas que não traduzem mais o ideal de escola e por fim, *avaliativa*, ao estabelecer a necessidade de repensar o processo educativo em busca de melhorias. (VASCONCELOS, 2006).

Detalhamento proposta para a aplicação:

- *Reflexiva* – A ideia é que Primeiramente se inicie um estudo detalhado dos problemas que ocorrem na escola, sobretudo no vespertino, que no momento dessa intervenção, não serão mais especificamente do turno vespertino, isto é, se antes conseguirmos implantar a intervenção estrutural sugerida acima. Nesse estudo serão analisados atas de resultados finais, relatórios de evasão, reprovação, defasagem idade/série, enfim indícios do fracasso escolar. Após a análise desses dados, será realizado um aprofundamento teórico, sob alguns autores relacionados ao fracasso escolar. Esse estudo será promovido para que induzam os professores a refletir sobre sua prática pedagógica, e como ela está contribuindo para o bom desempenho desses alunos.

- *Organizativa e conectiva* - Formar grupos de professores com disciplinas afins para planejamento e articulação de saberes e elaboração de projetos, para que a escola pense e aja no coletivo.
- *Interventiva* – Provocar os professores a inovar a prática pedagógica, a se livrar de hábitos e práticas obsoletas e excludentes, auxiliando-os no desenvolvimento de atividades coletivas.
- *Avaliativa* – Infelizmente alguns professores se negam às mudanças, se sentem acomodados em sua prática, porém, como diz Clarice Lispector, “*mudar é preciso, mas no processo de mudança, a direção é mais importante do que velocidade*”. O discurso é inovação, mas como mudar? Pra que mudar? Nem todos estão dispostos a mudar, o que fazer então? Após o desenvolvimento das ações explicitadas acima, é hora de intervir e transformar a realidade. Para a efetivação das ações propostas aconteça de fato, é preciso uma constante avaliação da prática docente, ninguém gosta de ser avaliado, mas infelizmente só fazemos “o dever de casa” se forem cobrados, portanto, o coordenador pedagógico deverá elaborar um plano de avaliação, não para intimidar o professor, mas para que seja cumprido o planejado. Avaliar sempre o processo de aprendizagem para detectar o que deu ou não certo e estabelecer metas e objetivos a serem alcançados em busca de melhorias do processo educativo.

O aluno é constantemente avaliado por indicadores externos à escola e pelo professor, e às vezes de forma incoerente. A avaliação tem sido vista pelos os alunos como um vilão que os desqualificam perante a turma, e pelos professores como uma ferramenta de punição, que às vezes sentem satisfação em reprovar os indisciplinados.

A avaliação não deve ser vista como um produto final, mas sim como um processo identificador, serve para identificar o que não foi aprendido, para que o professor possa rever suas metodologias e aperfeiçoar sua prática para que ocorra o aprendizado e o crescimento do aluno, melhorando a qualidade do ensino, assegurando a responsabilidade pelo desempenho em sala de aula. Porém o que se

tem visto na realidade não é avaliação, mas sim exames, (LUCKESI, 2002). O ato de avaliar tem seu foco na construção dos melhores resultados possíveis, enquanto o ato de examinar está centrado no julgamento de aprovação ou reprovação.

Avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória nem seletiva, ao contrário, é diagnóstica e inclusiva. O ato de examinar, por outro lado, é classificatório e seletivo e, por isso mesmo, excludente, já que não se destina à construção do melhor resultado possível; tem a ver, sim, com a classificação estática do que é examinado. (LUCKESI, 2002).

Porém, o que se tem notado é que muitos professores ignoram ou desconhecem o verdadeiro sentido da avaliação, examinam os alunos para lhe aplicar um conceito, uma nota que na maioria das vezes representa o fracasso, porém, nos leva a refletir, de quem é mesmo o fracasso, do professor que não conseguiu através de suas aulas fazer com que os alunos aprendam, ou do aluno, que não conseguiu pôr na prova o que o professor esperava?

Quando o professor se preocupa apenas em passar conteúdos, em cumprir a ementa, não percebe, ou não se importa com verdadeiro sentido da aprendizagem. Quando ocorre um elevado índice de reprovação, a primeira iniciativa é rever as metodologias, e começar novamente, agora de uma forma diferente, buscar estratégias que possibilite uma melhor aprendizagem. E é nessa hora que entra a figura do coordenador, como um articulador, ele ajudará o professor a detectar o problema a resolvê-lo. Contudo, com a sua ausência, o professor fica a mercê de suas próprias tentativas, busca ajuda em outros colegas, ou na direção, que na maioria das vezes desconhece a prática pedagógica.

Com a presença do coordenador, e a realização do passo a passo da ação interventiva proposta acima, os problemas serão detectados e por ações coletivas, resolvidos.

Para o acompanhamento e avaliação dos professores, a proposta é que sejam elaborados dispositivos de avaliação de desempenho profissional, para que sejam avaliados e acompanhados nos processos metodológicos, no planejamento das aulas e nos métodos de avaliação, observando suas eficácias no desenvolvimento e desempenho dos alunos. Dessa forma evita-se o descaso e a negligência de alguns professores que privam o aluno da devida aprendizagem. Ver *modelo do dispositivo de avaliação profissional em anexo*.



A ideia é que se escolha uma das turmas em que o professor trabalhe e peça aos alunos para avaliarem o professor preenchendo a ficha, que será recolhida e analisada pelo coordenador para elencar os pontos positivos e negativos de cada professor, e nas reuniões pedagógicas (coordenador e professores) apresentar e discutir os pontos comuns abordados pelos alunos, e os específicos serão apresentados e discutidos na individualmente, para que sejam analisados e resolvidos da melhor forma possível.

No decorrer da aplicação desse projeto de intervenção, a depender da necessidade, outras ideias podem e devem ser acrescentadas pelo corpo docente, para que consigamos a desejada qualidade do ensino no Colégio. Trabalhando dessa forma, com dados concretos e reais, pesquisando e conhecendo melhor a opinião dos alunos e dos professores, as possibilidades de sucesso são bem maiores.

### 5.2.2 Intervenção na aprendizagem

São muitas as reclamações dos professores sobre as dificuldades dos alunos, sobretudo, na leitura e escrita. Essas dificuldades são percebidas em maior proporção nos alunos oriundos dos grupos populares, filhos de pais analfabetos e com um baixo nível cultural, portanto, esses alunos só tem a escola como aliada para lhe proporcionar o reforço pedagógico que tanto necessita. A sugestão é que a coordenação juntamente com os professores, inicialmente faça um relatório de todos os alunos que apresentam maiores dificuldades na leitura e escrita, e encaminhe-os para o reforço escolar, que será disponibilizado no turno oposto para os alunos da sede, e no mesmo horário para os alunos de povoados, devido à impossibilidade desses, virem no turno oposto.

O acompanhamento desses alunos será feito numa específica, preparada para proporcionar um ambiente aconchegante e acolhedor, uma *sala alfabetizadora*, isto é, em um ambiente alfabetizador, que de acordo com Teberosky (2003),

“é aquele em que há uma cultura letrada, com livros, textos - digitais ou em papel - um mundo de escritos que circulam socialmente. A comunidade que usa a todo o momento esses escritos, que faz circular idéias que eles contêm, é chamada alfabetizadora”. (TEBEROSKY, 2003).

Os alunos serão agrupados de acordo com suas dificuldades e faixa etária, terão acompanhamento por uma professora com experiência em alfabetizar, para que não ocorra o mesmo que ocorre no programa Mais Educação, em que são atendidos por monitores inexperientes e sem nenhuma prática em alfabetizar.

Através desse reforço será dado ao aluno o acompanhamento adequado promovendo um melhor desempenho e compreensão da linguagem escrita, de modo a atender as múltiplas demandas educacionais e sociais, que o aluno, além de alfabetizado, seja capaz de fazer uso da leitura e escrita em práticas sociais.

Infelizmente os alunos que moram em povoados, não tem como participar desse reforço em horário oposto, portanto, esses alunos serão conduzidos à sala de reforço nas duas aulas de português, já que a disciplina é composta por quatro aulas semanais, sendo que o professor alfabetizador desenvolverá suas atividades em consonância com o professor de português, para que seja desenvolvido um trabalho dentro do conteúdo planejado, para que os alunos não perca o ritmo da turma.

### 5.3. INTERVENÇÃO SOCIAL

Figura 13: Representação da diversidade cultural dos alunos



rubenildopereira.blogspot

“Na essência somos iguais, nas diferenças nos respeitamos” como diz Santo Agostinho, é essencial que aprendamos a respeitar o próximo em sua diferenças, valorizar o seu modo de ser, criar e agir, afinal não somos cópias fiéis uns dos outro, temos diferenças que devem ser respeitadas. A figura 13 encontrada na internet, foi

escolhida por apresentar semelhanças ao público do Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado, que é composto por alunos de todas as classes sociais, cor, crença e gênero, entretanto na imagem todos estão próximos, juntos, o que não ocorre no Colégio, já que são separados por uma classe dominadora e excludente, que tentam homogeneizar os turnos, separando os alunos de acordo com aspectos econômicos, sociais e/ou culturais.

A Meta para essa Intervenção é promover a interação, (re) conhecimento e respeito mútuo, ampliar e garantir atitudes e valores norteadores do convívio em sociedade. A estratégia para alcançar o objetivo desejado é: desenvolver oficinas a fim de proporcionar um diálogo aberto entre escola e comunidade, para que ocorra a valorização da diversidade, bem como o respeito às diferenças socioculturais de maneira dinâmica e criativa, onde cada um expressará seus talentos, suas memórias, valores, afetos e desejos.

A mais complexa de todas as intervenções. Por se tratar de aspectos sociais, essa intervenção requer maior empenho de todos os agentes envolvidos na educação. Uma intervenção nessa amplitude requer esforço, boa vontade, doação, envolvimento sensibilidade e voluntariedade, não só dos professores, mas da direção, dos alunos, da gestão pública e essencialmente das famílias. É humanamente impossível conseguir êxito, se for desenvolvido apenas por um professor.

A escola como elemento social, tem sido desafiada cotidianamente em articular o conhecimento científico e saberes populares com a realidade social do aluno. Os professores enfrentam a cada dia, barreiras impostas por problemas alheios à escola, porém inerente a ela, já que a mesma é composta por componentes sociais de diversos grupos ou classes. Nesse sentido, é essencial e fundamental que se conheça a realidade e necessidades sociais dos alunos. Conhecendo melhor a realidade do alunado a escola tem maiores possibilidades de desenvolver um trabalho inovador, que desperte o interesse dos envolvidos, que os conteúdos trabalhados seja coerentes com a realidade dos mesmos. É preciso manter uma relação de intimidade, interesses em comum entre escola, a família e comunidade. Diminuindo as distâncias que separam a instituição das famílias, sobretudo as pertencentes às classes populares.

A escola é influenciada cotidianamente pelos fatores sociais, é nela que se elabora o conhecimento e se fortalece os valores sociais dos sujeitos, portanto

precisa preparar não só os alunos para viverem e atuarem na sociedade, mas também as famílias. Para que a escola possa desempenhar o seu papel político, ela deve desenvolver o senso crítico do aluno, precisando estar em sintonia não só com a realidade do aluno, como também com a realidade da comunidade na qual ela se encontra inserida.

Sendo assim, é preciso respeitar a realidade social, econômica e cultural dos alunos, é a partir dessa realidade que se deve trabalhar, propiciando a participação não só da família, mas também de associações comunitárias, grupos de melhoria, entre outras instituições comunitárias envolvidas no processo de ensino/aprendizagem. São no interior da escola e no cotidiano dos seus alunos, que se configuram as diferentes expressões sociais.

O professor, no seu dia a dia, é quem mais convive com as mais diferentes manifestações sociais dentro do contexto escolar. São perceptíveis durante as aulas, as frustrações que os alunos trazem de casa, problemas rotineiros da vida, como desemprego, violência, subemprego, baixa renda, fome, habitação inadequada, drogas, negligências dos pais, violência doméstica, trabalho infantil e pobreza. Além de conviver com isso diariamente, os alunos das classes populares ainda tem que enfrentar as desigualdades sociais, discriminações e exclusões dentro da escola.

A escola, assim como a sociedade, também exclui e seleciona. Dificilmente o aluno se sentirá bem em um ambiente que lhe trata de forma preconceituosa, reprovando seus hábitos, seus valores e sua cultura. A escola precisa assumir a identidade de seus alunos, tentar se adaptar e promover a interação e o respeito entre eles. Atualmente o trabalho do professor vai além da sala de aula, ele deve considerar aspectos socioeconômicos e culturais de seus alunos, pensar na forma de trabalhar as situações vivenciadas por eles, em seu cotidiano.

A minoria dos alunos do Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado, é do centro. Contudo, é a essa minoria que se voltam às atenções, o respeito e os privilégios. Sendo a maioria refém da discriminação e exclusão desses que se estabeleceram como classe dominante na escola.

Para que ocorra o bom desempenho do aluno ele deve se desenvolver em todos os aspectos, de maneira integral. Para isso é de fundamental importância que ele se sinta parte integrante desse processo, que se sinta respeitado e valorizado por professores e colegas.

Essa proposta de intervenção social se baseia na formação integral do aluno, vai além de um programa, mas se efetiva num verdadeiro sentido de integração, de conectividade, de união, agregação de cultura, princípios e valores.

Na intervenção social proponho a elaboração de um projeto numa dimensão lúdica, a ideia é que esse projeto seja desenvolvido em parceria, escola, família e comunidade, para que os alunos conheçam e se interajam com o mundo em volta. ,

Esse projeto (em anexo) promoverá a interação e a socialização entre os alunos da sede, dos bairros periféricos e especialmente dos povoados, para que os mesmos se sintam integrantes do espaço escolar, abolindo o sentimento de exclusão e discriminação que envolve os alunos desses segmentos, que são mais acentuados atualmente no turno vespertino. Objetiva-se é que essa proposta faça parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, para que seja desenvolvido semestralmente envolvendo toda a escola e comunidades envolvidas.

Convivência é a base do ser social, pertencer a grupos, reconhecer-se num contexto, construir histórias, crenças e valores, respeitar as diversidades são caminhos que devem ser percorridos por todos seres sociáveis. Desse modo a escola é uma oportunidade de vivência e afirmação de atitudes e valores, que se fortalecem no dia a dia e desperta novos valores e saberes a serem conquistados. A importância da vida, do respeito mútuo, solidariedade e cooperação são fundamentos básicos para uma boa convivência em comunidade.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: Finalizando o primeiro passo

Lembro-me da infância, das palavras de minha mãe... “*vai pra escola pra virar gente*”, hoje compreendo melhor àquelas palavras, “virar gente” para ela, era se tornar uma pessoa culta, respeitada, uma pessoa capaz de vencer as adversidades socioeconômicas impostas por uma sociedade cruel e capitalista. Pois bem, agora sou educadora, e me pergunto em que tenho contribuído para que meus alunos se tornem “gente”?

O tema desse estudo partiu das angústias cotidianas de uma professora ainda apaixonada por seu trabalho realizado no Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado, desde 2009. Uso a expressão “ainda”, por presenciar muitos professores insatisfeitos com sua profissão, pelas injustiças, perseguições, descasos, desinteresses dos alunos e a desilusão de lutar em vão. Ver seus sonhos sendo frustrados desanima qualquer profissional, mais ainda o professor, que mantém uma relação tão próxima aos alunos, vivencia na prática, no seu dia a dia, os sonhos de seus alunos serem desfeitos por falta de incentivo, tanto da escola como da família.

Esse estudo me proporcionou “mergulhar” em teorias e saberes que me embasaram para o aprimoramento de minha prática. Agora volto meu olhar para a escola de forma diferente, vejo os problemas por outra ótica, consigo enxergar além do que está explícito, e que as relações que mantemos com os alunos vão além da sala de aula. De certa forma contribuimos direta ou indiretamente também na vida pessoal de nossos alunos.

O estudo das diferenças na qualidade do ensino e aprendizagem entre os turnos matutino e vespertino revelou a importância de buscar sempre um novo olhar sobre nossos alunos, sobretudo os oriundos das classes populares, que mais necessitam da nossa atenção, é preciso diferenciar o ensino, dedicar mais tempo e mais recursos para ajudar os menos favorecidos (PERRENOUD, 2010.p 49). Dificilmente o professor conseguirá atender a todos da mesma forma, porém aprendi que é preciso tentar, pelo menos nivelar o ensino, mantendo um nível de aproximação da turma.

Percebi que os problemas revelados no cotidiano escolar vão além dos muros da escola, são provocados tanto por agentes educacionais quanto sociais, porém se acentuam de forma mais intensa em aspectos socioculturais. Por muito tempo foi

negado aos alunos das camadas mais pobres a afirmação de seus direitos, o respeito às diferenças, o reconhecimento e a valorização de seus saberes. Entretanto esses problemas foram se consolidando no Colégio, sobretudo no vespertino, tornando-o mal visto por todos, sendo direcionada a ele, toda forma de preconceito e discriminação.

Diferentemente de outros trabalhos de conclusão de curso, vi nesse, a possibilidade que faltava para intervir nessa situação tão desagradável que aflige o Colégio. Inicialmente todos sugeriram que eu mudasse de tema, visto que seria muito complicado intervir, já que são influenciados por fatores socioeconômicos e culturais. Compreendo como projeto de intervenção, um plano de ações que busque solucionar problemas relacionados à nossa prática. Compreendo que esse projeto se baseia apenas na sugestão da proposta, já que a aplicação está além de nossas competências, ou seja, para a aplicação da proposta de intervenção, não depende apenas da boa vontade dos professores e gestão escolar, mas também da aprovação da gestão pública, uma vez que dependeria de investimentos e recursos para sua implantação.

Esperamos que a presente proposta possa contribuir com a qualidade do ensino/aprendizagem dos alunos do Colégio, que é de maior relevância no Município, com o maior número de alunos dos anos finais do ensino fundamental.

A presente Proposta de Intervenção é uma forma de combater os processos de exclusão social existentes no colégio, e ainda promover o respeito, a cooperação, os valores e mais ainda, reflexões sobre as práticas docentes, não só nessa instituição, mas em toda a rede escolar municipal.

A partir do estudo foi possível observar refletido nos alunos do vespertino o descaso, a insegurança, a incapacidade de lutar, de reclamar seus direitos, o sentimento de inferioridade e de não pertencimento à escola. Nesse sentido, educação oferecida no Colégio age contra a igualdade de direitos. É preciso que se resgate o seu papel como um espaço onde os alunos sejam respeitados em direitos e deveres, participem ativamente de todo o processo de ensino-aprendizagem oferecido na escola, sem limitações, rejeições e/ou exclusões, independentemente de sua cor/raça, etnia e a que classe social pertence. Para contribuir com a democratização do Colégio, é necessário repensar a prática e as crenças dos professores, é preciso desmistificar que os fatores econômicos, classe social ou cor são determinantes para a aprendizagem dos alunos.

Todos dizem que a educação transforma, porém deve-se ter consciência que essa transformação deve ser para melhor, deve transformar a vida das pessoas positivamente, tornar os alunos mais críticos, sensíveis às injustiças e acima de tudo, torná-los mais humanos. As adversidades do cotidiano dos nossos alunos, já tornam suas vidas mais difíceis, e se os mesmos encontram na escola as mesmas barreiras, que estímulos terão para prosseguir?

Freire deixa o desafio, a educadores e educadoras, que resistam aos projetos de educação desumanizadores, construam uma nova educação que não esteja somente baseada na vocação ontológica dos seres humanos de serem mais, mas que possa criar condições reais para o seu cumprimento (JUNIOR e NOGUEIRA, 2011). A responsabilidade de transformação está em nossas mãos, não somos capazes de tudo, porém somos capazes de fazer a diferença, se cada um se propuser em fazer diferente, em fazer melhor, em se empenhar na luta a favor dos desfavorecidos, já estaremos transformando realidades.

Com a aplicação dessa proposta de intervenção acredito que proporcionará um melhora significativa na qualidade do ensino do Colégio, rompendo com paradigmas preconceituosos, discriminatórios e seletivos, que foram construídos no seu contexto histórico e social, desde sua constituição. O que se espera é que a discussão desse assunto favoreça não somente o diálogo, mas propicie tomadas de iniciativas contundentes com vistas a reparar os danos causados ao turno vespertino.



## 7. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

**ACCORSSI, A, SCARPARO, H., & GUARESCHI, P.** A naturalização da pobreza: reflexões sobre a formação do pensamento social. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 536-546. 2012.

**ALVES, Rubem.** O PAPEL DO PROFESSOR. Disponível em < <http://charlezine.com.br/papel-professor-rubem-alves//>> Acesso em 07 de agost. 2015.

**ANDRÉ, M.** Etnografia da prática escolar. São Paulo: Papirus, 2005 a.

**ANTUNES, C.** Professores e professauros: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

**BARBIERI, M.** Finimundi. (2008). A influência do ritmo biológico no rendimento escolar de alunos de uma Escola do Município de Farroupilha – RS. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. ULBRA, Canoas.

**CARVALHO, Arlena M. Cruz.** ALCANÇANDO O SUCESSO ESCOLAR: FATORES QUE AUXILIAM NESTA CONQUISTA. PUC-Rio. Rio de Janeiro/RJ, 2010. (artigo foi baseado na dissertação de mestrado da mesma autora).

**CAVALCANTI, Lana de Souza.** A GEOGRAFIA ESCOLAR E A CIDADE: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. 3 Ed. Campinas, São Paulo: editora Papirus, 2010. p.48.

**CODO Wanderley; MENEZES Iône Vasques. BURNOUT:** sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação. Cadernos da Saúde do trabalhador LPT/IP/UnB. Editora kingraf. *Outubro 2000*.

**DORNELES, Vargas Beatriz.** EDUCAÇÃO IGUAL PARA TODOS? Revista Pátio, Ed 55, outubro 2010. Disponível em <https://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/6328/educacao-igual-para-todos.aspx>. Acessado 05 de agosto de 2015.

**DUARTE, Karina; ROSSI, Karla; RODRIGUES, Fabiana.** O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA SEGUNDO EMILIA FERREIRO. In: FERREIRO, Emilia. Alfabetização em Processo. São Paulo: Ed.Cortez, 1996. ISSN: 1678-300X. 144 p. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Pedagogia/aprocesso\\_alfab\\_ferreiro.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Pedagogia/aprocesso_alfab_ferreiro.pdf) Acessado em 23 de julho 2013.

**FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda.** Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 214.

**FIALE**, Luciana Amaral. Fracasso Escolar: Família, escola e a contribuição da Psicopedagogia. S/d. Disponível em: [http://www.unifai.edu.br/publicacoes/artigos\\_cientificos/alunos/pos\\_graduacao/18.pdf](http://www.unifai.edu.br/publicacoes/artigos_cientificos/alunos/pos_graduacao/18.pdf)  
Acesso em: 20 de maio de 2015.

**FREIRE**, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

**FREIRE**, Paulo. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: Saberes necessários á prática educativa. 48ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

**GADOTTI** Moacir. QUALIDADE NA EDUCAÇÃO: UMA NOVA ABORDAGEM. Congresso de Educação Básica: Qualidade na Aprendizagem. Florianópolis, 2013.

**JOÃO**, Adriano São. **SILVA**, João Henrique. **BORDIEU: escola e dominação**. Revista Filosofia, Ano VII, nº 95- Junho, p.15-23. São Paulo Ed. Lafonte, 2014.

**JÚNIOR**, Ebenezer da Silva Melo; **NOGUEIRA**, Marlice de Oliveira. **A HUMANIZAÇÃO DO SER HUMANO EM PAULO FREIRE: a busca do “ser mais”**. Revista Formação@Docente – Belo Horizonte – vol. 3, no 1.Dezembro 2011.

**LUCKESI**, Cipriano Carlos. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA E A QUESTÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. Disponível em: [www.luckesi.com.br](http://www.luckesi.com.br). Acesso em 15 de Agosto de 2015.

**MACEDO**, Roberto Sidnei. A ETNOPESQUISA CRÍTICA E MULTIRREFERENCIAL NAS CIÊNCIAS HUMANAS E NA EDUCAÇÃO. 2ª ed. Salvador-BA: Edufba, 2004.

**MÁRQUEZ**, Gabriel Garcia. O que são mesmo as memórias? 2002. Disponível em: [https://sextasdocarlosdemoraes.wordpress.com/2014/07/09/revisando-o-que-sao-mesmo-as-memorias/#\\_ftn1](https://sextasdocarlosdemoraes.wordpress.com/2014/07/09/revisando-o-que-sao-mesmo-as-memorias/#_ftn1). Acesso em 19 de agosto de 2015.

**MERCADO**, Elisangela. O papel do coordenador pedagógico como articulador do processo ensino e aprendizagem: reflexões sobre o conselho de classe. PESQUISA EM EDUCAÇÃO: DESENVOLVIMENTO, ÉTICA, E RESPONSABILIDADE SOCIAL. 1981. (Universidade Federal de Alagoas - UFAL).

**NOGUEIRA**, Maria Alice Nogueira; Catani, Afrânio. (Orgs.) (1998). Pierre Bourdieu. Escritos em Educação. Petrópolis: Vozes.

**PEREIRA** Adriana S. Alves. SUCESSO ESCOLAR DE ALUNOS DOS MEIOS POPULARES: MOBILIZAÇÃO PESSOAL E ESTRATÉGIAS FAMILIARES. PUC Minas, Belo Horizonte, 2015. (Dissertação de Mestrado).

**PERRENOUD**, Philippe. A PEDAGOGIA NA ESCOLA DAS DIFERENÇAS: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre, Ed. Artmed, 2001.

**REHDER, MARIA.** Educação pública não é igual para todos. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/noticia.php?it=9090>. Acessado em 04 de Janeiro de 2016.

**SANTOS, André Michel.** As contribuições do Serviço Social para a realidade escolar do Brasil. Assistente Social da Rede Marista de Educação e Solidariedade do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/as-contribuicoes-servico-social-para-realidade-escolar-.htm>. Acesso em 15 de agosto de 2015.

**SANTOS, Júlio C. F..** O papel do professor na promoção da aprendizagem significativa. **(s/d)**. Pró-Reitor Acadêmico da UNIABEU, RJ. Rio de Janeiro.

**SAVIANI, Dermeval.** Escola e democracia / Dermeval Saviani. - Campinas, SP: Autores Associados, 2008. - (Coleção educação contemporânea).

**TEBEROSKY, Ana.** Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista. Porto Alegre: 2003.


**TEZA, Pierry. MIGUEZ, B. Viviane, FERNANDES R. Fabiano SOUZA J. Artu DANDOLINI G. Aparecida, ABREU F. Aline. GERAÇÃO DE IDEIAS: APLICAÇÃO DA TÉCNICA WORLD CAFÉ.** ISSN 2316-6517, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 1-14, jul/out, 2013.

**VIANA, Nildo.** NATURALIZAÇÃO E DESNATURALIZAÇÃO: o dilema da negação prático Crítica. Revista Espaço Livre. Vol. 8, num. 15, jan. jun./2013 ISSN 2316-3011.

**ANEXOS**

## FICHA DO DESEMPENHO PROFISSIONAL

**AGORA É SUA VEZ DE AVALIAR!**  
**Avalie seu professor...**



### COLÉGIO EUFRÁSIO VILELA DOURADO

NOME DO PROFESSOR AVALIADO:

DISCIPLINA:

CURSO/ANO:

MARQUE A ALTERNATIVA QUE CORRESPONDE AO SEU PROFESSOR		
	SIM	NÃO
Demonstra sensibilidade diante das diferenças culturais		
Comunica-se de uma forma clara e fácil de entender		
Promove a participação dos alunos		
É receptivo e está aberto a novas ideias		
Mostra entusiasmo pela sua disciplina		
Utiliza exemplos úteis para explicar sua disciplina		
Possui um conhecimento avançado da sua disciplina		
Prepara as aulas		
Torna as aulas entretidas e ao mesmo tempo didáticas		
Aplica as avaliações coerentes com o conteúdo trabalhado		
Usa metodologias que favorece o aprendizado		
Utiliza instrumentos tecnológicos em suas aulas		
Respeita os alunos		
Trata os alunos de forma diferenciada		
Demonstra preconceito com aluno		
Desenvolve atividades dinâmicas		
Trabalha com projetos		
Trabalha conteúdos atualizados		
Utiliza outros recursos, além do livro didático		
Tira as dúvidas dos alunos quando solicitada		

## **PROJETO: “COLHENDO MEMÓRIAS”**

### **✓ JUSTIFICATIVA**

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar. (Mandela, 1995).

Essa belíssima frase de Mandela já seria o bastante para justificar esse projeto. As crianças não nascem odiando, os adultos é que as ensina odiar.

Estranhar o diferente é uma reação comum do ser humano, todos nós estranhamos o novo, o desconhecido, esse estranhamento não é considerado um sentimento ruim, porém, pode vir a se tornar, quando imbuímos juízo de valor negativo, quando fazemos pré- julgamento do desconhecido, vindo a se tornar preconceito. No sentido da palavra preconceito, é o conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério. Cabe aos pais e educadores intervir para mostrar que é preciso aceitar as diferenças e conviver em harmonia com elas, as pessoas são diferentes e têm o direito de serem respeitadas nessas diferenças. “Afinal, ser diferente é normal”.

Diante disso e do histórico de reprovação, evasão e fracasso escolar na maioria das vezes dos alunos dos grupos populares, é necessário intervir nas relações sociais do colégio Eufrásio, para que as discriminações e exclusões existentes nesse cotidiano sejam extintas. Pensando nisso, esse projeto justifica-se pela urgência em abolir a discriminação e a exclusão, e promover nos alunos desta escola, sobretudo aos dos povoados e dos bairros periféricos, o sentimento de pertencimento, não só ao colégio, mas, também ao Município de Ibititá, promovendo mais interação, reconhecimento e autoconfiança entre os alunos.

### **OBJETIVO GERAL**

- ✓ Promover a interação e a socialização entre os alunos da sede, dos bairros periféricos e especialmente dos povoados, para que os mesmos se sintam integrantes do cotidiano escolar, abolindo o

sentimento de exclusão e discriminação que envolve os alunos dos povoados, que são mais acentuados atualmente no turno vespertino.

### *OBJETIVOS ESPECÍFICOS*

- ✓ Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- ✓ Conhecer características fundamentais do Brasil e do Município, nas dimensões sociais, econômicas e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- ✓ Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- ✓ Compreender a cidadania como participação social e política, assim como o exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio, às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- ✓ Formar grupos para atuarem no projeto na elaboração de oficinas;
- ✓ Organizar oficinas que proporcione a interação entre os alunos e seus familiares;
- ✓ Desenvolver nos alunos valores e competências necessárias à integração de sociedade em que se situa;
- ✓ Aprimorar o educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento de autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- ✓ Desenvolver nos alunos competências para continuar aprendendo, de forma autônoma e crítica em níveis mais complexos de estudos.
- ✓ Promover encontros das famílias e alunos para troca de experiências e saberes, tanto na sede quanto nos povoados;

- ✓ Apresentar manifestações culturais específicos de cada comunidade;

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ensinar é uma prática social, uma ação cultural, pois se concretiza na interação entre professores e alunos, refletindo a cultura e os contextos sociais a que pertence. (Freire, 1974). Pensando nessa interação, pretende-se com esse projeto, promover a interação entre os alunos, quebrando barreiras e limitações impostas por preconceitos historicamente construídos no cotidiano desse colégio.

Essa proposta tem a pretensão de atender os alunos do 6º e 7º ano, (matutino) e 8º e 9º ano (vespertino) do Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado, considerando que no momento de implantação desse projeto, os turnos/horários já estejam estruturados de acordo com a proposta de **intervenção estrutural**.

Os responsáveis para realização desse projeto serão os professores, a coordenação pedagógica e a gestão. O projeto terá a duração de quatro semanas, sendo cada semana voltada a um tipo de atividade. Inicialmente serão formados grupos de professores, para que sejam distribuídas essas atividades, os grupos serão compostos por professores que apresentarem afinidades com cada tipo de atividade. As atividades serão distribuídas da seguinte forma:

### ➤ **Ativ. 1ª Oficina: “Diálogos culturais”**

As oficinas são momentos de troca de experiências, de saberes e espaços de aprendizagem, em que os participantes se expressam livremente, sendo assim, o tema da oficina deve ser envolvente e interessante, para que todos os participantes se sintam atraídos e motivados a participar. Desse modo os temas propostos nas oficinas serão de acordo com o cotidiano dos alunos, com suas relações interpessoais dentro e fora da escola. Considerando os problemas dialogados nesse projeto, trabalharemos nas oficinas temas como preconceito, discriminação, identidades e diferenças socioculturais.

O projeto “COLHENDO MEMÓRIAS” será desenvolvido em quatro etapas, ou seja, em **três oficinas** e por último uma **Amostra Cultural** sendo a culminância do projeto. A primeira oficina será realizada no Colégio Eufrásio, e acontecerá nos



turnos matutino e vespertino, inicialmente envolverá apenas os alunos e professores.

**1º momento:** Será mais reflexiva e informativa, pretende-se nessa oficina dialogar com os alunos, será uma apresentação do projeto, os alunos serão informados como se procederá todo o projeto, quem serão os envolvidos e quais temas serão discutidos, enfim serão passadas todas as informações.

**2º momento:** Dialogar sobre o preconceito, organizar mesas e utilizar a técnica do “Wordcafé”, cada grupo de alunos irá dialogar sobre o tema, organizar e apresentar situações em que já tenham sofrido preconceito dentro da escola. Após cada apresentação será aberto espaços de discussões a respeito da forma de preconceito retratado.

**3º momento:** Ainda em grupos os alunos irão sugerir formas de eliminar o preconceito, elaborando cartazes que serão expostos no pátio da escola.

Essa primeira oficina promoverá o (re) conhecimento do outro, os alunos terão a oportunidade de expor as formas de preconceito que sofrem dentro da escola, e externar suas opiniões e conhecer a dos outros a respeito do assunto. Dessa forma o aluno deverá reconhecer o quanto o preconceito magoa e prejudica a vítima.

➤ **Ativ. 2ª Oficina na comunidade: “Memórias do Lugar”**

A segunda oficina promoverá maior interação dos alunos com as comunidades, intitulada de **“Memória de lugar”** tem como objetivo o reconhecimento da cultura do outro, formas de trabalho, hábitos, sonhos e expectativas, e ainda a elaboração de um livro de memórias. Os alunos terão a oportunidade de visitar as comunidades, as quais possuem alunos estudando no colégio.

“Se ter um velho amigo é bom, ter uma amigo velho é ainda melhor” (BOSI. 2003). Todos nós temos lembranças que constituem as nossas memórias, o nosso passado, quanto mais tempo você vive, mais lembranças se acumulam, por isso ter um amigo velho lhe dá a possibilidade de conhecer o passado e conviver melhor no presente. E será essa, a intenção dessa oficina, investigar as memórias do lugar, mergulhar planejadamente, durante um determinado tempo na cultura do outro, na história da comunidade.

A oficina deve ser antecipadamente planejada e organizada com representantes da comunidade, professores do local, líderes comunitários, líderes religiosos entre outros. Durante as visitas os alunos terão a oportunidade de dialogar com as pessoas da comunidade, investigando o seu conhecimento sobre a história daquela localidade, como foi formada, se as famílias se reúnem ou se reuniam para contar histórias, e solicitar que alguém lhes conte alguma, para ser registrada no livro de memórias. As informações serão coletadas pelos alunos através de conversas com a comunidade e registradas por fotos, gravadores e filmadoras. O uso desses equipamentos e das informações coletadas deverá ser previamente autorizado pelas pessoas participantes.

➤ **Atv. 3ª oficina: “Tecendo os fios das memórias”**

Após a coleta de informações, imagens, vídeos, enfim, depois de colher as “memórias”, chegará a hora de “tecer os fios”, tornar as lembranças imortais, escrever a história. Essa última oficina será realizada na escola com os alunos e professores. É chegada a hora de rever o que foi coletado por todos os alunos e organizar as produções. Serão montados grupos de alunos de acordo com as comunidades visitadas, cada grupo contará com um ou mais professores orientadores, que conduzirão a oficina de produção da escrita. Serão transcritos e corrigidos todo o material coletado, os vídeos serão editados, as fotos selecionadas, e os textos com as memórias serão digitados e corrigidos para impressão. A oficina “tecendo os fios das memórias” será uma verdadeira fábrica de produções textuais.

Posteriormente às edições, os professores responsáveis irão planejar e organizar juntamente com os alunos a última etapa do projeto - a amostra cultural.

➤ **Atv. “Amostra Cultural”**

Nessa última etapa do projeto, tudo que foi trabalhado será exposto e apresentado, contará com a participação de todos os envolvidos e convidados. Cada comunidade deverá apresentar danças, músicas, pinturas, tricô, narração de contos, histórias, piadas, etc. Cada apresentação ficará a critério da comunidade, tendo como única exigência que seja apresentada pelos pais e filhos/alunos de cada comunidade. Por ex: Será uma apresentação por cada povoado, bairro e centro.

Não será uma competição, mas uma socialização cultural. Nesse contexto, as famílias têm protagonismo, ao realizar atividades com os estudantes, quando são chamadas para dar entrevistas, fazer depoimentos, contar “causos” e histórias, abordar as mais diversas manifestações culturais da comunidade.

Esse momento possibilitará que cada grupo social mostrará sua cultura, seus costumes, seus hábitos. Interagindo com os seus membros em outros contextos e em outros espaços. Serão montados stands para exposição das fotos de todos os momentos do projeto, dos livros das memórias e objetos antigos ou atuais relacionadas às histórias contadas.

Além dessas, terão outras apresentações organizadas pelos professores e alunos, relacionadas aos temas trabalhados nas oficinas.

#### ➤ **MATERIAIS E RECURSOS NECESSÁRIOS**

- Bloco de notas;
- Caneta ou lápis;
- Máquina fotográfica ou celular;
- Filmadoras;
- Papel cartão;
- Papel metro;
- Pincéis atômicos;
- Folhas de papel ofício;
- Transporte para alunos;
- Alimentação;
- Data show;
- Computador;
- Xérox;
- Barbante;
- Cola;
- Tesoura;

#### ➤ **PÚBLICO ALVO**

- O projeto será desenvolvido com os alunos do 6º ao 9º ano do colégio Eufrásio Vilela Dourado, com todos os pais e comunidade.

➤ **DURAÇÃO DO PROJETO**

- A sugestão é que o projeto seja desenvolvido em quatro etapas, sendo uma etapa por semana, portanto o projeto terá duração de um mês.

**CRONOGRAMA FÍSICO DE EXECUÇÃO DO PROJETO**

Implantação da Proposta Interventiva, distribuição das etapas a serem realizada em 2016.

<b>CRONOGRAMA PARA IMPLANTAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO - 2016</b>						
<b>ETAPAS</b>	<b>MESES</b>					
	1	2	3	4	5	6
<b>Implantação da intervenção estrutural</b>	x	x				
<b>Implantação da Proposta intervenção Pedagógica</b>		x	x	x		
<b>Levantamento dos alunos que participarão do reforço</b>		x	x			
<b>Reuniões pedagógicas para reflexões sobre a prática</b>		x	x	x	x	x
<b>Implantação da Interventiva Social</b>		x			x	
<b>Realização da 1ª oficina</b>					x	
<b>Realização da 2ª oficina</b>					x	
<b>Realização da 3ª oficina</b>					x	
<b>Realização da Amostra cultural</b>					x	

## MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ.

### ADULTO

Neste ato, \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, portador da Cédula de identidade RG nº. \_\_\_\_\_, inscrito no CPF sob nº \_\_\_\_\_, residente à Av/Rua \_\_\_\_\_, nº. \_\_\_\_\_, Município de \_\_\_\_\_, BAHIA.

AUTORIZO o uso de minha imagem e voz, em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada na Amostra Cultural do Projeto “Colhendo Memórias”, que acontecerá na cidade de Ibititá-Ba, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; folhetos em geral (encartes, catálogo, etc.); (II) folder de apresentação; (III) anúncios em revistas e jornais em geral; (IV) cartazes; (VI) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros). Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

\_\_\_\_\_, dia \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

## MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

### CRIANÇA

\_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, menor de idade, neste ato devidamente representado por seu (sua) (responsável legal), \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, portador da Cédula de identidade RG nº. \_\_\_\_\_, inscrito no CPF/MF sob nº \_\_\_\_\_, residente à Av/Rua \_\_\_\_\_, nº.\_\_\_\_, Município de \_\_\_\_\_/. BAHIA. AUTORIZO o uso de minha imagem e voz, em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada na Amostra Cultural do Projeto “Colhendo Memórias”, que acontecerá na cidade de Ibititá-Ba, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; folhetos em geral (encartes, catálogo, etc.); (II) folder de apresentação; (III) anúncios em revistas e jornais em geral; (IV) cartazes; (VI) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros). Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

\_\_\_\_\_, dia \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

(assinatura)

Nome da criança:

Por seu Responsável Legal:

Telefone p/ contato: